

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CAMPUS SÃO MATEUS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

CLAUDIA ALVES SILVA

**A CULTURA POPULAR E O DIÁLOGO COM A ESCOLA NA VILA
DE ITAÚNAS, CONCEIÇÃO DA BARRA/ES**

SÃO MATEUS – 2023

CLAUDIA ALVES SILVA

**A CULTURA POPULAR E O DIÁLOGO COM A ESCOLA NA VILA
DE ITAÚNAS, CONCEIÇÃO DA BARRA/ES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro Universitário Norte do Espírito Santo (CEUNES) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino da Educação Básica.

Orientador (a): Prof.^a Dra. Maria Alayde Alcantara Salim

SÃO MATEUS – 2023

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

S586c Silva, Claudia Alves, 1962-
A cultura popular e o diálogo com a escola na Vila de
Itaúnas, Conceição da Barra/ES / Claudia Alves Silva. - 2023.
140 f. : il.

Orientadora: Maria Alayde de Alcântara Salim.
Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) -
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário
Norte do Espírito Santo.

I. Salim, Maria Alayde de Alcântara. II. Universidade Federal
do Espírito Santo. Centro Universitário Norte do Espírito Santo.
III. Título.

CDU: 37

CLAUDIA ALVES SILVA

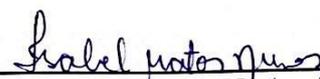
**A CULTURA POPULAR E O DIÁLOGO COM A ESCOLA NA VILA DE
ITAÚNAS, CONCEIÇÃO DA BARRA/ES**

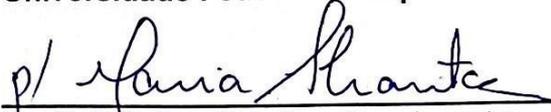
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Aprovada em 24 de maio de 2023.

COMISSÃO EXAMINADORA


Prof.^a. Dr.^a. Maria Alayde Alcântara
Salim
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora


Prof.^a. Dr.^a. Isabel Matos Nunes
Universidade Federal do Espírito Santo


Prof.^a. Dr.^a. Ana Cristina Nascimento
Givigi
Universidade Federal do Recôncavo da
Bahia

AGRADECIMENTOS

Ao nosso Deus, criador do céu e da terra, por ter me dado força, persistência e perseverança, que durante 10 anos, em quase desistência, segurando em suas mãos, me iluminou, e hoje, com a graça deste Deus maravilhoso, realizo mais um sonho da minha vida, que é finalizar o Mestrado em Ensino da Educação Básica. Obrigada meu Deus!

Aos meus pais Anelito Agostinho da Silva e Maria Eni Alves Silva (In Memorians), que muito me incentivaram enquanto estiveram nesse mundo;

Aos meus amores da vida, que é minha filha Danielle Alves Silva e a netinha Olívia, e meu genro Alexei, pelo apoio constante e que acreditam na minha capacidade de educadora na busca em ser Mestre;

Ao meu amigo, marido e companheiro Benedito dos Santos Guimarães, que por muitas vezes não deixou que eu desistisse, me consolando com seu amor, carinho e incentivo nessa jornada;

Aos meus familiares, irmãs e amigos que muito me incentivaram nas horas mais difíceis da minha vida;

A minha orientadora professora Dr^a. Maria Alayde Alcântara Salim, que um anjo a iluminou, que por muitas vezes usou de sua paciência, além de sua dedicação, competência e especial atenção nas revisões e sugestões para conclusão deste trabalho;

A professora Dr^a Ana Cristina Nascimento Givigi (Kiki), com sua colaboração e sugestões ao participar da Banca para Qualificação;

Ao Gestor do Parque Estadual de Itaúnas (2018 a 2022), o Sr. Tarcilei Gonçalves de São José, por abrir as portas da instituição e me conceder acesso à biblioteca e, muitas vezes, me incentivando à pesquisa.

A todos os professores do mestrado que, de alguma forma, contribuíram para minha formação como Mestre;

Aos meus amigos do Mestrado, por compartilharmos os saberes das disciplinas e construirmos novos conhecimentos para a ciência e pesquisa;

A toda a equipe da EMEF “Benônio Falcão de Gouveia”, em especial a professora de História, Mariana dos Santos, e aos alunos do 8º Ano (séries finais), pela participação direta na pesquisa;

Aos Mestres e brincantes da Vila de Itaúnas e os (as) festeiros (as), que compartilham dos seus saberes, proporcionando ensinamentos através de suas experiências, contribuindo para um fortalecimento da cultura local;

A professora e pedagoga Veratriz Souto Campos, que por várias vezes se dispôs, a participar das entrevistas, colaborando dessa forma com a pesquisa;

Por fim, um agradecimento especial a uma amiga que, no fundo da alma, serei eternamente grata pela sua amizade, seu carinho, paciência, que, por muitas vezes, me atendeu em sua residência para repasse de ensinamentos que contribuíram para minha formação enquanto profissional e estudante no curso do Mestrado na Educação Básica, e hoje me tornar Mestre. Abraços eternos, minha amiga, professora Dr^a. Isabel de Matos Nunes.

Gratidão eterna!!

[...] Em trinta anos apenas
Ficou tudo soterrado
Só o mastro apontava
O que fizeram de errado
Marco que atestava
Que tudo fora encerrado

Do outro lado do rio
Fizeram outra morada
E olhavam com tristeza
Para a vila soterrada
Aquilo foi com certeza
Alguma praga jogada

Pro povo era um mistério
O que tinha acontecido
Procurava se lembrar
De pecado cometido
Que veio a vida alterar
Se a fé tinham perdido

(FONSECA, 1980, p. 13)

RESUMO

O presente estudo investigou a cultura popular e o diálogo com a escola na vila de Itaúnas, Conceição da Barra ES. Focalizou especialmente os grupos culturais existentes na vila, suas manifestações e o respeito à cultura local, aspecto sem dúvida, de relevância acerca da aprendizagem e práticas pedagógicas num contexto escolar. A metodologia seguiu os pressupostos da abordagem qualitativa do tipo etnográfica, de acordo com Ludke e André (1986), utilizando as técnicas de entrevistas, observação e grupo focal. As reflexões teóricas foram norteadas pelos estudos de Clifford Geertz (1985), Michel de Certeau (1982), Roger Chartier (1990, 1995) e Peter Burke (2004), na abordagem dos conceitos relativos à cultura e práticas culturais. No levantamento sobre os estudos sobre a cultura local, destacaram-se os trabalhos de Hermógenes Lima da Fonseca (1980), Guilherme Santos Neves (2008) e Maciel de Aguiar (1995). De acordo com o resultado do estudo, foi possível identificar que existe um diálogo entre a cultura popular e a escola. Na investigação com os alunos, verificou-se que existe interesse em relação à diversidade cultural proposta nas atividades pedagógicas, estabelecendo um diálogo com os grupos culturais existentes na vila e a escola, com o intuito de potencializar e fortalecer a cultura popular.

Palavras-chave: Itaúnas. Cultura Popular. Ensino.

RESUMEN

El presente estudio investigó la cultura popular y el diálogo con la escuela en la aldea de Itaúnas, Conceição da Barra ES. Se enfocó especialmente en los grupos culturales existentes en la aldea, sus manifestaciones y el respeto por la cultura local, aspecto que sin duda es de relevancia en cuanto a aprendizajes y prácticas pedagógicas en un contexto escolar. La metodología siguió los presupuestos del enfoque cualitativo etnográfico, según Ludke y André (1986), utilizando técnicas de entrevista, observación y grupo focal. Las reflexiones teóricas fueron guiadas por los estudios de Clifford Geertz (1985), Michel de Certeau (1982), Roger Chartier (1990, 1995) y Peter Burke (2004), en el abordaje de conceptos relacionados con la cultura y las prácticas culturales. En la encuesta sobre estudios sobre la cultura local, se destacaron los trabajos de Hermógenes Lima da Fonseca (1980), Guilherme Santos Neves (2008) y Maciel de Aguiar (1995). De acuerdo con el resultado del estudio, fue posible identificar que existe un diálogo entre la cultura popular y la escuela. En la investigación con los estudiantes se verificó que existe interés en relación a la diversidad cultural propuesta en las actividades pedagógicas, estableciendo un diálogo con los grupos culturales existentes en la vereda y la escuela, con el objetivo de potenciar y fortalecer la cultura popular.

Palabras clave: Itaúnas. Cultura popular. Enseñando

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Figura 1 – O forró na mercearia do Sr. Astor em 1989	18
Figura 2 – Ensaio do grupo Ticumbi em 1989.....	18
Figura 3 – Localização de Conceição da Barra no Estado do Espírito Santo.....	26
Figura 4 – Unidades de Conservação Conceição da Barra.....	30
Figura 5 – Localização de Itaúnas (Conceição da Barra) no Espírito Santo.....	31
Figura 6 – Vista da entrada para o vilarejo Aldeia	33
Figura 7 – Vista da entrada para a casa do Sr. Paulo Jacó.....	33
Figura 8 – Lagoa em 1989.....	34
Figura 9 – Lagoa em 1994.....	34
Figura 10 – Vila da Itaúnas Antiga (19..).....	35
Figura 11 – Mastro da igreja da Itaúnas Antiga (19..).....	35
Figura 12 – Ilha de balseiros no rio de Itaúnas (19..).....	36
Figura 13 – Vista da ponte de concreto para as dunas em 1983.....	36
Figura 14 – Vista da ponte de concreto para a vila.....	37
Figura 15 – Ponte sobre o rio Itaúnas.....	37
Figura 16 – Dona Cidalina (19..).....	39
Figura 17 – Pulchério Alves dos Santos (Sr. Antero) (19..).....	39
Figura 18 – Mapa mental retratando os anos de 1989 e 1990 - 1º momento.....	40
Figura 19 – Mapa elaborado através do programa Layout do SketchUp 2º momento.....	40
Figura 20 – Placa do tombamento “Patrimônio da Humanidade – UNESCO” – 1992.....	42
Figura 21 – Entrada do Forró de Itaúnas.....	43
Figura 22 – Entrada do Forró Buraco Tatu.....	43
Figura 23 – Vila Show Itaúnas.....	44
Figura 24 – Forró da Padaria.....	44
Figura 25 – Quadra poliesportiva.....	45
Figura 26 e 27 – Campo de futebol - Centro Esportivo Recreativo Itaúnas.....	45
Figura 28 – Percorso através do rio, do Sítio Sr. Ravis até a ponte em Itaúnas.....	50
Figura 29 – Percorso do Sítio do Sr. Ravis até o Porto de São Benedito, na fazenda Negreiros (Cabral).....	51
Figura 30 – Percorso do Porto São Benedito até a ponte em Itaúnas.....	51
Figura 31 – Cortejo dos grupos culturais.....	52
Figura 32 – Chegada do grupo Ticumbi na ponte.....	52

Figura 33 – A festa de São Benedito e São Sebastião, em 2018.....	52
Figura 34 – “Baile de Congo de São Benedito” (19..).....	54
Figura 35 – Mestre do Ticumbi do Bongado, Sr. Anízio Ribeiro.....	56
Figura 36 – Mestre Anízio com o grupo Ticumbi do Bongado.....	57
Figura 37 – Ensaio geral do grupo Ticumbi de Itaúnas, no sítio do Sr. Ravis.....	58
Figura 38 – Mestre João Quemode descendo da canoa.....	59
Figura 39 – As imagens de São Benedito e São Sebastião.....	60
Figura 40 – Procissão pela vila.....	60
Figura 41 – Enterrando o mastro.....	60
Figura 42 – O mastro enterrado.....	60
Figura 43 – Grupo Ticumbi de Itaúnas e seu Mestre João Quemode.....	61
Figura 44 e 45 – Apresentação do Grupo Ticumbi de Itaúnas.....	62
Figura 46 – Andrônimo Antônio Martins com o reco-reco (19..).....	67
Figura 47 – Antônio Martins e a imagem de São Benedito (19..).....	67
Figura 48 – Beatriz Martins Lemos e o Mestre Caboquinho.....	67
Figura 49 – Apresentação do Ticumbi de Santa Clara.....	68
Figura 50 – Imagem de São Benedito.....	68
Figura 51 – Apresentação do Alardo.....	72
Figura 52 – Lucas Maia e Preto Velho, os integrantes que estão tocando o tambor.....	74
Figura 53 – Grupo de Jongo das Mulheres e o Mestre Preto Velho.....	75
Figura 54 e 55 – O Grupo Reis de Boi em apresentação.....	79
Figura 56 – Vaqueiro Pai Francisco.....	80
Figura 57 – Catirina.....	80
Figura 58 – O Boi vivo.....	81
Figura 59 – O Boi morto.....	81
Figura 60 – A Loba.....	82
Figura 61 – O cachorrinho.....	82
Figura 62 – O chupa-cabra.....	82
Figuras 63 – Seu pai.....	82
Figura 64 – Lucas ministrando a oficina.....	84
Figura 65 – Lucas ensinando a dodrar o papelão.....	84
Figura 66 – Lucas e a 1ª máscara.....	84
Figura 67 – As máscaras.....	84
Figura 68 – Sua mãe.....	85

Figura 69 – Seu pai.....	85
Figura 70 – Sr. Silva, Sr. Vernezita (segurando a Sanfona) e D. ^a Amélia.....	86
Figura 71 – Ensaio do Samba de São Benedito.....	87
Figura 72 – Apresentação do Samba de São Benedito.....	87
Figura 73 – Tocadores do grupo do Samba.....	87
Figura 74 – Mestre Raoni e seus alunos.....	90
Figura 75 – Roda de Capoeira Grupo Abadá.....	90
Figura 76 – Maria Inês Loureiro e o grupo Ticumbi de Santa Clara.....	92
Figura 77 – Apresentação dos grupos no dia da feijoada.....	92
Figura 78 – Convidados na casa da festeira.....	92
Figuras 79 e 80 – Os grupos culturais no dia da feijoada na casa da festeira.....	92
Figura 81 – Chapéu decorado do Reis de Boi.....	94
Figura 82 – Escola Municipal “Benônio Falcão de Gouveia” em 1989.....	96
Figura 83 – EMEF “Benônio Falcão de Gouveia” em 2007.....	98
Figuras 84 e 85 – EMEF “Benônio Falcão de Gouveia” em 2018.....	98
Figura 86 – Slogan criado pelos alunos da EMEF “Benônio Falcão de Gouveia”.....	100
Figura 87 – Erialdo Plotegher e a Sra. Veratriz junto ao grupo de Jongo das alunas.....	101
Figura 88 – Erialdo Plotegher, a Sra. Veratriz e Mestre Anízio, com o grupo Ticumbi dos alunos.....	101
Figuras 89 e 90 – Mestre Lucas e as oficinas com as professoras.....	102
Figuras 91 e 92 – Mestre Lucas e as oficinas com os alunos.....	103
Figuras 93 e 94 – Mestre Anízio e Mestre Antônio e as oficinas dos pandeiros.....	103
Figura 95 – Apresentação do grupo Ticumbi dos alunos.....	104
Figura 96 – Mestre Anízio ensaiando o grupo Reis de Boi Mirim dos alunos.....	104
Figuras 97 e 98 – Trabalhos e vestuário elaborados pelos alunos através das oficinas sobre os grupos culturais.....	105
Figura 99 – Escola organizada para culminância do projeto: “Diversidade Cultural na Escola”.....	106
Figura 100 – Vista da frente da EMEF “Benônio Falcão de Gouveia”.....	107
Figura 101 – Apresentação do Reis de Boi (alunas).....	115
Figura 102 – Pesquisa pintura em telas.....	115
Figura 103 – Pintura em telhas.....	116
Figura 104 – Gastronomia africana.....	116

LISTA DE SIGLAS

APA - Área de Proteção Ambiental

CESAN – Companhia Espírito-Santense de Saneamento

CEUNES – Centro Universitário do Espírito Santo

CRAS - Centro de Referência de Assistência Social

DCNs – Diretrizes Curriculares Nacional Para a Educação Básica

DER-ES – Departamento de Edificações e Rodovias do Espírito Santo

EM – Escola Municipal

EMPG – Escola Municipal do 1º Grau

EMEF – Escola Municipal do Ensino Fundamental

EEEM – Escola Estadual do Ensino Médio

ES – Espírito Santo

FLONA - Floresta Nacional

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PAR - Plano de Ações Articuladas

PPP – Projeto Político Pedagógico

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PEI – Parque Estadual de Itaúnas

PMCB – Prefeitura Municipal de Conceição da Barra

PNMCB - Parque Natural Municipal de Conceição da Barra

PPGEEB – Programa Pós-Graduação Em Ensino Na Educação Básica

REBIO - Reserva Biológica

RPPN - Reserva Particular do Patrimônio Natural

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UFES – Universidade Federal Do Espírito Santo

UC – Unidade de Conservação

SEME-CB – Secretaria Municipal de Educação de Conceição da Barra

SUMÁRIO

CAPÍTULO I

1 INTRODUÇÃO.....	16
1.2 METODOLOGIA.....	23

CAPÍTULO II

2 A HISTÓRIA E A CULTURA DA VILA DE ITAÚNAS.....	26
2.1 A VILA.....	30
2.1.2 A vila que conheci (1989)	37
2.2 A CULTURA.....	46
2.3 PRINCIPAIS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DA VILA.....	49
2.3.1 TICUMBI – (BAILE DE CONGO DE SÃO BENEDITO).....	53
2.3.1.1 Ticumbi do Bongado.....	56
2.3.1.2 Ticumbi de Itaúnas.....	57
2.3.1.3 Ticumbi de Santa Clara.....	62
2.3.2 ALARDO.....	68
2.3.3 JONGO.....	72
2.3.4 REIS DE BOI.....	75
2.3.4.1 Os personagens e a brincadeira.....	79
2.3.4.2 A oficina dos bichos.....	82
2.3.5 SAMBA DE SÃO BENEDITO.....	85
2.3.6 CAPOEIRA.....	87
2.4 OS (AS) FESTEROS (AS) TEM UM DESTAQUE NA CULTURA LOCAL.....	90

CAPÍTULO III

3 A ESCOLA, OS PROJETOS E AS OFICINAS.....	95
3.1 A CONSTRUÇÃO DOS DADOS A PARTIR DA ESCOLA E DA SALA DE AULA.....	107
3.1.1 OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA.....	110
3.1.2 GRUPO FOCAL COM OS ALUNOS.....	116
3.2 CONCLUSÃO.....	122
REFERÊNCIAS.....	124
APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM O MORADOR DA ALDEIA.....	129

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM A DIRETORA DA EMEF “BENÔNIO FALCÃO DE GOUVEIA”, NO PERÍODO DE (2008 A 2019).....	130
APÊNDICE C – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM OS MESTRES DOS GRUPOS CULTURAIS.....	131
APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE.....	133
APÊNDICE E – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ PARA MENORES DE IDADE.....	135
APÊNDICE F – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM A FESTEIRA (MADRINHA) DO GRUPO CULTURAL.....	136
APÊNDICE G – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM A DIRETORA DA EMEF “BENÔNIO FALCÃO DE GOUVEIA”, NO PERÍODO DE 2019 ATÉ A PRESENTE DATA.....	137
APÊNDICE H – CULMINÂNCIA DAS AULAS SOBRE “AS CONTRIBUIÇÕES DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA”.....	138
APÊNDICE I – ROTEIRO PARA NORTEAR O ENCONTRO COM O GRUPO FOCAL COMPOSTO DE 8 ALUNOS.....	139

1 INTRODUÇÃO

Em 1987, quando pisei pela primeira vez na Vila Itaúnas, senti a misticidade que ali existe e logo imaginei: “um dia irei morar neste lugar! ”. Geertz descreve, nesse sentido, que [...] o que se encontra em pequenas cidades e vilas é (por sinal) a vida de pequenas cidades e vilas (GEERTZ, 1989, p. 15), exatamente o que me fascinou.

Dois anos depois, já tinha fixado residência na vila. A vila com duas ruas paralelas de barro batido e uma iluminação fraca de luzes amarelas incandescentes, que tornavam as ruas escuras, de forma que quase não se enxergava nada à noite. Para Geertz, [...] os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...), eles estudam nas aldeias, (...) “isso não faz do lugar o que você está estudando (GEERTZ, 1989, p. 16). Norteada, então, pela perspectiva do autor, proponho um estudo em Itaúnas.

As inquietações e o interesse pelo tema proposto foram provocados por residir na Vila de Itaúnas, local com mais ou menos 1.800 habitantes, onde atuei como professora, supervisora pedagógica e diretora escolar por mais de 15 anos. Experiências que muito contribuíram para minha constituição enquanto professora do Ensino Fundamental e Profissional na área da educação.

Esse fascínio por Itaúnas, Conceição da Barra/ES, supera a possibilidade do contato com a natureza e com a simplicidade de uma singela Vila, pois a curiosidade e afinidade foram evocadas pelas festividades culturais que emanam por entre as ruas da cidade, despertando a atenção de turistas, visitantes e moradores.

Em fevereiro de 1989, saí de Belo Horizonte, Minas Gerais, repleta de expectativas, direto para residir na Vila de Itaúnas, com minha filha, Danielle, com pouco mais de quatro anos de idade, prestes a completar cinco. Morávamos numa casa de tábuas, assim como a maioria das casas naquela época, eram de estuque¹ e tábuas, ou seja, casas de pescadores, que, com o passar do tempo, os moradores nativos vendiam suas casas para os poucos turistas que ali chegavam. Ainda nos dias de hoje, esse movimento continua, porém, numa maior proporção, devido ao progresso que chegou através do asfalto, ao qual, construções foram se edificando numa intensidade tamanha, que o crescimento desenfreado ia se tornando.

Eu, naquele momento, era recém-formada em Pedagogia, curso de licenciatura plena, habilitada para Magistério de 1ª a 4ª séries, Magistério das Matérias Pedagógicas do 2º Grau e

¹ Massa preparada de barro batido, muito utilizado nas construções das casas da vila.

Supervisão Escolar do 1º e 2º graus, que obtive na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte, no Estado de Minas Gerais.

Na vila, havia uma escola municipal, e veio à minha mente procurar a prefeitura, localizada na sede² de Conceição da Barra, para entregar meu currículo e esperar uma oportunidade de trabalho na escola.

O percurso da Vila de Itáunas até à sede se fazia por uma estrada de barro batido, totalizando 28 km, com uma extensa plantação de eucaliptos fazendo um sombreamento de um lado e de outro, que se confundia e não se percebiam os vastos buracos que havia na estrada. Muitas vezes, ficávamos atolados em meio à estrada, no período de ocorrência das chuvas fortes.

Minha inserção na Escola Municipal Benônio Falcão de Gouveia se deu em março, desse mesmo ano, como professora alfabetizadora da 1ª série do 1º Grau. Fui muito bem recebida pela diretora e pelos alunos; as salas de aula tinham em média 28 alunos, havia quatro turmas, uma de 1ª série, uma de 2ª série, uma de 3ª série e uma de 4ª série.

Éramos quatro professoras, uma diretora e uma merendeira, mas todos colaboravam com a limpeza e arrumação da escola. A cada dia que passava, ia realizando meu trabalho e vivenciando as relações sociais e culturais daquela comunidade nos embates e nos confrontos. Devagar, me inseri no cotidiano da vila, que, através de muitas indagações e trocas de experiências, permitiu-me um novo aprendizado, me oportunizando a aprender a lidar com a realidade da comunidade.

Com o passar dos anos, fui acompanhando o crescimento e desenvolvimento escolar das crianças, ensinando e conhecendo as famílias em geral, através de seus costumes, valores e conceitos, fortalecendo laços de afetividade e, assim, me integrando à comunidade.

Além do trabalho do dia a dia, nos finais de semana, meu lazer era caminhar na praia. Durante as noites, ouvia-se um batido de pandeiros, agraciando um forró, podendo ser considerado uma tradição³ cultural explorada pelos moradores. Nessa época, o forró era apenas com as pessoas do lugar e os poucos turistas que ali chegavam. Não havia música eletrônica, nem bandas, eram os próprios moradores que faziam o forró acontecer, como Paulo e seu pandeiro, Caboquinho com sua viola, um e outro morador tocando o triângulo e reco-reco.

² Termo utilizado para referir ao município de Conceição da Barra (centro) e toda vez que for mencionado a palavra sede, estarei me referindo ao centro da cidade de Conceição da Barra.

³ Termo utilizado para referir a “tradição inventada”, que segundo Hobsbawm, “[...] entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado” (HOBSBAWM, 1984, p. 9).

Eu me lembro de que esse “forrozinho” acontecia em dois lugares: na mercearia do Sr. Astor, um espaço com muretas nas quais as pessoas se assentavam para observar as outras dançarem; e no bar do Coco, localizado à beira do rio, com paisagem belíssima para as dunas. Desse forró participavam crianças, adultos ou velhos.

Figura 1 - O forró na mercearia do Sr. Astor, em 1989



Fonte: Foto cedida pelo gestor do PEI.

Ouvia-se, também, um outro som de pandeiros de uma forma ensaiada para apresentação. Eu mesma não sabia e nem entendia do que se tratava e exatamente que som era aquele, se era algum grupo específico ou simplesmente algumas pessoas reunidas tocando instrumentos.

Figura 2 - Ensaio do grupo cultural do Ticumbi, em 1989



Fonte: Foto cedida pelo gestor do PEI.

Só mais tarde, depois de alguns anos de convivência com os moradores, é que fiquei sabendo que aquele batido de pandeiros pertencia a um grupo do Ticumbi (Bongado), e os ensaios eram bem animados, sempre com muita fartura de comida e bebida para todos que ali chegavam.

No trabalho de campo da pesquisa, dentre as questões da entrevista com um dos mestres dos grupos culturais existentes na vila, o Sr. Angelo Camillo, mais conhecido como Caboquinho, perguntei-lhe: “Caboquinho, o senhor veio lá da Itaúnas Antiga⁴, já existia grupo folclórico lá? ”. Pôde-se confirmar o seguinte: [...] pelo amor de Deus! Oh, Claudia, lá que era coisa bonita, e repetiu com ênfase, [...] lá que era coisa bonita, não era aqui (CAMILLO, 82 anos, 2022). Pôde-se perceber o encantamento em seus olhos, e o brilho refletindo quase em uma lágrima. Mesmo assim, Caboquinho continuou:

[...] lá é o seguinte: chegava canoa lá em Itaúnas com aquele pleito muito grande, a comunidade, o pessoal do município, adorava a brincadeira, mas adorava mesmo! Era três dias de festa, sabe, o Baile de Congo de São Benedito, que é Baile de Congo dos Bongado, que é o primeirinho de todos, lá da escravidão, então isso aí era uma coisa mais muito importante, que hoje, hoje aqui, Claudia, falo pra você e te dou prova, a comunidade Itaúnas, ela não adota brincadeira não, tá mais fácil quem vem de fora adotar do que a própria comunidade, algumas pessoas (...) (CAMILLO, 82 anos, 2022) (informação verbal).

Outras duas confirmações, também alcançadas em entrevistas, vieram à tona com Sr. Anízio Ribeiro, mestre de um dos grupos do Ticumbi. Ele deixou bem claro que o Ticumbi do Bongado é o primeiro grupo cultural de Itaúnas. Quando perguntei por que o nome de Ticumbi do Bongado, ele foi dizendo: [...] é do Bongado porque, lá no sítio, o pai de Pedro Bongado chamava Manoel Bongado, aí foi o sobrenome dele, Pedro Bongado José dos Santos. Eu indaguei perguntando: “então quer dizer que o senhor é a terceira geração?” [...] sou a terceira geração! (RIBEIRO, 75 anos, 2022) (informação verbal).

Além disso, um outro mestre do grupo cultural Reis de Boi, o Lucas Maia, destaca em sua fala que,

Ticumbi do Bongado, que é o mais antigo, e o Ticumbi de Itaúnas; só para explicar, o de Itaúnas é mais novo porque foi criado dentro da vila de Itaúnas. O do Bongado o mais antigo, e chama Bongado porque foi criado no quilombo do Bongado, lá no Sertão de Itaúnas, fica mais ou menos uns 17 km afastados da vila, que era onde ficava a senzala do Barão de Timbuí⁵, então, lá foi criado o Ticumbi do Bongado,

⁴ Vila antes do soterramento, encoberta pela areia. Posteriormente, foi reconstruída uma nova Vila, do outro lado, às margens do rio, que corresponde a atual vila de Itaúnas.

⁵ O fazendeiro Olindo Gomes dos Santos Paiva, o então Barão de Timbuí, político capixaba, um dos homens mais ricos do império, nascido em São Mateus, nos primeiros anos do século XIX. Deixou contribuições importantes para a nossa história como: um dos financiadores do telégrafo no Brasil (1852). Possuía várias posses (a vila de Itaúnas teria surgido de uma de suas fazendas), solteiro e ostentava um título de nobreza. Faleceu no ano de 1883. Fonte: A Tribuna (29/07/2007), Morro do Moreno.

pelo escravo chamado Manoel Bongado, contam os antigos, não sabe se ele criou, mas ele foi o mestre mais importante da época da escravidão. E o Ticumbi de Itaúnas foi criado pelo mestre Antero⁶, já dentro da vila de Itaúnas” (MAIA, 31 anos, 2022) (informação verbal).

Com o passar dos tempos, por conta da minha curiosidade, observei e, aos poucos, percebi a importância da cultura popular existente na vila através dos grupos culturais, assim, fui tecendo relações de afinidade junto a essas manifestações populares.

Permaneci na Escola Municipal Benônio Falcão de Gouveia por mais de 15 anos atuando como professora, supervisora pedagógica e diretora escolar. No ano de 2008, fui convidada para trabalhar na Secretaria Municipal de Educação de Conceição da Barra/ES - (SEME-CB), localizada na sede do município, como Gerente de Programas e Projetos Educacionais (Federal, Estadual e Municipal) e como Coordenadora do Plano de Ações Articuladas – (PAR), acrescentando, então, uma experiência ímpar à minha formação profissional.

Em 2016, fui convidada para assumir a direção escolar em uma outra comunidade remanescente de quilombolas, localizada no bairro de Santana, na Escola Municipal de Ensino Fundamental – EMEF “Professora Deolinda Lage”, no mesmo município, o que se configurou um desafio enorme na minha vida, enquanto profissional na área da Educação.

Dessa forma, meu interesse para estudo aflorou ainda mais ao ouvir o batido dos pandeiros e tambores, que entoavam as canções populares e grupos culturais, como Reis de Boi, Jongo, realizando seus ensaios e representações na Comunidade de Santana. Essa experiência delineou meu desejo em desenvolver uma pesquisa para investigar as relações entre a escola e a cultura popular, pois, como observou Candau (2011, p. 242), [...] ter presente a dimensão cultural é imprescindível para potencializar processos de aprendizagem significativos e produtivos para todos os alunos e alunas.

Nessas idas e vindas de Itaúnas para Sede de Conceição da Barra para trabalhar, utilizava o transporte coletivo em um percurso de 23 km. Dessa maneira, fui construindo meus pensamentos para amadurecer o propósito da pesquisa.

No ano de 2019, devido à pandemia da COVID-19⁷, fui remanejada para trabalhar novamente em Itaúnas, por causa do deslocamento, todos os dias, em transporte coletivo,

⁶ Pulchério Alves dos Santos (conhecido como Sr. Antero).

⁷ [...] é uma infecção respiração aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV2- (betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas em pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan-China em dezembro de 2019), potencialmente grave, e transmissibilidade e de distribuição global. Fonte: www.gov.br

assim, comecei a me adaptar em um isolamento social, sem poder transitar, mantendo o distanciamento das pessoas, de modo que o inesperado e o imprevisível aconteceram.

Escolas, faculdades e tantos outros empreendimentos tiveram que fechar suas portas e um nova era tecnológica surgiu, com a qual professores, velhos ou novos, tiveram que se adaptar e (re)aprender o novo método de compartilhar e construir suas ideias e seus saberes. Ao mesmo tempo que se destrói, se constrói um novo ensino e uma nova forma de se trabalhar, aderindo-se ao *home office*⁸, explorando as possíveis e inimagináveis ferramentas de modo remoto. Isso passou a ser o cotidiano dos seres humanos.

Segundo Morin (2000), a incerteza é histórica, e nos faz pensar como tantos acontecimentos do passado e futuro são impensáveis e incertos de acontecer. Nessa lógica, [...] o futuro chama-se incerteza (MORIN, 2000, p. 79). Foi necessário, assim, que, a cada dia, nos reinventássemos a uma vida instável e, sobretudo, acreditar em um mundo melhor.

Retomando a apresentação do tema da pesquisa, notamos que com os Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCNs (BRASIL, 1997), abriu-se um leque para que a diversidade cultural humana ocupasse um lugar na escola, abrangendo os Temas Transversais, como história afrodescendente, história dos indígenas, história dos quilombolas, dentre tantos outros temas. Com a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira através da Lei Nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003, e ainda, em todos os níveis de ensino, busca-se a valorização e promoção do respeito à diversidade do nosso país.

Com base nessa busca, é de suma importância que o professor construa um novo olhar sobre a história, seja, nacional ou regional, ressaltando a contribuição dos povos africanos e das populações afrodescendentes na construção da nação brasileira, ressalto também, que cinco anos mais tarde, com a Lei Nº 11.645, foi instituída a obrigatoriedade do ensino de história e cultura indígena.

Desse modo, podemos enfatizar que a cultura popular ocupa um lugar de destaque no ensino, dando sua contribuição para a compreensão a respeito da diversidade de comportamentos culturais, escolhas políticas ou religiosas, aceitação e compreensão das desigualdades sociais em relação a uma sociedade mais justa e igualitária. Nesse sentido, a história popular pode emergir por meio da cultura trazida a partir dessas manifestações de grupos culturais inseridas no meio escolar.

⁸ [...] é exatamente ter uma estrutura de trabalho no ambiente doméstico, local onde todas as suas atividades profissionais são realizadas. Trabalho remoto, trabalho à distância ou teletrabalho são algumas variações do *home office*. Fonte: <https://ead.pucpr.br/blog/trabalho-home-office>

Sendo assim, como estimular e ampliar o conhecimento sobre a cultura popular, levando-se em consideração os grupos culturais locais? Como trabalhar no currículo escolar as práticas culturais de um município? O que são essas práticas culturais? Como o estudo do passado pode se relacionar com a realidade do presente? Como priorizar a história e a cultura local?

Essas questões são centrais na problematização do tema proposto, pelo fato de o município de Conceição da Barra ser palco de uma riqueza histórica e cultural, no âmbito das manifestações e diversidades culturais. Nesse contexto, consideramos de fundamental relevância entender a relação desse trabalho de recriação e produção de práticas culturais, nas escolas, com a aprendizagem e formação dos estudantes.

Este trabalho, sendo assim, tem como sustentação a abordagem teórico-crítica, sobretudo numa linha de pensamento de autores, como Clifford Geertz (1989), Michel de Certeau (1982), (1995), Marc Bloch (2001), Peter Burke (2004) e Roger Chartier (1990, 1995), fornecendo-nos ferramentas para compreender práticas culturais, bem como fenômenos históricos, movimentos sociais, culturas populares. O estudo sobre as manifestações da cultura popular teve como referência os trabalhos de Maciel de Aguiar (1995), Guilherme Santos Neves (2008) e Hermógenes Lima Fonseca (1980, 1993), natural de Conceição da Barra, considerado um dos maiores folcloristas e incansáveis pesquisadores da cultura popular capixaba, apropriando-se dos mais variados conhecimentos, o qual atribui um importante papel na história local.

Diante do exposto, a pesquisa apresenta como objetivo geral investigar como acontece o diálogo entre a cultura popular local e a escola, especificamente na EMEF Benônio Falcão de Gouveia, localizada na vila de Itaúnas, município de Conceição da Barra/ES.

Com base em tal entendimento, para atingir esse objetivo geral foi preciso delimitar alguns objetivos específicos para que a pesquisa pudesse prosseguir de modo organizado, considerando-se: 1) realizar um estudo histórico sobre a vila de Itaúnas e as manifestações culturais da localidade; 2) apresentar como vem se desenvolvendo a relação entre os grupos culturais da vila de Itaúnas e a escola; 3) identificar as formas de relação e compreensão dos alunos do 8º ano (anos finais) com a cultura local, focalizando o papel dos grupos culturais dentro da escola.

1.2 METODOLOGIA

Na identificação dos sujeitos da pesquisa, seguimos a orientação de Marconi & Lakatos (1996) e Levin (1985): a população a ser pesquisada ou universo da pesquisa é definido como o conjunto de indivíduos que partilham de, pelo menos, uma característica em comum. Sendo os sujeitos, os Mestres e brincantes dos grupos culturais existentes na vila, profissionais da escola e os alunos do 8º ano (Anos Finais), pelo fato de alguns desses alunos participarem de um movimento constante, dos projetos que abordam o tema em questão, tanto na escola, quanto na comunidade.

Dessa forma, considerando o propósito da pesquisa, a metodologia utilizada foi a abordagem qualitativa, do tipo etnográfica, que, segundo Ludke e André (1986), tem como principal método para coleta de dados a **observação do ambiente investigado**, sendo o próprio pesquisador o principal agente. A observação é considerada participante, porque o pesquisador sempre interage, em maior ou menor grau, com a realidade que procura conhecer (LUDKE e ANDRÉ, 1986).

Essa observação foi feita através da participação em duas aulas da disciplina de História, para que eu pudesse interagir com os alunos. Uma observação aconteceu no dia 08/11/2022, e a outra no dia 16/11/2022. Particpei também no dia da culminância do projeto que a professora desenvolveu durante o mês de novembro sobre a temática da consciência negra, que aconteceu aos 25/11/2023.

Além da observação participante, foi utilizada a técnica de *Entrevistas*. “A entrevista consiste numa conversa intencional e é utilizada quando existem poucas situações a serem observadas ou quantificadas, e ainda quando se deseja aprofundar uma questão” (CASTRO, MARTINS, GONZALEZ, 2013, p. 37).

A primeira etapa referiu-se ao trabalho de entrevistas individuais, do tipo semidirigida ou semiestruturada, direcionadas aos Mestres, *posto máximo na hierarquia secular dos negros do Cricaré*, (termo retirado do livro *Brincantes e Quilombolas* de Maciel de Aguiar, 1995), de cada grupo cultural existente na vila. As entrevistas tiveram por objetivos além de investigar a relação da escola com a cultura, também teve por objetivo conhecer a história dos grupos culturais, do lugar e das práticas culturais.

Utilizamos a entrevista semiestruturada uma vez que se trata de recurso imprescindível à produção dos dados, tornando, assim, uma aproximação e interação do entrevistador e o entrevistado. Cabe lembrar que, para preservar a identidade do entrevistado, existe um Termo

de Consentimento Livre e Esclarecido - (TCLE⁹), que foi lido e assinado pelo entrevistado, em duas vias: uma cópia para o entrevistado e a outra para o entrevistador.

Esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (TCLE) visa que todos os entrevistados, durante a pesquisa (diário de campo), estejam cientes de todos os processos envolvidos. Em caso de participação de crianças, em algum momento, houve também o Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz para Menores de Idade¹⁰, que é autorizado por seus responsáveis para andamento da pesquisa de modo ético.

A partir desses dados, foi produzido um diário de campo que “consiste no relato escrito daquilo que o investigador presencia, ouve, observa e pensa no decorrer do recolhimento dos dados. Esses dados, anotados diariamente, podem ser refletidos num estudo qualitativo” (CASTRO, MARTINS, GONZALEZ, 2013, p. 49), com a finalidade de registros das observações realizadas, durante as entrevistas ao longo da convivência do dia a dia com os envolvidos na pesquisa.

No trabalho de investigação com os alunos, foi utilizado a técnica do grupo focal que, “possibilita a obtenção de dados qualitativos sobre opiniões, atitudes e valores relacionados a um tema específico” (CASTRO, MARTINS, GONZALEZ, 2013, p. 44), através de 2 encontros (duração da aula de 50 minutos para cada encontro), sendo 1 encontro no dia 16/11/2022, e o outro no dia 29/11/2022, dia em que reuni com o grupo de 8 alunos do 8º ano (Anos Finais), na Sala de Leitura da EMEF “Benônio Falcão de Gouveia”, em Itaúnas.

Para tanto, foi elaborado um roteiro de questões¹¹ com foco no tema proposto, ou seja, a cultura popular e o diálogo com a escola, com perguntas para nortear a conversa do pesquisador e do grupo. O encontro foi gravado mediante a autorização da professora responsável da turma e transcrito posteriormente, também com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (TCLE).

O estudo teve como instrumento para a coleta de dados a pesquisa bibliográfica:

[...] a pesquisa bibliográfica permite compreender que, se de um lado a resolução de um problema pode ser obtida através dela, por outro, tanto a pesquisa de laboratório quanto à de campo (documentação direta) exigem, como premissa, o levantamento do estudo da questão que se propõe a analisar e solucionar. A pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda pesquisa científica (LAKATOS, 1992, p.44).

A pesquisa bibliográfica envolveu o levantamento de pesquisas sobre o tema, dentre autores com Hermógenes Lima Fonseca (1980, 1993), Maciel de Aguiar (1995), e Guilherme

⁹ Vide APÊNDICE D

¹⁰ Vide APÊNDICE E

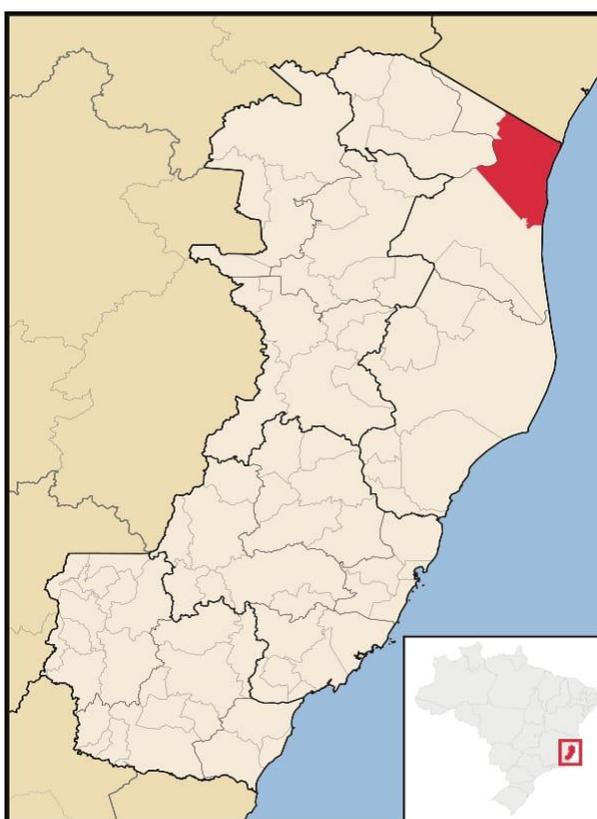
¹¹ Vide APÊNDICE I

Santos Neves (2008), além de jornais, revistas, bem como acervo cultural, documentos de órgãos ou entidades que possuem material que pôde auxiliar na complementação de dados da pesquisa.

2 A HISTÓRIA E A CULTURA DA VILA DE ITAÚNAS

Este capítulo aborda um pouco da história da localidade da vila de Itaúnas, município de Conceição da Barra, localizado no extremo norte do Estado do Espírito Santo, com aproximadamente 31.273 habitantes (IBGE/2021). As informações contidas neste capítulo foram construídas a partir de uma pesquisa bibliográfica e das entrevistas com alguns moradores da vila de Itaúnas.

Figura 3 - Localização de Conceição da Barra, no Estado do Espírito Santo.



Fonte: Internet: www.wikipedia.org (2021).

Barra de São Mateus, assim era chamado o município de Conceição da Barra, que nasceu em razão de seu antigo porto. Sua fundação data de 1554, quando os portugueses começaram a explorar o local. Contudo, não existe um consenso em relação a essa data, já que não há dúvidas de que a região do Rio Cricaré aparece identificada na cartografia do século XVI (SANTOS, 2017).

A proximidade do Porto da Barra ao Porto de São Mateus e ao de Salvador, então capital do Brasil, fez a região ter um comércio intenso de escravizados, proporcionando ao

município de Barra de São Mateus uma grande influência da cultura negra. Esses negros africanos desembarcaram como mercadoria no Porto da Barra, submetidos a um regime de escravidão e sujeitos a implicações de ordem econômica, moral, psicológica, política, jurídica e religiosa. O comércio negreiro perdurou por mais de 300 anos, fazendo com que muitos senhores fizessem fortunas às custas de venda e compra de jovens escravizados.

O príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, nos anos de 1815 a 1817, percorrendo a capitania em viagens do Rio Doce a Caravelas, passando pelo trecho de Linhares, descreveu a região exuberante com grandes florestas, fartura de alimentos, e uma variedade de grupos indígenas, que correspondem, atualmente, ao município de Conceição da Barra:

À tardinha, chegamos à barra de S. Mateus, rio de tamanho regular, de margens aprazíveis cobertas de mangues [...] e, mais além, de florestas. [...] na margem norte fica a povoação chamada Barra de S. Mateus, constituída de vinte e cinco casas. O rio desce de florestas seculares, infestadas de tapuias [...]. [...] nas florestas, há abundância de jacarandá, vinhático, putumuju, sergueira e outras madeiras úteis.

Recebe o nome de S. Mateus uma porção de pequenos rios, dos quais o Rio de Santa Ana, o Rio Preto, ou Mariricu, e o S. Domingos são os mais importantes (WIED-NEUWIED, 1989, p. 169).

O príncipe descreve que a região não era ‘muito salubre’ e que a população incluía ‘brancos e gente de cor’. Além disso, [...] os habitantes cultivam grande quantidade de mandioca, exportando anualmente 60.000 alqueires de farinha; bem como toras de madeira provenientes das florestas vizinhas (WIED-NEUWIED, 1989, p. 170).

Verifica-se, assim, que o desmatamento na região já acontecia, quando menciona as toras de madeira para exportação, uma vez que, além da grande exportação de farinha, o comércio de madeira já se fazia nas florestas vizinhas.

Segundo Borgo (1996), o agrônomo e ecologista Augusto Ruschi (1955) revelou que em 1810 mais de 85% do território capixaba se encontrava coberto da Mata Atlântica. Toda essa exuberância de florestas também se confirma por Hartt, por meio de expedições no Brasil, entre os anos de 1865 e 1867, e ainda continua:

A oeste do rio São Mateus, dá conta de “uma floresta habitada por selvagens e muito explorada”. A região é uma planície “coberta de árvores de boa madeira em sua maior extensão especialmente nas encostas” o que se repete no rio Itaúnas, onde “os terrenos baixos entre as ribanceiras e a costa são na maior parte providos de árvores de boa madeira”. “Toda a região entre Itaúnas e o Mucuri é coberta de matas”, completa o minucioso cientista (BORG, ROSA & PACHECO, 1996, p. 31-32).

De acordo com o príncipe Maximiliano, em suas viagens, a região já era habitada por indígenas que viviam em aldeias espalhadas, e

Nas matas à margem do rio S. Mateus, os índios não civilizados (“tapuias” ou gentios) são muito numerosos, e vivem em constante guerra com os brancos. (...) A margem norte é frequentada pelos Patachós, Cumanachos, Machacalis (os portugueses os conhecem por Machacaris, mas eles não sabem pronunciar bem o r) e outras tribos até Porto Seguro. Os botocudos são também numerosos, dizendo-se que dominam principalmente a margem sul; são temidos pelas outras tribos (...) (WIED-NEUWIED, 1989, p. 170).

Em relação ao desmatamento da região, destacamos a entrevista do Sr. Caboquinho, que fez a seguinte observação ao desmatamento,

[...] eu mesmo cansei de ver aqui no rio Itaúnas muitas vezes, descendo esse rio abaixo, vindos do sertão afora, além de farinha, porco e abóbora, muita madeira, aquelas toras de madeira, mas era muita madeira mesmo, eram jacarandás, perobas e jequitibás, centenas de troncos (...) (CAMILLO, 82 anos, 2022).

Em 1831, Barra de São Mateus foi instituída paróquia, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, cuja imagem era venerada numa rústica capelinha erguida nos primórdios da colonização, onde se encontra até os dias de hoje.

Em 1861, é criado o distrito de Itaúnas e anexado à Barra de São Mateus. Em 1891, Conceição da Barra se separa de São Mateus, e a cidade recebe a denominação de **Conceição da Barra**, sendo o primeiro nome uma homenagem à padroeira e o segundo lembrando o primeiro nome que os portugueses deram à povoação.

A região mostrava a exuberância de florestas de Mata Atlântica, com suas árvores de troncos enormes, chamando a atenção de todos que por ali passavam. De acordo com Ferreira (2002), era uma rica região de florestas, que antes tinha fartura de peixe, carne, frutos, madeira, ervas e raízes medicinais. Em 1920, iniciou-se a exploração comercial das áreas dessas florestas, sofrendo ainda mais na década de 1950, com o aumento do plantio de eucalipto pela Companhia Vale do Rio Doce - (CVRD), e de produção de carvão através da Acesita Energética, ganhando força para a implantação dos plantios industriais da empresa Aracruz Celulose.

Dessa forma, as áreas existentes da Mata Atlântica no município foram destruídas agressivamente com equipamentos das empresas, como, a empresa ACESITA e a Aracruz Celulose S.A. Não só as matas foram destruídas, mas os pequenos animais foram sacrificados, ou seja, foi feita uma espécie de troca da floresta original por outra com árvores de eucaliptos de crescimento exacerbado. Ocasinou-se, desde então, uma agressão ao meio ambiente, destruindo-se totalmente o solo – que antes era fértil – transformando-o em uma área impossível de se produzir, sem contar com o desaparecimento de vários córregos que antes existiam na região.

Outro prejuízo é o caso do rio São Domingos que, antes caudaloso, secou completamente, sendo necessário providências quanto a outro recurso de captação de água, através de parceria da Prefeitura Municipal de Conceição da Barra com a Companhia Espírito-Santense de Saneamento - (CESAN), utilizando-se o manancial à margem esquerda do rio Cricaré, ao norte do município de São Mateus.

Outa observação feita na entrevista de Caboquinho enfatizou:

[...] da Itaúnas velha, descíamos o rio até a boca da Guaxindiba, um canal que fora aberto pelo Barão de Timbuí, para então chegar na boca da Barra, no rio Cricaré, e aí desembarcava cargas e cargas nos navios, e daí nossas madeiras, também muita farinha, e muita madeira mesmo (...) (CAMILLO, 2022) (informação verbal)

Na década de 1970, a região sofreu grandes impactos socioambientais causados pelos plantios de eucaliptos, destacando-se a grande quantidade de aplicação de agrotóxicos nos plantios de eucaliptos do reflorestamento, que era feita através de pequenos aviões sobrevoando a região e atirando substâncias químicas pelos ares, trazendo, com isso, causa e efeito para os pequenos rios, córregos e, até mesmo, conseguindo alcançar o mar. Isso causou também, para a população, uma poluição exagerada com consequência grave à saúde de todos. Salgado e Alimonda evidenciam que:

[...] a introdução do monocultivo de eucalipto em larga escala em Conceição da Barra trouxe vários prejuízos à localidade, tanto no âmbito ecológico quanto no econômico-social. Uma das principais justificativas é o fato de 48% da superfície total do município pertencer a apenas dois proprietários: os dois grupos empresariais que atuam na área, a FIBRIA e a Suzano Papel e Celulose (SALGADO & ALIMONDA, 2016, p. 528).

No início de 2009, ocorreu a fusão entre a Aracruz Celulose S.A. e a Votorantin Celulose e Papel, resultando na empresa denominada FIBRIA Celulose e Papel, sendo a maior proprietária de plantio de eucalipto do município.

Conceição da Barra tem como principais atividades a pecuária (pastagens), agricultura (cana-de-açúcar, café, fruticultura tropical), plantação de eucalipto, usinas de açúcar e álcool, turismo litorâneo, pesca litorânea, extração de petróleo e gás natural.

O município dispõe de um turismo, tanto nas praias da sede quanto nas praias de Itaúnas, com praias exuberantes com dunas e de um parque com belezas incomparáveis. Natureza composta também pela praia do Riacho Doce em seu entorno, na divisa com a Bahia. O turismo é, hoje, uma atividade determinante em termos de geração de renda e emprego no meio urbano, além da pesca artesanal, que é da maioria dos moradores.

Hoje, o município é constituído de 4 distritos: Sede, Cricaré (integrado pelas comunidades ribeirinhas de ambas as margens do Rio Cricaré, pela Lei nº 2.586 05/08/2011), Braço do Rio (1988) e a Vila de Itaúnas (1861), a qual designaremos toda a nossa atenção.

O município ainda conta com seis Unidades de Conservação (UC), sendo elas:

- Reserva Biológica do Córrego Grande – REBIO, ao norte na divisa com a Bahia;
- Floresta Nacional do Rio Preto – FLONA, localizada no distrito de Braço do rio;
- Parque Estadual de Itaúnas – PEI, criado em 1991 e localizado na Vila de Itaúnas;
- Área de Proteção Ambiental – APA, localizada na sede do município, na beira mar;
- Reserva Particular do Patrimônio Natural – RPPN, localizada no bairro de Sayonara, em Braço do Rio;
- Parque Natural Municipal de Conceição da Barra.

Figura 4 - Unidades de Conservação Conceição da Barra



Fonte: Foto cedida pelo gestor do PEI (2017).

2.1 A VILA

A Vila de Itaúnas se localiza a 25 km de Conceição da Barra e a 270 km de Vitória, capital do Espírito Santo.

Figura 5 - Localização de Itaúnas (Conceição da Barra) no Espírito Santo



Fonte: <https://como-chegar-em-itaunas-es/> (2021).

Dentre os primeiros registros históricos sobre Itaúnas, destaca-se o relato do príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied que, em viagem ao Brasil, por volta de 1815, em passagem para Mucuri e Barra de São Mateus, descreve:

Aproximadamente a meia légua de S. Mateus, o pequeno rio Guajintiba desemboca no mar. Costuma-se embarcar nele e subir três léguas até a fazenda das Itaúnas, que pertence ao ouvidor da comarca de porto Seguro, o Sr. Marcelino da Cunha. As margens do pequeno rio, então caudaloso, são vestidas de vegetação densa; perto do mar ela é formada principalmente pelos mangues, cuja casca se usa para curtir couros. A água é barrenta, como a da maioria dos pequenos córregos da mata, no Brasil, e o peixe é abundante; quando passávamos, alguns pescadores tinham justamente pescado uma canoa cheia. Saltamos numa roça deserta e parecendo abandonada, onde esplêndidos ananases (Bromélia) medravam selvagens, grandes, sumarentos e cheirosos (WIED-NEUWIED, 1989, p. 172).

Conta o príncipe que a vegetação era densa, o peixe era abundante, as florestas eram povoadas por tribos selvagens, ainda nas margens do rio São Mateus, onde encontravam-se muitos índios não civilizados, como Pataxós, Cumanachós, Machacalis e Botocudos. Acrescenta ainda que:

Itaúnas é uma fazenda de criação, com um curral ou cercado para o gado, e uma miserável choupana para negros e índios que tomam conta dos animais. O proprietário reunira, aí, algumas famílias de índios, para, com o tempo, formarem uma colônia; destinavam-se, a princípio, a proteger a costa contra os tapuias e Itaúnas e, por isso, considerado um quartel. Alguns índios, que por acaso iam pelo mesmo caminho nosso, acompanharam-nos para o norte, vindos de Itaúnas. Levavam as espingardas de caça, e conheciam perfeitamente a região. Passamos entre duas pequenas correntes, o riacho Doce e o rio da Ostras, ambas insignificantes, mas que, saindo dum pitoresco cenário verdejante floresta encimada

de belas palmeiras, formavam romântica paisagem (WIED-NEUWIED, 1989, p. 173).

Pode-se observar que a população em geral, citada pelo príncipe em sua viagem, fez-se presente na construção de uma cultura entre duas raízes, os indígenas e os negros africanos, com presença muito perceptível na vila. Assim:

Na fazenda das Itaúnas, encontramos um jovem Puri, que fora criado pelo ouvidor; já falava português, e diziam ser muito dócil. As poucas palavras que lhe sabíamos da língua nativa, conquistaram-nos sua confiança. Lamentamos não ter conosco o nosso Puri de S. Fidélis, que ficara atrás, à margem do Jucu (WIED-NEUWIED, 1989, p. 173).

A origem do nome Itaúnas é formada por duas palavras: *itá* (substantivo feminino de origem tupi-guarani que significa 'pedra', 'metal' etc.) e *una* (adjetivo de origem tupi-guarani - preta). A palavra itaúna é uma designação comum a várias rochas negras, como o basalto, o diabásio, o diorito etc. (ESTADO, 2004).

Segundo os moradores, o nome da vila de Itaúnas se deve ao rio que percorre toda sua extensão, que significa 'pedras negras', provavelmente devido às pedras escuras depositadas em seu leito, fazendo com que suas águas fiquem escuras.

Também na região denominada Itaúnas existem formações rochosas no mar, arenitos em processo inicial de litificação. A impressão de quem está na praia é de que são muito mais escuras que a realidade. Os antigos moradores alegam que os índios denominaram essa região de Itaúnas em função de tais formações.

Cabe enfatizar que, para descrever, interpretar e sistematizar essas páginas apresentadas, antes de tudo, pude contar também com minha experiência enquanto moradora da vila, que fui arraigando a cada dia, mais e mais, com o passar dos anos, ouvindo o som dos pandeiros ao anoitecer e nas madrugadas das inúmeras festividades, adquirindo, assim, experiência, o que Walter Benjamim descreve como [...] uma experiência quase cotidiana nos impõe a exigência dessa distância e desse ângulo de observação. É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção (BENJAMIM, 1985, p. 197).

Itaúnas, hoje, possui, aproximadamente, 1.800 habitantes¹², e está situada às margens do rio Itaúnas. Tem em seu entorno a comunidade¹³ rural de Angelim I, remanescente de

¹² Setor de Tributação da Prefeitura Municipal de Conceição de Barra, 2019.

¹³ Compreende-se pelo termo comunidade os grupos sociais com elevado grau de contato social direto, unidos por laços afetivos, apoiados em limites territoriais que delimitam o espaço correspondente a determinada comunidade. O termo comunidade contrapõe-se à sociedade (ou, para alguns autores, à sociedade societária em oposição à sociedade comunitária) e suas relações baseadas em necessidades instrumentais determinadas pela acentuada divisão do trabalho e os múltiplos papéis sociais. Ou seja, nesse caso há um acordo racional de interesses entre os indivíduos ao invés de uma associação solidária fruto de uma vontade coletiva fundada em relações de parentesco, como ocorre nas comunidades (CHAUÍ & OLIVEIRA, 2009; TÖNNIES, 1963).

quilombolas, com aproximadamente 15 famílias descendentes das famílias dos Guimarães, Souza Nascimento e Batista, totalizando 57 habitantes. A comunidade de Angelim I está localizada a 4 km, antes de chegar à vila de Itaúnas. Suas estradas são entrecortadas por eucaliptos e algumas árvores nativas, que fazem um sombreamento de um lado e de outro.

Atravessando a vila, no sentido norte, há o rio Itaúnas, um rio de águas escuras, que deságua no mar, com uma ponte de concreto armado com barras de ferro de um lado e de outro; uma estrada de barro batido que, à esquerda, se avista um pântano e, à direita, uma paisagem belíssima para as dunas, o rio, os alagados e fragmentos da Mata Atlântica.

No final dessa estrada, mais ou menos a 1 Km, existe um vilarejo mais conhecido como Aldeia, e, segundo o morador mais antigo do lugar, o Sr. Paulo Lopes Santana, conhecido como Paulo Jacó¹⁴, o nome Aldeia para eles é: [...] devido nós morador do lugar ser a maioria descendentes de índio, minha descendência vem dos Índios Pataxós (JACÓ, 71 anos, 2022) (Informação através da entrevista transcrita)¹⁵.

No vilarejo Aldeia, moram 15 famílias, numa somatória de 45 pessoas, todos com descendência indígena, sua descendência provém dos índios Pataxós: “porque minha avó era índia; aí no Buraco do Bicho¹⁶ era as aldeias dos índios, eu mesmo sou índio dos Pataxós, a vila antiga tinha muitos índios Pataxós” (JACÓ, 71 anos, 2022) (informação verbal).

Figura 6 - Vista da entrada para o vilarejo Aldeia



Figura 7 – Entrada para a casa do Sr. Paulo Jacó



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

¹⁴ JACÓ, Paulo. Morador da Aldeia. Entrevista concedida a Claudia Alves, em 06 de abril 2022.

¹⁵ Vide APÊNDICE A

¹⁶ Trilha com aproximadamente 2,8 km de distância da vila de Itaúnas.

Segundo o Sr. Paulo Jacó, pescador e artesão, ele é um dos poucos moradores que ainda sobrevivem da vila antiga, que não teve a oportunidade de estudar, mas reconhece a história cultural impressionante que existe nesse lugar. Ele conta que:

[...] o soterramento da antiga vila foi provocado pelos desmatamentos para exploração de madeira, assim com o soterramento da vila e a formação das dunas, fez com que nós moradores fizesse as casas desse lado do rio, e começou aos poucos a formar o vilarejo, hoje conhecido pelo nome de ‘Aldeia’, nome dado por nós mesmo, devido em sua maioria, todos serem índios, e alguns moradores foram lá pra nova vila da Itaúnas (JACÓ, 71 anos, 2022) (informação verbal).

O Sr. Paulo Jacó também fala do desaparecimento da lagoa (figura 8 e 9), que até pouco tempo existia no aterro¹⁷. A vida dos moradores foi se transformando e estes tendo que procurar outras moradias. Ele mesmo aprendeu a técnica de artesanato e a entrelaçar as esteiras de tabua¹⁸ com seus pais, técnicas tradicionais que realizam trabalhos artesanais como cestos, esteiras, redes e outros, utilizando a matéria prima do próprio lugar, mantendo viva a tradição local, considerando, dessa forma, grupos com influência da cultura indígena através de técnicas e conhecimento acerca da natureza¹⁹.

Figura 8 - Lagoa em 1989



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Figura 9 - Lagoa em 1994



Fonte: Foto cedida por Mendes (2021).

A população da vila antiga guarda na memória lembranças importantes de grande relevância cultural e de uma estimável herança dos seus antepassados, uma vez que esses moradores da vila atual contam e recontam várias histórias da formação das dunas.

¹⁷ Nome utilizado para referir-se à estrada de barro batido.

¹⁸ Segundo o Mini dicionário Aurélio: Tabua: “Grande erva tifácea de cujas folhas se tecem esteiras e cestos”.

¹⁹ Foram muitas as influências da cultura indígena na construção do modo de vida do Brasil rústico (RIBEIRO apud HACON, 2006, p. 58)

De acordo com Jacó (2022), [...] as dunas sempre existiram, aí foi devagarinho o vento trazia a areia que ia cobrindo as casa, tinha casa que podia ver a areia cobrindo as janela, tudo foi num processo lento, ano após ano ia se formando as duna, meu pai veio pra cá, onde tô até hoje (JACÓ, 71 anos, 2022).

Dessa forma, os antigos moradores foram obrigados a reconstruírem uma nova vila na outra margem do rio, trazendo tudo aquilo o que conseguiram, inclusive, objetos das casas, como, tijolos, telhas, portas, janelas, e tudo aquilo que deram conta de carregar, abandonando muitas lembranças e memórias de um passado histórico e cultural.

Através de informações obtidas no Livro Catálogo de Bens Culturais Tombados no Espírito Santo (2004), o surgimento das dunas ocorreu no período de 1930 até o início da década de 1970, no mesmo ano da exploração de madeira de lei na região, exploração propiciada pelo transporte relativamente fácil através do rio Itaúnas e pela implementação de vias de acesso à região.

Devido à ação dos ventos, principalmente os ventos nordeste e sul – predominante na região – houve o fenômeno da formação das dunas, que provocou o gradativo soterramento da vila, com duração de 30 anos para o efetivo soterramento, chegando até mesmo a encobrir a igreja matriz cujo prédio atinge altura superior a 20m, o que obrigou na transferência da população local para região adjacente, e a fixação de sua residência do outro lado do rio, formando uma nova vila.

Os moradores que sobreviveram contam que esse fato ocorreu em um processo lento, e os que viviam da pesca fixaram-se à margem oposta do rio Itaúnas, fundando a atual aglomeração de Itaúnas, formada na época por mais ou menos 350 pessoas. Essa população, ainda hoje, subsiste essencialmente da pesca e do turismo (ESTADO, 2004).

Figura 10 - Vila da Itaúnas Antiga (19..)

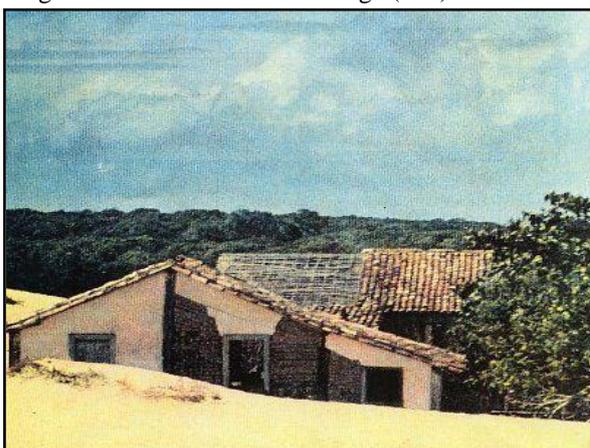
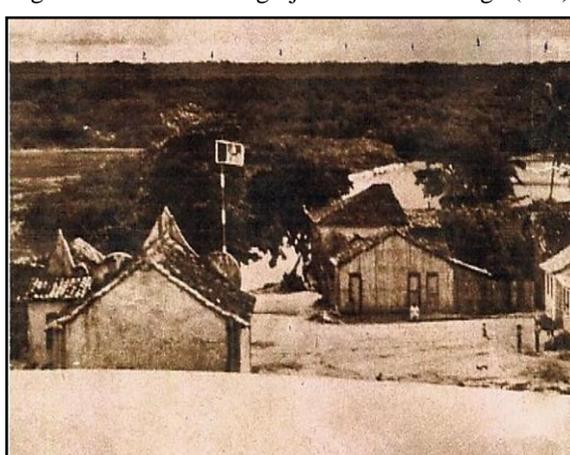


Figura 11 - Mastro da igreja da Itaúnas Antiga (19..)



Fonte: Foto cedida pelo gestor do PEI (2021).

Através do vento, que é muito frequente em Itaúnas, as dunas proporcionam sempre um novo cenário à vila, e essas diferenças são logo apontadas por quem sempre visita Itaúnas. Essa mudança de paisagem produz uma beleza imensurável e difícil de esquecer.

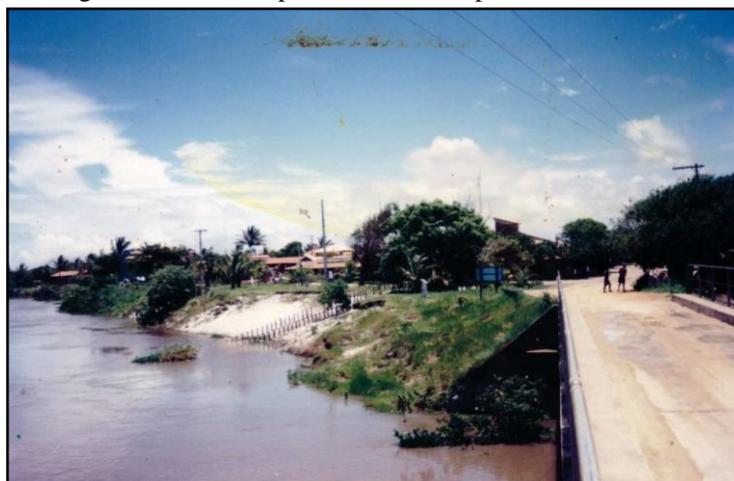
Na década de 1980, foi construída a primeira ponte de concreto, já que as anteriores eram constituídas de madeira, sempre derrubadas por vegetações (balseiros), ilhas flutuantes, que, através da correnteza forte do rio, arrancavam fortemente as madeiras que seguravam a ponte e, com isso, faziam com que a estrutura caísse.

Figura 12 – Ilha de balseiros no rio Itaúnas (19..)



Fonte: Foto cedida pelo gestor do PEI (2021).

Figura 13 - Vista da ponte de concreto para as dunas em 1983



Fonte: Foto cedida pelo gestor do PEI (2021).

Figura 14 - Vista da ponte de concreto para a vila

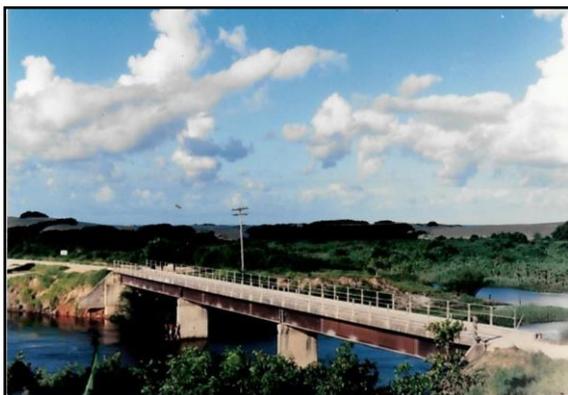


Figura 15 - Ponte sobre o rio Itaúnas



Fonte: Foto cedida pelo gestor do PEI (2021).

2.1.2 A vila que conheci (1989)

Neste momento do texto, descrevo o espaço/tempo vivido a partir de 1989, data que marcou minha mudança para a vila, tendo por referência o conceito fenomenológico, apontado por Kozel pelo fato de que [...] o espaço não é somente percebido, sentido ou representado, mas também vivido (KOZEL, 2007, p. 117).

Retorno, então, em minhas lembranças, aos anos de 1989 e 1990, recorrendo, em alguns momentos, aos estudos dos geógrafos, Jorn Seemann e Salette Kozel (2006), através de um mapa mental. Entende-se por Mapas Mentais, [...] como uma forma de linguagem que retrata o espaço vivido representado em todas as suas nuances, cujos signos são construções sociais (SEEMANN J; KOZEL S.T., 2006), fornecendo dados para o estudo em questão.

Pude contar, também, com a parceria de dois ex-alunos para elaboração do mapa mental, que muito me incentivaram durante esta pesquisa. No momento em que eu relatava minhas lembranças, o ex-aluno, Jocemar, fazia o esboço do mapa a lápis.

Num segundo momento, para melhor compreensão do mapa desenhado a lápis, um outro ex-aluno, Vitor da Conceição de Paula, elaborou o mapa utilizando o programa Layout do SketchUp²⁰.

Em alguns de nossos encontros, ríamos e indagávamos por voltar num tempo em que eles não eram nascidos e lembramos de antigos moradores – hoje já falecidos. Para cada momento uma lembrança, e os ex-alunos embarcaram comigo nessa viagem ao passado, fazendo-me lembrar de uma passagem do livro ‘Apologia da história’ ou o ‘Ofício do

²⁰ É um recurso do Sketchup (principal programa de software de arquitetura do mundo, de acordo com o G2 Grid® Report for Architecture, inverno 2022.), voltado para o desenho técnico de arquitetura, atuando em conjunto com a modelagem 3D. Fonte: www.sketchup.com/pt-BR/products/layout

historiador’, de Marc Bloch, para quem: “ Embora o momento atual, no sentido estrito do termo, não seja senão uma perpétua evanescência, a fronteira entre o presente e o passado não se desloca por isso num movimento menos constante” (BLOCH, 2001, p. 61).

No ano de 1989, a Vila dispunha apenas de duas pousadas. A primeira, Pousada Dunas, do senhor Romildão, e a segunda do senhor Renilton, conhecida por Pousada do Coco. O senhor Renilton dispunha de uma pequena venda na entrada de sua casa, em frente à praça.

A vila contava com um pequeno armazém²¹ do Seu²² Astor Vasconcelos. A família dos Vasconcelos (uma das famílias tradicionais do lugar) e algumas casas abriam suas portas para vender bebidas e comidas, quando chegava algum turista, lembro-me, quando vinha a passeio, almocei muitas vezes na casa de Dona Tereza e Seu Humberto, outra família tradicional do lugar, mais conhecida pela família dos Bonelá, hoje considerado um dos mais tradicionais restaurantes do lugar.

Em 1989, os moradores alugavam suas próprias casas para os poucos turistas que ali chegavam. A vila contava com um Posto de Saúde; uma praça – onde está localizada a Igreja São Sebastião; a Escola Municipal Benônio Falcão de Gouveia e uma sala de aula que atendia a uma turma de alunos de classe multisseriada do Estado e as poucas casas de moradores nativos (expressão utilizada pelos moradores para se referirem às pessoas que nasceram na vila) de um lado e do outro, como a casa do Sr. José Basílio, ao lado do Sr. Alcides, em frente à mata nativa, mais adiante, Sr. Betinho e Dona Lurdes, Sr. Bernardino e sua esposa Edmara, ao lado, o Sr. Domingão. Próximo ao Posto de saúde, Dona Zeri, Sr. Hográcio, Sr. Neli, Sr. Dôdo, a casa de Dona Maria Catarina, uma das festeiras do grupo cultural Ticumbi do Bongado.

Em frente à praça, próximo à igreja, ficavam a casa de Dona Domingas, casa do Sr. Romildão, a casa de Sr. Balbino, a casa do Sr. Renilton (mais conhecido pelo apelido de coco), a casa do Sr Naelson – onde funciona um bar (Bar Irerê), que até hoje é referência para quem chega na vila e para quem vai embora, a casa de Dona Maria Concebida e o Sr. Manoel de Azevedo.

Em frente ao bar Irerê, ficavam as casas da Dona Vitória Vasconcelos, do Sr. Astor e sua esposa Marta. Do outro lado da rua, à direita, a casa de Dona Cidalina e do Sr. Antero²³

²¹ De acordo com dicionário mini-Aurélio Século XXI: o termo armazém significa: “depósito de mercadorias”. Termo utilizado na época em que as pessoas iam fazer suas compras.

²² O pronome seu, aqui utilizado antes de nomes, é devido as pessoas do lugar se dirigirem dessa forma: “seu” e não “Senhor”.

²³ Pulchério Alves dos Santos, mais conhecido como Sr. Antero, nasceu em Caravelas/Bahia, morador da antiga vila de Itáunas, teve 2 filhos com a 1ª esposa, e 14 filhos com a 2ª esposa, a Dona Cidalina Falcão. Ele era o

(moradores da vila antiga), ao lado de sua casa, a Igrejinha de São Benedito onde aconteciam os encontros dos grupos culturais do lugar e a cerimônia religiosa, em épocas de festividades natalinas. Eles tinham como vizinhos seus filhos, o Sr. João Quemode, de um lado, e o Sr. Humberto e sua esposa Dona Tereza do outro lado e, ao fim da rua, já à beira do rio, antes da ponte, de um lado, o Sr. Manoel e sua esposa Dona Luci, a família dos Paixão, e, do outro lado, o Sr. Ângelo Camillo – mais conhecido como Seu Caboquinho, também morador da vila antiga (membro de um dos grupos culturais) e sua esposa, Dona Neuza, todos nativos do lugar.

Figura 16 – Dona Cidalina (19...)



Figura 17 - Pulchério Alves dos Santos (Sr Antero) (19..)



Fonte: Fotos cedidas por Pedrolina Falcão (2022).

No final, as duas ruas paralelas se encontram em uma bifurcação para a ponte, ainda de madeira, o acesso às dunas e à praia. Nessa beira do rio, ficava o bar do coco, local onde aconteciam um ‘forrozinho’ e alguns ensaios de grupos culturais.

Transitavam na Vila algumas bicicletas; dois ou três veículos automotores de moradores e os outros eram veículos de turistas, o transporte coletivo – um ônibus da viação Mar Aberto (uma empresa particular local), que fazia o trajeto para Conceição da Barra uma vez ao dia, às 8h da manhã, sentido Sede e, às 15:30h, retornava para a vila de Itaúnas, atendendo ainda aos moradores da área rural, Linharinho, Angelim I e demais comunidades ao entorno.

Era tudo muito difícil, na vila não havia ambulância e toda vez que alguém adoecia era um transtorno devido ao fato da estrada ser de barro batido e, na maioria das vezes, estar com difícil acesso devido às chuvas fortes. Em algumas ocasiões, presenciei algumas mulheres grávidas darem à luz antes de chegarem até a maternidade, localizada no município vizinho de São Mateus, ou no único hospital existente na sede, sem contar os muitos moradores que, quando passavam mal, aguentavam fortes dores, até mesmo indo a óbito, devido às dificuldades de locomoção. É fato que, com o passar dos tempos, com o crescimento e as transformações que aconteciam gradativamente, uma outra vila ia se formando.

Em 1991, foi criado o Parque Estadual de Itaúnas (PEI), seu nome foi escolhido devido ao rio Itaúnas, que corta toda a Unidade de Conservação do município. Antes mesmo da criação do parque, ainda na década de 80, a vila ganha uma ação importante, o tombamento das “Dunas de Itaúnas” como bem natural, pelo Conselho Estadual de Cultura, por meio da Resolução n. 08/86, preservando as formações arenosas e seus terrenos adjacentes.

O Projeto TAMAR-IBAMA prestou enorme apoio à criação do Parque, uma vez que já havia iniciado suas atividades de proteção às tartarugas marinhas na região de Itaúnas, desde junho de 1991, pois esta região havia sido identificada como importante sítio de reprodução desses animais, mais um importante argumento para criação do Parque Estadual de Itaúnas. Em 1992, o Parque Estadual de Itaúnas foi declarado pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade, integrando a Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (ESTADO, 2004).

Figura 20 - Placa do tombamento “Patrimônio da Humanidade – UNESCO 1992”



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Moradores chegando, expansão do comércio através do crescimento e empreendimentos de casas e pousadas, o fluxo do turismo numa estimativa de novas mídias e tecnologias, transformando, assim, a vila simples, romântica e bucólica, em uma atração turística disputada por turistas em épocas de veraneio.

De acordo com dados coletados no Parque Estadual de Itaúnas (2019), ocorre o aumento do turismo desordenado, que chega a superar os 70.0000 (setenta mil) visitantes. Em relação a isso, tem-se o *progresso* chegando, na crítica tecida por Benjamin (1994, 2009) à Modernidade, o “Deus Progresso”, que concebe a história da humanidade como avanço do desenvolvimento técnico, numa marcha orientada pela ideologia do progresso, em que as tragédias dos vencidos são apagadas.

No ano de 1995, a vila ganha o saneamento básico (tratamento de água encanada), através da Companhia Espírito Santense de Saneamento (CESAN), abandonando os poços artesianos existentes nas residências em razão da água tratada pela CESAN.

No ano de 2003, acontece a maior conquista da comunidade, a Implantação do Esgotamento Sanitário, o que proporcionou melhores condições de saúde para toda a população local e vários visitantes, trocando-se as fossas nos quintais por esgotos encanados, também por meio da CESAN.

Em 2018, diante de várias solicitações da comunidade, foi aprovado o asfaltamento que liga Conceição da Barra a Itaúnas, uma obra para ser realizada no período de 2 anos, concretizada em dezembro de 2020.

Em 2021, o governo do Estado junto com o Departamento de Edificações e de Rodovias (DER-ES) entregou à população da Vila de Itaúnas as obras de pavimentação da Rodovia ES-0421, no trecho entre Conceição da Barra e Itaúnas, num total de 20,6 Km de asfaltamento.

Cabe lembrar que a vila de Itaúnas, antes bucólica, agora emerge em um processo de desenvolvimento e um crescimento não só populacional, mas também de construções e benfeitorias, o que aumenta, dessa forma, o turismo – antes, sazonal, agora, regular e frequente – de modo acelerado. Dessa forma, aos poucos, a tradição vivenciada por seus interlocutores, como parte de suas raízes, se torna uma questão importante: como esse crescimento impacta na vida cultural da comunidade?

Hoje, a vila de Itaúnas dispõe de 04 casas de Forró; a primeira delas com o nome de “Bar Forró”, o mais tradicional da vila, onde acontece o Festival de Forró - FENFIT²⁴, no mês de julho. A segunda casa de forró tem o nome de “Buraco do Tatu”. Outra casa de show, localizada na entrada da vila, “Vila Show Itaúnas”, funciona desde 2017, e, além de forró, oferece outros tipos de gêneros musicais, como o Reggae. E a mais recente é o “Forró da Padaria”.

Figura 21 - Entrada do Forró de Itaúnas



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Figura 22 - Entrada do Forró Buraco do Tatu



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

²⁴ FENFIT- Festival Nacional Fôrro Itaúnas: surgiu no ano de 2001, como incremento ao movimento cultural de fôrro pé-de-serra, desencadeado em Itaúnas. O FENFIT foi criado e é realizado todos os anos, na penúltima ou última semana do mês de julho, atraindo a população da região, assim como, turistas nacionais e internacionais, e tem como mentores do projeto os proprietários do Bar Fôrro, local onde acontece os eventos. Fonte: Site: www.forrodeitaunas.com/festival/

Figura 23 - Vila Show Itaúnas



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Figura 24 - Forró da Padaria



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Na vila, atualmente, existem 01 hotel, aproximadamente 32 pousadas, 08 bares gourmet, 09 restaurantes, 04 pizzarias, 07 casas de lanches, 02 supermercados, 02 depósitos de material de construção, 01 depósito de distribuidora de bebidas e gás, 05 lojas de roupas e outros, 01 Agência dos Correios, 03 padarias, 02 farmácias, um Posto de Saúde com atendimento médico e dentário, com ambulatório de vacinação, 01 ambulância de pronto atendimento, 01 consultório dentário (particular), 01 Centro de Referência de Assistência Social – (CRAS)²⁵.

Mesmo a religião predominante da vila sendo a católica, o número de evangélicos cresceu muito, e hoje a vila tem 7 Igrejas: a Igreja de São Sebastião, que fica na praça, a igreja (não oficial) de São Benedito, localizada entre o restaurante de Dona Tereza e o bar do Canto; uma Assembleia de Deus; uma Igreja Batista; uma Igreja Presbiteriana do Calvário; uma Igreja Pentecostal Filadelfia e uma Igreja Jesus em Cristo. Itaunas também conta com um terreiro de Ubanda, os encontros se realizam no quintal da casa do Sr. Benedito Conceição (Preto Velho), responsável pelas sessões.

A vila conta também com uma quadra poliesportiva que atende às 3 escolas, nas modalidades de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, e, ainda, a toda a comunidade com jogos esportivos e/ou eventos.

Há também um campo de futebol (Centro Esportivo Recreativo Itaúnas), onde acontecem campeonatos internos e externos, atraindo e contribuindo, dessa forma, para o lazer da população de Itaúnas. Nesse contexto, emerge, através desse crescimento e

²⁵ Política Municipal de Assistência Social para atender as famílias e/ou indivíduos que estão em situação de vulnerabilidade e/ou risco social.

desenvolvimento, a importância de se pensar a escola como um espaço de cultura e afirmação da identidade local.

Figura 25 - Quadra poliesportiva



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Figuras 26 e 27 - Campo de Futebol (Centro Esportivo Recreativo Itaúnas)



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

2.2 A CULTURA

“Sem os homens certamente não haveria cultura, mas, de forma semelhante e muito significativamente, sem cultura não haveria homens”.

Clifford Geertz – A Interpretação das Culturas.

Os estudos atuais no campo da antropologia apontam a interpenetração histórica entre a evolução final do organismo do *homo sapiens* e as primeiras aquisições culturais – a mão e a ferramenta se codeterminam. Nesse sentido, [...] tanto os aspectos ontogenéticos quanto os filogenéticos do desenvolvimento humano supõem a inseparabilidade de cultura e natureza – literalmente a cultura faz, e fez, o homem (VELHO, 1978, p. 4).

Destaca-se, além disso, o conceito de cultura, segundo Burke (2004), para quem [...] o termo cultura costumava se referir às artes e às ciências. Depois, foi empregado para descrever seus equivalentes populares – música folclórica, medicina popular e assim por diante (BURKE, 2004, p. 43).

Posteriormente, o conceito passa a abranger várias produções populares, como: canções folclóricas, representações de danças, literaturas livretos e as artes de dizer-saber-fazer cotidianas de Michel de Certeau, preferindo falar em práticas. Dessa forma, [...] as práticas que analisou eram as das pessoas comuns: práticas cotidianas, como fazer compras, caminhar pela vizinhança, arrumar a mobília ou ver televisão (BURKE, 2004, p. 102).

Certeau entende cultura como uma prática significativa, de modo que [...] ela consiste não em receber, mas em exercer a ação pela qual cada um, marca aquilo que outros lhe dão para viver e pensar (CERTEAU, 1995, p. 143). Assim, o autor destaca:

A cultura oscila mais essencialmente entre duas formas, das quais uma sempre faz com que se esqueça da outra. De um lado ela é aquilo que ‘permanece’; do outro aquilo que se inventa. Há, por um lado, as lentidões, as latências, os atrasos que se acumulam na espessura das mentalidades, certezas de ritualizações sociais, via opaca, inflexível, dissimulada nos gestos cotidianos ao mesmo tempo os mais atuais e milenares. Por outro lado, as irrupções, os desvios, todas essas margens de uma inventividade de onde as gerações futuras extrairão sucessivamente sua ‘cultura erudita’. A cultura é uma noite escura em que dormem as revoluções de há pouco, invisíveis, encerradas nas práticas, - mas pirilampos, por vezes grandes pássaros noturnos, atravessam-na; aparecimentos e criações que delineiam a chance de um de um outro dia” (CERTEAU, 1995, p. 239).

Geertz (1989), em conhecida obra de cunho antropológico, defende o conceito de cultura como essencialmente semiótico. Acredita, como Max Weber,

[...] que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, e assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à

procura de significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície. Todavia, essa afirmativa, uma doutrina numa cláusula, requer por si mesma uma explicação. (GEERTZ, 1989, p. 4).

É importante lembrar que, “o que chamamos de nossos dados são realmente nossa própria construção das construções de outras pessoas” (GEERTZ, 1989, p. 7), ou seja, é através dessas construções de análises que podemos permitir uma compreensão mais profunda da nossa realidade. Para o autor,

[...] a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade (GEERTZ, 1989, p. 10).

Burke (2004) adverte para a complexidade que envolve o termo cultura: [...] o termo “cultura” é ainda mais problemático do que o termo “popular”. (...). Em geral, é usado para se referir à “alta” cultura e com o tempo fora estendido “para baixo”, (...) de modo a incluir a “baixa” cultura ou cultura popular (BURKE, 2004, p. 42).

A ideia de “cultura popular” ou *volkskultur* se originou no mesmo lugar e momento que a de “história cultural”: na Alemanha, no final do século XVIII (BURKE, 2004, p. 29). Burke (2004) nos adverte que essa cultura popular fora deixada aos amantes das antiguidades, os folcloristas, antropólogos e que, somente na década de 1960, os historiadores passaram a estudá-la. A descoberta da cultura popular teve um impacto considerável nas artes.

Entretanto, em fins do século XX e primórdios do século XXI, ocorrem o crescimento e a repercussão em debates sobre cultura, ou seja, uma nova proposta para os estudos voltados para a cultura se sobressaindo à cultura popular.

E qual seria o significado do termo *popular*? É derivado de *povo*. E o que significa o termo *povo*? Em consulta ao minidicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, uma das principais fontes de referência da nossa língua, encontramos a definição [...] 1. conjunto de indivíduos que falam (em regra) a mesma língua, tem costumes e hábitos idênticos, uma história e tradições comuns, 2. Os habitantes duma localidade ou região; povoação, 3. V. povoado, 4. Aglomeração de gente; multidão, 5. Plebe. [Pl.: povos (ó).] (FERREIRA, 2001, p. 586).

O historiador Roger Chartier afirma que “a cultura popular é uma categoria erudita, ou seja, foi criada em um ramo de debates por atores que necessariamente não pertencem ao chamado ambiente popular” (CHARTIER, 1995, p. 178). O autor se refere à cultura popular como a “idade de ouro”, momento de valorização, num fluxo de negação aos tempos em que ela foi desmerecida e sobrepujada (CHARTIER, 1995, p. 2), trazendo, assim, o estudo das

culturas de uma forma geral, e da cultura popular como uma nova maneira de praticar e compreender e pensar o mundo.

Foi no final do século XVIII e início do século XIX, quando a cultura popular tradicional estava justamente começando a desaparecer, que o “povo” (o *folk*) se converteu em um tema de interesse dos intelectuais europeus. A palavra “folclore” (*folklore*, palavra de cunho inglês, em 1846) foi criada pelo arqueólogo William John Thoms.

No Brasil, os estudos sobre folclore ocorreram tardiamente, no final do século XIX, e expandiram-se através do Movimento Modernista, em 1922. Merecem destaque alguns nomes como, Sílvio Romero, Afrânio Peixoto, Mário de Andrade e Luís da Câmara Cascudo. E, especificamente no estado do Espírito Santo, a partir da década de 1940, evidenciamos os nomes de Guilherme Santos Neves, Renato José Costa Pacheco e Hermógenes Lima Fonseca, dentre outros.

Em 1946, cria-se o Centro Capixaba de Folclore, com o objetivo de promover iniciativas ligadas à cultura popular e, assim, difundir a preservação da cultura tradicional para um maior número de pessoas, de modo que foram realizadas várias palestras acerca da temática, dando origem à primeira palestra sobre ‘Folclore nas escolas’, por Guilherme Santos Neves (MORAIS, 2008, p. 27).

Em 1947, após incentivo da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO), cria-se a Comissão Nacional do Folclore, e o secretário-geral Renato Almeida fica impressionado com a palestra de Guilherme Santos Neves sobre “Folclore nas escolas”, convidando-o, então, para assumir a Secretaria Geral da Subcomissão Espírito Santense de Folclore. Neves aceitou o convite em abril de 1948, constituindo uma política nacional.

Nesse sentido, Vivian Catenacci, em seu artigo sobre “Cultura Popular: Entre tradição e a transformação”, destaca que:

O folk é [aqui visto na América Latina] de forma semelhante à da Europa, com uma propriedade de grupos indígenas ou camponeses isolados e auto-suficientes, cujas técnicas e a pouca diferenciação social os preservariam de ameaças modernas. Interessam mais os bens culturais, objetos, lendas, músicas que os agentes que os geram e consomem. Essa fascinação pelos produtos, o descaso pelos processos e agentes sociais que os geram, pelos usos que o modificam, leva a valorizar nos objetos mais sua repetição que sua transformação (CATENACCI apud CANCLINI, 1989, p. 211).

Segundo Neves (2008), o folclore capixaba tem suas raízes nas tradições de Portugal, assim como, “Os negros deixaram forte registro de sua permanência em terras do Espírito Santo: nos batuques, nos “tambores” (região norte), ... (...) na cabula e em outros aspectos do

folclore mágico (Conceição da Barra e São Mateus); na música e no ritmo das bandas de congos (litoral e interior)” (NEVES, 2008, p. 53).

O autor supracitado, em sua palestra ‘Folclore nas escolas’, nos remete ao significado de folclore da seguinte maneira:

O folclore – Uma das mais pitorescas, das mais interessantes ciências humanas é, sem dúvida, o folclore, que estuda e interpreta o saber, ou melhor, a sabedoria popular, ou melhor ainda, a própria alma do povo, que se manifesta e projeta através do que ele, povo, canta, conta ou faz (NEVES, 2008, p. 61).

O folclore é uma forma de compreendermos o mundo, em outras palavras, utilizando a imaginação, podemos desvendar mistérios da natureza e, assim, transformá-los numa grandeza de cultura popular, disseminando através de lendas, modos de ser, alimentar, vestir, falar, o que se pode passar de geração para geração, de pais para filhos, através de contos e causos, cantigas de roda, canções de ninar, brincadeiras, jogos, mitos etc.

Ainda, na palestra ‘Folclore nas escolas’, Neves continua:

Há, infelizmente, os que conhecem e proclamam as múltiplas vantagens do folclore e a necessidade do seu estudo e aplicação, porque, através dos elementos que o compõem, se revela a céu aberto a alma coletiva, por meio da qual se poderá sondar mais fundamentamente a alma humana.

A nosso ver, existe ainda um sentido mais nobre, mais *íntimo*, no estudo e aplicação do folclore – é o afetivo rememorar das coisas idas, o reviver da cultura tradicional do povo, essa volta, esse retorno sentimental ao passado, tantas e tantas vezes preciso, para melhor se viver o presente e estruturar o futuro” (NEVES, 2008, p. 62).

O autor aponta que a interação dessas múltiplas experiências pode dar uma enorme visibilidade, como é o caso do folclore e, com isso, através das experiências vividas podem ser produzidas por diferentes grupos sociais, credibilizando o saber-fazer desses grupos culturais, revivendo seus antepassados, num valor sentimental, possibilitando uma aproximação desses grupos culturais e a escola, não apenas para rememorar a concepção do folclore, mas, sim, aplicar e reviver a tradição de um povo.

2.3 PRINCIPAIS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DA VILA

Ao se aproximar da fazenda Itaúnas, o príncipe Maximiliano, em sua viagem ao Brasil, entre os anos 1815-1817, menciona os tambores dos negros, sempre em ritmo de festas e danças,

Aproximando-nos da fazenda, ouvimos, distantes, os tambores dos negros. Os escravos negros procuram conservar os costumes do seu país tanto quanto lhes seja possível; assim, por exemplo, encontram-se entre eles todos os instrumentos de

música referidos pelos viajantes da África, desempenhando o tambor papel predominante. Onde quer que muitos negros viviam juntos numa fazenda, celebram as suas festas, pintam-se e vestem-se à moda natal, e executam as danças nacionais (WIED-NEUWIED, 1989, p. 172).

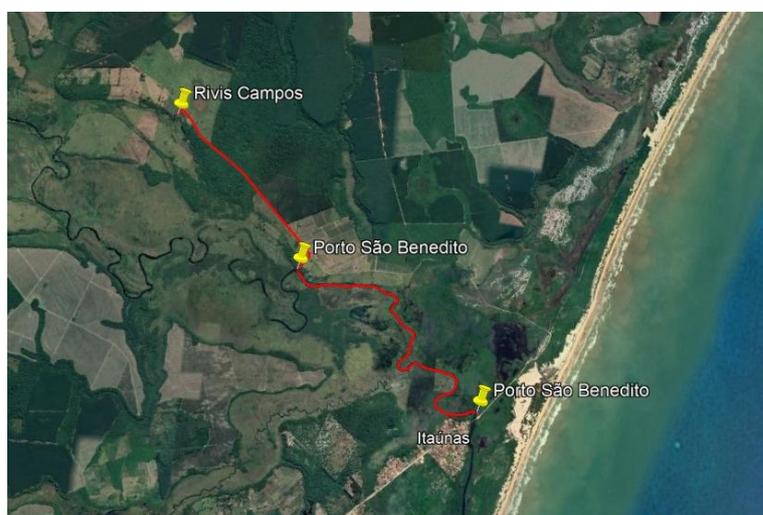
Nos estudos e registros do folclore capixaba de Guilherme Santos Neves (2008), encontra-se o seguinte registro:

As bandas de congos persistem no Espírito Santo. Delas há notícias que datam do século XIX: de 1858, François Biard (*Deux années au Brésil*, 1862, p. 197); de 1860, Pedro II (Levy Rocha, *Viagem de D. Pedro II ao Espírito Santo*, 1960, p. 97); de 1880 e 1886, bispo Pedro Maria de Lacerda (cadernos manuscritos de sua visita pastoral ao Espírito Santo); Padre Antunes de Siqueira (*Esboço histórico dos costumes do povo-santense*, 1893, p. 43) (NEVES, 2008, p. 57).

Na Vila, sempre existiu um movimento religioso marcado pelas festividades dos Padroeiros São Benedito e São Sebastião, comemorados nos dias 19, 20 e 21 de janeiro. Essa religiosidade católica é herdada da religiosidade afro-brasileira, que acontece em várias regiões brasileiras.

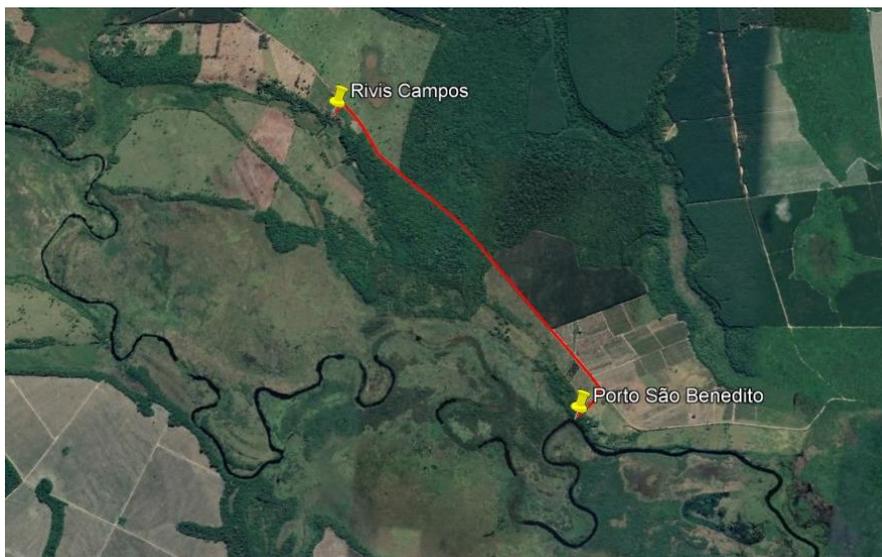
A fé em São Sebastião faz o povo andar pelas ruas no dia 20 de janeiro, quando se homenageia o santo padroeiro e, por consequência, a vila, depois da descida do Grupo do Ticumbi pelo rio Itaúnas. A figura 28, nos mostra a saída do Sítio do Sr. Rivis Campos (onde acontece o ensaio geral do grupo, na noite anterior), faz um percurso de aproximadamente 7,5 km, até a ponte de Itaúnas. A figura 29 mostra, os moradores fazendo um percurso pela estrada de barro batido, uns a pé, outros de carro, saindo do sítio do Sr. Rivis Campos, aproximadamente 2,8 km até o Porto São Benedito, localizado na fazenda do Cabral. E a figura 30, nos mostra o percurso total de 4,2 km para embarcarem e descerem o rio, até chegarem à ponte de Itaúnas.

Figura 28 - Percurso através do rio, do Sítio Sr. Rivis até a ponte em Itaúnas



Fonte: Google Maps (2022).

Figura 29 - Percurso do Sítio do Sr. Rivis até o Porto de São Benedito, na fazenda Negreiros (Cabral)



Fonte: Google Maps (2022).

Figura 30 – Percurso do Porto São Benedito até a ponte em Itaúnas



Fonte: Google Maps (2022).

A figura 31 mostra os barcos no rio com os grupos dos Ticumbis e seus integrantes para desembarcarem na ponte, no ano de 2018. A figura 32 retrata a chegada desses grupos à ponte, com as imagens de São Benedito e São Sebastião, em 2018.

Na sequência, toda a população já está esperando pelos grupos e seguem em procissão até a igreja de São Sebastião (praça), onde o público tem o privilégio de assistir às apresentações de vários grupos, como Ticumbi, Jongo, Pastorinhas, Reis de Boi, Samba de

São Benedito e do Alardo, Reis de Boi do Mestre Nilo (Comunidade Santana), Reis de Boi do Mestre Nenem (Marcílio Dias²⁶), Reis de Boi do Mestre Dito (Barreiras)²⁷, Reis de Boi do Mestre Tião de Veio (Porto Grande)²⁸, Jongo de Santa Bárbara de Gessi Cassiano (Linhariño), Jongo de Santana de Maria Amélia (Santana), e outros, para a festa de São Benedito e São Sebastião, que tem início na sede do município, passando por Barreiras, no Distrito do Cricaré, culminando em Itaúnas.

Figura 31 - Cortejo dos grupos culturais



Fonte: Foto cedida pela gestora da escola (2018).

Figura 32 - Chegada do grupo Ticumbi na ponte



Fonte: Foto cedida pela gestora da escola (2018).

Para cada ano, se faz uma homenagem a algum folclorista ou a atores importantes da região. Em 2018, o homenageado foi o escritor, jornalista e folclorista Rogério Medeiros.

Figura 33 - A festa de São Benedito e São Sebastião, em 2018



Fonte: Arquivo da escola, cedido pela gestora (2018).

²⁶ Bairro do município de Conceição da Barra.

²⁷ Comunidade ribeirinha de ambas as margens do Rio Cricaré.

²⁸ Comunidade nas mediações de São Mateus, pertencente ao município de Conceição da Barra.

Para o autor Geertz, “compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade” (GEERTZ, 1989, p.10). Ou seja, para entender aquilo que pode ser visto, expressado, dito, falado, compreendido, ainda em Geertz, é importante “conversar com eles” (p. 17), e poder compreendê-los. Nesse sentido, durante as entrevistas no trabalho de campo com os mestres dos grupos culturais, percebe-se a riqueza e o valor da cultura local, como essa fala do mestre do grupo de Reis de Boi e membro do grupo do Ticumbi, Lucas Maia,

Então, a cultura de Itaúnas, ainda está bem viva, apesar das dificuldades, graças a Deus, ainda tem muitos jovens interessados, hoje, os grupos do Ticumbi, que são os mais tradicionais, a maioria dos participantes são jovens, a cultura de Itaúnas é bem animada, muito festiva, tem que continuar nessa pegada, não pode deixar morrer, isso eu falo, principalmente em relação aos Ticumbis e ao Reis de Boi, que são tradições, com a cara de Itaúnas. Se puder incorporar dentro da programação de outras festas, no caso, do Festival Nacional Forró Itaúnas – FENFIT, quem sabe fazer apresentações dos grupos culturais, tem tudo a ver com que as pessoas procurem Itaúnas, porque aqui o que a gente é conhecido mais, é o forró, pode ser forró e muito mais além disso. Pode incorporar todas essas tradições, que é só riqueza pra gente, eu acredito que quanto mais a gente valorizar essas coisas aqui da vila, não só as tradições de dança, mas, por exemplo, a produção de farinha, as roças tradicionais com alimentos tradicionais, tudo isso vai fortalecer a nossa cultura mais e mais, e esse é o diferencial de Itaúnas, é você chegar na vila, é você pisar o pé na areia, você conversar com os antigos, você vê uma tradição boa, tudo isso vai fazer muita diferença pra nós aqui em relação a outros lugares (MAIA, 31 anos, 2022) (informação verbal).

2.3.1 TICUMBI - (BAILE DE CONGO DE SÃO BENEDITO)

Ali o muy grande reyno está de Congo
 Por nós já convertido á fee de Christo
 (Camões, *Lusíadas*, canto V, estrofe 13) (NEVES, 2008, p. 109)

O Ticumbi, conhecido como um dos mais tradicionais folguedos do norte do estado do Espírito Santo, é uma manifestação da cultura popular capixaba, étnica e ritualística que existe em Conceição da Barra, herança da cultura africana dos tempos coloniais.

Em Lyra (1981),

[...] São Mateus, incluindo a população de Barra, atual município de Conceição da Barra, em que se localiza o ritual do Ticumbi, era o maior centro de escravos do Espírito Santo. (...) os descendentes desse enorme contingente negro habitam o interior dos municípios de São Mateus e Conceição da Barra. Vivem em roças onde cultivam mandioca, conservando hábitos próprios herdados dos antepassados e integrando uma imensa comunidade negra onde todos são parentes e/ou compadres, concentrando-se na região rural. Dessa comunidade negra sai o Ticumbi (LYRA, 1981, p. 25 e 32).

De acordo com Neves (2008),

Auto popular ou dança dramática são os nomes por que, geralmente, se classificam, no Brasil, as representações de caráter folclórico, obedientes a certo enredo, tais como a Marujada, Chegança, Fandango, Barca ou Maruja, o Pastoril ou Lapinha, o Bumba-meu-Boi (no Espírito Santo: Reis-de-Boi), os Cabocolinhos ou Dança de caboclos, os Guerreiros, os Congados ou Congadas ou Baile de Congo (NEVES, 2008, p. 109).

O Baile de Congos para São Benedito, conhecido como Ticumbi, segundo Oliveira (2016, p. 216), [...] trata-se de uma dança que acontece, segundo a memória e a genealogia de seus integrantes, há mais de 200 anos na região norte do Espírito Santo. Levando essa brincadeira e diversão para o povo, preserva-se a dramatização de uma luta simulada entre as nações de Congo e Bamba, um festejo que acontece na praça em frente à igreja da vila de Itaúnas, reverenciando, assim, o Santo “São Benedito”.

Figura 34 - “Baile de Congo de São Benedito” (19..)



Fonte: Foto cedida pelo gestor do PEI.

Bernadete Lyra (1981) afirma que o Ticumbi faz parte do universo banto das congadas e tem como círculo geográfico ritualístico a cidade de Conceição da Barra (FERREIRA apud LYRA, 1981, p. 36).

Na interpretação da pesquisa de Xavier (2009), o Ticumbi, na Vila de Itaúnas, está para além de apenas um folk (folclore), ele é reconhecido como uma Instituição Social – uma associação hierárquica, portanto política, com forte traço religioso do catolicismo

popular e cultura afro-brasileira. Dessa forma, não só como desdobramento dos festejos do congo, limitada à comunidade sem participação do turista, mas, sobretudo, como atividade de lazer que ajuda a construir a identidade da vila.

O Folguedo é uma dança coreografada que conta a história de um Rei de Congo cristão, considerado um rei a serviço dos portugueses na África, que pretendia fazer a festa de São Benedito sozinho, separado do Rei Bamba, o Mani Bamba, pagão, senhor da província africana de Bamba. Como não há acordo entre as duas nações, a guerra é travada e seus secretários se desafiam fazendo embaixadas com coreografias agitadas, na forma de uma luta bailada.

Essa guerra inicial é denominada “*primeira guerra de reis Congo*” ou “*guerra sem travá*”, e depois a “*guerra travada*” (NEVES, 2008, p.112). Na guerra, os dois reis batem as suas espadas junto aos secretários e finalizam o combate.

Os personagens que fazem parte desse folguedo são o Rei de Congo, o Rei de Bamba, seus secretários próprios e o corpo de dança de cada nação, composto por dois guias, dois contra guias e um número de congos que pode variar, representando os guerreiros das duas nações.

O Ticumbi tem o seu enredo o seu assunto-fio, que se desenvolve longa e demoradamente na repetição interminável dos bailados, dos cantos e das embaixadas (NEVES, 2008). Há ainda o violeiro que participa das encenações. Apresenta uma característica própria, cada ano os versos são alterados para contar um novo fato ocorrido, alguma história local ou, até mesmo, nacional que marcou a vida das pessoas.

O vestuário é formado por longas batas brancas rendadas e várias fitas coloridas, calça branca larga com um friso de fita ao lado das pernas, duas fitas trançadas no peito, espadas, e na cabeça um chapéu cheio de flores com fitas longas, tudo muito colorido. Os reis aparecem com coroas de papelão enfeitadas com papel dourado ou prateado, peitoral de espelinhos e flores de papel, uma capa longa e, nas mãos ou na cintura, uma longa espada.

Na Vila de Itaúnas, existem três grupos do Ticumbis: O Ticumbi do Bongado e seu Mestre, o Sr. Anízio Ribeiro; o Ticumbi de Itaúnas e seu Mestre, o Sr. João de Deus Falcão, mais conhecido como João Quemode; e o terceiro grupo, O Ticumbi de Santa Clara (Angelim I), e seu Mestre, o Sr. Angelo Camillo, mais conhecido como Caboquinho.

Procurei os três mestres para entrevistar²⁹ e saber um pouco mais sobre a característica de cada grupo do Ticumbi. É perceptível que cada mestre tem sua história.

²⁹ Vide Apêndice C

2.3.1.1 Ticumbi do Bongado

Quanto ao Ticumbi do Bongado, que tem como mestre o Sr. Anízio Ribeiro, perguntei-lhe se acredita no diálogo da cultura popular com a escola, e há quanto tempo ele já faz esse trabalho. Obtive como resposta o seguinte:

Menina, eu fui chamado para fazer esse trabalho há muitos anos. Trabalhei quinze anos e depois entrou esse empate da pindemia que nós fomos despachados, eu com o companheiro né. Aí não teve como, e eu fiquei na espera de Deus primeiramente, esperando essa avolução passar para gente se continuar ao menos um pouco ainda para poder passar para outras pessoas, mas como agora sempre eu pego com meus companheiros, meus companheiros das coordenações conversam comigo, as minhas amigas de escola, professora, e eu tô nessa espera, sempre alegre com Deus, que pode acontecer a gente dá mais outro treino se for possível (RIBEIRO, 75 anos, 2022) (informação verbal).

Figura 35 – Mestre do Ticumbi do Bongado, Sr. Anízio Ribeiro



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Em conversa com o Sr. Anízio, contei-lhe que ouvimos falar muito que Itaúnas tem Ticumbi de Santa Clara, Ticumbi de Itaúnas e Ticumbi do Bongado e pedi-lhe que falasse um pouco sobre o Ticumbi do Bongado. Ele falou, entre suspiros de muita alegria:

Ah!! O Ticumbi do Bongado, ele é de muito, muito tempo né, que eu conheci com meu pai, com idade de um ano, que ele era o mestre do Ticumbi do Bongado. Não era Ticumbi, era “Baile de Congo de São Benedito”, Itaúnas velha. Aí foi trabalhando, foi me criado dentro desse trabalho né, como aluno né, trabalhei de Congo, trabalhei de violeiro e hoje meu pai morreu tem 56 anos de morte (...) (RIBEIRO, 75 anos, 2022) (informação verbal).

Indaguei, perguntando-lhe quem era seu pai, e ele respondeu: “Pedro Bongado José dos Santos” (RIBEIRO, 75 anos, 2022). Interrompi-o novamente, com a pergunta: então, quer dizer que o Sr. é filho de Pedro Bongado? Ele respondeu, com seriedade:

Sou filho sim!! Considero de criação né, mas foi meu pai que eu conheci, então eu tô nessa espera hoje trabalhando nessa responsabilidade há quarenta e poucos anos nesse trabalho né, como surgiu essa devoção para mim, essa lembrança de cultura né, de Ticumbi do Bongado, hoje que eu tô resolvendo, fiquei eu e meu irmão, mas meu irmão Deus levou, aí fiquei nesse lugar e tô aí com meus amigos de Itaúnas, que é uma grande satisfação para mim e uma saudade que eu nunca vou esquecer, mesmo assim quando Deus me levar eu tenho alguma coisa para contar antes de Deus me levar (RIBEIRO, 75 anos, 2022) (informação verbal).

O Sr. Anízio Ribeiro foi um dos responsáveis por desenvolver o trabalho como oficinairo e como mestre, dando aulas junto ao seu parceiro, o Sr. Antônio da Conceição, sobre os grupos culturais, como: Reis de Boi, Jongo e Ticumbi, para os alunos da EMEF Benônio Falcão de Gouveia, através do projeto “Diversidade cultural na escola”, nos anos de 2018 e 2019.

Segundo o Sr. Anízio, até hoje muitos alunos o abordam na rua e perguntam: “oh, tio, e as aulas, tio, oh que dó heim! Vai, parou?” E que ele sempre responde para esses alunos: “vamo esperar meu filho, vamo esperar a maré, né!” (RIBEIRO, 75 anos, 2022) (informação verbal). E ele sorri entusiasmado.

Figura 36 - Mestre Anízio com o grupo Ticumbi do Bongado



Fonte: Foto cedida pela gestora da escola (2018).

2.3.1.2 Ticumbi de Itaúnas

Procurei também o Mestre do grupo Ticumbi de Itaúnas, o Sr. João de Deus Falcão dos Santos, mais conhecido como João Quemode e, em entrevista, ele relatou que:

Olha, eu lembro quando eu comecei brincar no grupo, eu tinha meus 15 anos, e o que que acontece, e aí eu vim brincando, vim brincando e hoje tô com 74 anos, no mesmo lugar brincando bem, graças a Deus, tô bem, graças a Deus! ” (FALCÃO, 74 anos, 2022) (informação verbal).

Perguntei ao Sr. Quemode quando começam as festas na vila de Itaúnas, e ele me respondeu que:

Eu começo os ensaios a partir do mês de dezembro, aí eu vou até 17 de janeiro que é o ensaio geral pra terminar, que depois dia 19 que é a festa de São Binidito, depois enterramos o mastro de São Sebastião, entendeu? E depois acaba a brincadeira” (FALCÃO, 74 anos, 2022) (informação verbal).

Figura 37 - Ensaio geral do grupo Ticumbi de Itaúnas, no sítio do Sr. Rivis



Fonte: Foto cedida pela gestora da escola (2018).

Perguntei o porquê desses três grupos de Ticumbis em Itaúnas, qual seria a diferença entre eles? Percebi um certo desconforto na sua resposta, mas, mesmo assim, ele me respondeu: “Olha! Pra dizer a você, pra dizer com certeza, hoje eles falam que tem três Ticumbi em Itaúnas, só que no meu pensamento não existe esses três Ticumbis em Itaúnas, existe “um”, (ele utilizou muita ênfase para falar a palavra um, por isso, utilizei aspas duplas) e, assim, ele continuou:

[...] que é o Ticumbi de Itaúnas, porque na época que meu pai (Antero) tomou conta dessa brincadeira do Ticumbi, tomou conta da brincadeira do Bongado, só que o Bongado foi pra Pedro Canário³⁰, ele rodou por lá, então nós fizemos uma brincadeira pra nós aqui e tomamos conta da brincadeira. Primeiro – o Bongado fazia o ensaio geral dia 17, hoje quem faz como nós... - Bongado enterrava o mastro, hoje quem faz, como nós, a festa do dia 19 de janeiro quem fazia era o Bongado, hoje quem faz como nós, entendeu? Então quem faz como nós, pra mim

³⁰ Município localizado no norte do Estado do Espírito Santo, fica a 39,8 km de Conceição da Barra.

só existe um grupo do Ticumbi, que é o Ticumbi de Itaúnas (FALCÃO, 74 anos, 2022) (informação verbal).

Ele demonstrou várias vezes a importância do grupo Ticumbi, afirmando que para ele só existia um único grupo do Ticumbi, e que era o grupo do Ticumbi de Itaúnas.

Figura 38 – Mestre João Quemode descendo da canoa



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2023).

A figura 39 mostra os componentes do grupo Ticumbi de Itaúnas segurando as imagens de São Benedito e São Sebastião, e a figura 40 mostra todos em procissão pelas ruas da vila, até a Igreja, em cantório, despertando a atenção de todos que por ali passam, e muitos já em espera para assistirem as apresentações dos grupos culturais.

Figura 39 – As imagens de São Benedito e São Sebastião



Fonte: arquivo da autora (2023)

Figura 40 – Procissão pela vila



Fonte: arquivo da autora (2023)

Oh, Glorioso São Binidito, vem cá nos socorrer...
 Oh, Glorioso São Binidito, vem cá nos socorrer,ehehehe!!
 Invadiram o nosso porto, e o que nós vamo fazer? Eheheh!
 Invadiram o nosso porto, e o que nós vamo fazer? Eheheh!!

Oh, Glorioso São Binidito, vem cá nos socorrer...
 Oh, Glorioso São Binidito, vem cá nos socorrer,ehehehe!!
 Invadiram o nosso porto, e o que nós vamo faze? Ehehehe!
 (FALCÃO, 74 anos, 2023)

Figura 41 – enterrando o mastro



Fonte: arquivo da pesquisadora (2023)

Figura 42 – o mastro enterrado



Fonte: arquivo da pesquisadora (2023)

Vamo enterrar o mastro de São Sebastião, eheheh!
 Vamo enterrar o mastro de São Sebastião, ehhehh!
 Nós já enterremo o mastro de São Sebastião
 Nós já enterremo o mastro de São Sebastião! Ehehehe.
 (FALCÃO, 74 anos, 2023)

Ainda questioneei sobre há quanto tempo existe o Ticumbi de Itaúnas ao Sr. João Quemode, e ele me disse: “Ticumbi de Itaúnas, hoje, deve ter uns sessenta, setenta e poucos ano”. No entanto, ele não sabia dizer exatamente a quantidade de anos, mas interrompi-o com a pergunta se ele existia na Itaúnas antiga, e ele me respondeu:

Ele existia na Itaúnas antiga, nós começemos lá, o Ticumbi do Bongado é lá da roça, da fazenda do Manoel Bongado, pai de Pedro Bongado, mas só que o Ticumbi do Bongado é o mesmo de Itaúnas, só que o Ticumbi de Itaúnas tomou conta do Bongado, até passei agora pra meu menino Nil (Domingos Falcão dos Santos) ser mestre, mas por enquanto ainda dou um palpitizinho, agora quem vai cair e puxar o Ticumbi de Itaúnas é o menino (FALCÃO, 74 anos, 2022) (informação verbal).

A figura 43 nos mostra a organização e o encantamento do grupo Ticumbi de Itaúnas e seu Mestre João Quemode junto a seus companheiros de cordão, e as figuras 44 e 45 mostram o grupo em apresentação numa sintonia de alegria ritualística através do som dos pandeiros, agradecendo a todos que ali assistiam.

Figuras 43- Grupo Ticumbi de Itaúnas e seu Mestre João Quemode



Fonte: Fotos cedidas pela gestora da escola (2018).

Figura 44 e 45 – Apresentação do Grupo Ticumbi de Itaúnas



Fonte: Fotos cedidas pela gestora da escola (2018).

2.3.1.3 Ticumbi de Santa Clara

Em uma outra entrevista com o Mestre do grupo Ticumbi de Santa Clara, o Sr. Angelo Camillo, mais conhecido como Caboquinho, perguntei-lhe como era ser um brincante de um grupo cultural:

Ah, isso aí vem muito das pessoas que exige aquela vontade, aquela ambição, dar o valor que a gente encontrou, porque muita gente hoje não dá muito esse valor, assim, confundiram umas coisas sabe, então, saiu para outras coisas, parou, diz que aqui num rola dinheiro, não rola não, mas tá tudo bem, concordo que não rola dinheiro, mas a tradição que é a importância de tudo quanto há de grupo o que se existe em Itaúnas, a tradição né. (CAMILLO, 82 anos, 2022) (informação verbal).

Indaguei-o o porquê do nome de Ticumbi Santa Clara:

Chama Ticumbi Santa Clara por causa da comunidade (Igreja) Santa Clara³¹, mas lá não é assinado por Ticumbi Santa Clara não, lá é assinado, e cadastrado por Baile de Congo do Angelim, porque eu botei Baile de Congo do Angelim, porque minha mãe foi nascida ali, tia Leonor foi nascida ali, tia Glória foi nascida ali, tia Larico foi nascida ali, minha avó Cezarina morreu ali, meu avô saiu e foi embora e deixou a terra, certo? (CAMILLO, 82 anos, 2022) (informação verbal).

Pedi ao Sr. Caboquinho que nos relatasse a sua experiência como membro do grupo cultural e o diálogo da cultura popular com a escola:

Olha! A gente pra falar isso aí é uma coisa muito séria, e é muito difícil sabe, porque a gente pra ser um membro de um grupo do folclore popular e ser parceiro dum colégio, depende muito da comunidade e depende muito desse mérito, porque, até que agora a gente tá assim mais afastado um pouco, por que não existe assim, uma chamada depois que esse prefeito fechou o ensinamento das crianças, que o prefeito tirou, a gente nunca mais teve aqueles contatos dentro dos colégios como se deve,

³¹ Igreja Santa Clara localizada na comunidade do Angelim I, a uns 4 km da vila de Itaúnas.

como tem que ser, mas eu acho que tem seguir esse mesmo caminho que a gente sempre veio né? (CAMILLO, 82 anos, 2022) (informação verbal).

Falamos muito sobre as apresentações e ele, de vez em quando, dava uns suspiros e frisava bastante para não deixar morrer essa tradição tão bonita, que é a dos grupos culturais de Itaúnas, assim enfatiza:

Oh, Claudia! o que eu posso falar, deixar pra vocês, deixar pra comunidade, sabe, que não deixa o ‘Baile de Congo de São Benedito’ esquecido não, sempre se alembra, sempre puxa, porque ele é a maior tradição do nosso município. Além de ser a nossa tradição, quem brinca como mestre quando ele conhece quando é um folclore, o Baile de Congo de São Benedito, ele é uma religião (CAMILLO, 82 anos, 2022) (informação verbal).

Indaguei, dizendo: “então, o Baile de Congo de São Benedito, o Sr. quer dizer o Ticumbi do Bongado?” Ele deu uma risada, e eu também o acompanhei com um sorriso, e ele continuou: “é, todos eles, Baile de Congo, porque Ticumbi é a palavra (...)”, (CAMILLO, 82 anos, 2022) (informação verbal).

Ele sorriu novamente e eu lhe perguntei: “Sr. Caboquinho, então quer dizer que todos esses Ticumbis são Baile de Congo? O do Bongado, o de Itaúnas? O de Santa Clara? Ele me interrompeu respondendo:

São todos, foi no certeiro de Jonas Neves, sei lá..., (o entrevistado se refere a Guilherme Santos Neves³²), e continuou sua fala: [...] quem fez esse livro, que fez essa separação, mas pela cultura que a gente se encontrou se chama “Baile de Congo de São Benedito”, não existe Ticumbi São Benedito (CAMILLO, 82 anos, 2022) (informação verbal).

“Nossa! ” Fiz uma observação: “eu vou registrar Sr. Caboquinho”. Então, ele disse:

[...] pode registrar que a palavra é essa, não é Ticumbi, é ‘Baile de Congo de São Benedito’, vamo ao ensaio de Congo de São Benedito lá em tal canto? Assim, assim? Vamo? A gente foi criado nesse sentido, depois, já de pouco tempo prá cá, recente, foi que começaram a botar Ticumbi. Por quê? Porque o Ticumbi tem, lá na África, onde foi criada a brincadeira, então tem o Ticumbi, lá tem, mas não é o Baile de Congo de São Benedito (CAMILLO, 82 anos, 2022) (informação verbal).

Segundo Aguiar (2005), [...] a partir de 1945, o professor Guilherme Santos Neves batizou o Baile de Congo como Ticumbi, que assim ficou conhecido pelas gerações subsequentes” (AGUIAR, 2005, p. 180), diferenciando o congo da região norte do estado do Espírito Santo dos outros congos dos demais estados.

³² Guilherme Santos Neves, nasceu em 1906, professor, pesquisador e um dos maiores folcloristas capixabas. Em 1946, fundou o Centro Capixaba de Folclore e, em 1948, foi um dos fundadores da Comissão Espírito-Santense de Folclore. Foi membro do Conselho Nacional de Folclore, suas pesquisas resultaram na valorização e preservação de diversas festas e manifestações, contribuindo desde então para a cultura popular brasileira. Faleceu em 1989, com 83 anos de idade. Fonte: www.secult.es.gov

Na visão de Medeiros (2008), todos esses integrantes do congo e as comunidades remanescentes de quilombolas, do norte do estado do Espírito Santo, reconhecem por Baile de Congo.

Outra informação importante, relatada pelo Sr. Caboquinho, é que, em 1956, quando estava com 16 anos de idade, foi até a casa de Pedro Bongado, lá no Sertão do Bongado, na fazenda do Barão de Timbuí, para pedir um lugar no grupo para brincar no Baile de Congo.

No entanto, quando chegou à casa de Pedro Bongado, ele estava de cama, pois tinha caído do cavalo e estava muito mal. Mesmo assim, mandou Caboquinho entrar e perguntou-lhe o que queria. Caboquinho, então, respondeu que queria participar da brincadeira de Congo. Ele perguntou-lhe se tinha como arrumar as roupas, ele afirmou que sim, então Pedro Bongado disse que, como ele já tinha sido “*Ruculuco*”³³, podia ser membro do Baile de Congo.

Caboquinho relatou que Pedro Bongado disse-lhe: “Caboquinho, o Baile de Congo não era uma brincadeira, e sim, uma religião séria, e não uma farra”. E Caboquinho continuou relatando,

[...] foi Pedro Bongado que pediu autorização para o Barão de Timbuí para poder praticar o Baile de Congo com os escravos, e o Barão autorizou, inclusive, em uma de suas viagens à Portugal, o Barão de Timbuí trouxe a imagem de São Benedito, entalhado de madeira, depois de um tempo ele deu a imagem de presente para a filha da escrava Ana, que por sua vez doou para igreja na Itaúnas velha, e aí foi colocado na Sacristia, porque como o Santo era preto e não podia ficar junto aos outros santos, em data que não me lembro, e devido as ordens do Vaticano a imagem foi caçada, devido o santo ser preto, e teve que retirar da igreja (CAMILLO, 82 anos, 2022) (informação verbal).

Dessa forma, evidencia-se o preconceito estampado pela igreja católica com fortes reflexos na história do nosso país. Caboquinho continuou: “e, assim, foi substituída pela imagem de São Sebastião atual padroeiro da vila” (CAMILLO, 2022) (informação verbal).

Após incansáveis buscas, o morador da região pelo nome de Andrônimo Antônio Martins encontrou a imagem de São Benedito que foi parar no Córrego do Cedro, vilarejo, hoje, denominado Assentamento Paulo Vinhas, localizado aproximadamente a uns 23 km da vila de Itaúnas, no sentido norte.

Ainda no século XIX, Andrônimo, que era subdelegado de Conceição da Barra, fez uma carta e entregou ao bispo, em São Mateus, solicitando a permissão para ficar com o santo, tornando-se, assim, responsável pela imagem. Andrônimo e seu filho, Antônio Martins, pediam esmola de casa em casa para ajudar a organizar a festa de São Benedito. Após a morte

³³ Segundo Camillo, Pedro Bongado chamava de *Ruculuco* aquelas pessoas que ele colocava para substituir algum membro que faltava durante os ensaios do Baile de Congo.

de Andrônimo, a imagem ficou na responsabilidade do filho, Antônio Martins, mas, com o seu falecimento em 2008, passou a responsabilidade da imagem para uma de suas filhas, Beatriz Martins Lemos, nascida e criada em Conceição da Barra, e que hoje reside na Vila de Itaúnas.

Nas festas em homenagem a São Benedito, quando em janeiro é a festa da comunidade, ela sempre está presente. Segundo Sr. Caboquinho: “a família dos Martins é a quarta geração da posse da imagem de São Benedito que deva ter seus mais de 300 anos” (CAMILLO, 82 anos, 2022) (informação verbal).

Durante a entrevista com o Sr. Anízio, mestre do grupo Ticumbi do Bongado, também ouvi essa mesma história, quando ele relatou que:

[...] o santo de São Benedito que papai, que nós festejava como padroeiro, como é até hoje né, era o São Benedito velho né, mas depois que papai morreu, tiraram o santo da igreja, aí foi aconteceu que eu fiquei mais meu irmão, aí vai o Sr. Andrônino Bidu, que era delegado nessa época, depois que papai faleceu, ele correu atrás e achou o São Benedito (RIBEIRO, 75 anos, 2022) (informação verbal).

Indaguei perguntando onde o santo se encontrava. E ele continuou: “ele tava em Conceição da Barra, ele achou, aí trouxe para casa dele, sem a coroa”. Perguntei-lhe se a coroa havia sumido, e ele disse:

[...] a coroa já tinha sumido, aí ele falou com Casseiro e falou comigo, que eu fui criado no Bongado no Andrônino, no Córrego do Cedro, eu fui criado dentro da farinha de Andrônino, eu jovem, ajudando Andrônino a fazer farinha, trabalhava para mim, para meu pai e para eles lá, tocava cavalo na roça; tocava farinha né; aquelas coisas, aí papai vai faleceu, Andrônino arrumou o santo na Barra e falou assim: [...] “Casseiro agora cê vai ter uma responsabilidade, voltar o Baile de Congo, a levantar o Baile de Congo de seu pai, Anízio já é violeiro, né?” (RIBEIRO, 75 anos, 2022) (informação verbal).

O Sr. Anízio continuou: “eu já era violeiro, comecei a tocar viola com a idade de treze anos na Itaúnas velha”. Andrônino continuou sua conversa com Casseiro por Anízio: “e cê arranja um parceiro pra ser guia seu e tocar o Baile de Congo”.

O Sr. Anízio retoma sua fala:

[...] aí foi que o veio Antero já era aluno do meu pai né, muitos anos, aí ajeitemo, meu irmão chamou o veio Antero, combinemo e fomo suspender o Baile de Congo, aí suspendemo o Baile de Congo no Córrego do Cedro, fizemo uma igrejazinha lá, tudo no estuque né, barreado a barro, telha francesa de cimento, ele trouxe da Barra aqui para Itaúnas, aqui da Itaúnas levou pro Sertão de Itaúnas nas costas de animal. Aí conseguimos lá uns 4 a 5 anos festejando a igreja e fazendo a representaçãozinha aqui em Itaúnas.

Aí foi, Andrônino vendeu o sítio, e foi para Pedro Canário, e nós trabalhemo três anos em Pedro Canário, depois ele vendeu a casa lá do Canário, e foi para Santana, nós trabalhemo mais três anos em Santana, depois que o veio morreu, ficou Pitônio... (apelido de Antônio Martins, filho de Andrônimo), como responsável do santo, mas, antes dele morrer, que Pitônio veio representar e trazer o São Benedito na porta da igreja, aí aconteceu uma temazinha aí com um fulanzinho, aí, Pitônio ficou com medo né, aí foi resguardou o santo e não quis mais me acompanhar como

mestre do trabalho que eu era mais o Casemiro, e fechou o santo, e o santo tá pegado até hoje, aí eu comecei, assumi meu compromisso até hoje e tô assumindo, devagar mas tô sempre, e vai rumo outro santo, o Bambu³⁴ vai adoou um santo para nós, esse que D^a Maria Catarina tem aí. Aí saiu o projeto também de Chico Donato³⁵, fazer os galpões para algum mestre, como fez para mim, fez para Sr. Tertolino, fez para Tião de Veio né, e aí a gente começou e tamo nisso até hoje né, mais nós temo o São Benedito novo, né! (RIBEIRO, 75 anos, 2022) (informação verbal).

O Sr. Caboquinho não chegou a ser membro do grupo do Baile de Congo, devido ao falecimento súbito de seu amigo Pedro Bongado. Dessa forma, o grupo ficou sem atuar por uns dois anos; depois, teve como responsável o Sr. Liberato, depois Lauro e Casemiro e, assim, sucessivamente, quando um morria, o outro assumia. Hoje, o responsável pelo grupo é Anízio Ribeiro, residente em Conceição da Barra.

Caboquinho lamenta a morte de Pedro Bongado, e diz que: “eu nunca usei a roupa (uniforme) que comprei para participar do grupo do Baile de Congo de São Benedito, e guardo essa roupa até hoje em minha casa, mostro para qualquer um ver” (CAMILLO, 82 anos, 2022).

Ele conta também que nunca esqueceu um verso que seu amigo Pedro Bongado cantou para ele, quando ele, Caboquinho, foi pela primeira vez Ruculuco no grupo Baile de Congo, e Caboquinho cantou:

*[...] Foi quando Deus andou no mundo, eh oh eh!
Em riqueza ele não falou..ohoh eheh!
Pois, só falou em Unidade!
Que foi a Lei que Deus deixou, eh oh eh!
E foi a Lei que Deus deixou!*

A figura 46 nos mostra um senhor que segura o reco-reco, é o Andrônimo Antônio Martins, a segunda geração a ficar com a imagem de São Benedito, depois de terem retirado da igreja da Itaúnas Antiga. Na figura 47, o senhor que está segurando a sombrinha e a imagem de São Benedito é Antônio Martins, a terceira geração a ficar com o santo. Na figura 48, a filha de Antônio Martins, Beatriz Martins Lemos, é a responsável pela imagem de São Benedito (quarta geração), junto ao Sr. Caboquinho na apresentação do Ticumbi de Santa Clara, no ano de 2018.

³⁴ Companheiro de cordão nas apresentações do Ticumbi

³⁵ Prefeito de Conceição da Barra durante o período de 2001 a 2004

Figura 46 - Andrônimo Antônio Martins com o reco-reco (19..)



Fonte: Foto cedida por Lemos (2021).

Figura 47 - Antônio Martins e a imagem de São Benedito (19..)



Fonte: Foto cedida por Lemos (2021).

Figura 48 - Beatriz Martins Lemos e o Mestre Caboquinho



Fonte: Foto cedida por Lemos (2018).

Figura 49 - Apresentação do Ticumbi de Santa Clara



Figura 50 - Imagem de São Benedito



Fonte: Fotos cedidas por Lemos (2018).

2.3.2 ALARDO

Outra manifestação importante na vila é o Alardo, folguedo, em homenagem a São Sebastião que existente, em Conceição da Barra, há mais de 300 anos. Neves (2008, p. 97), em trecho da obra explica que o Alardo: termo perdido no tempo”, destacou tratar-se de uma “parada ou desfile guerreiro ou, no belo dizer do vetusto Morais: “mostras para intimidar co’ aparato, e apercebimentos de guerra”. De acordo, Neves (2008),

A festa, hoje em dia, só se realiza em Conceição da Barra, graças ao entusiasmo de um pugilo de figurantes que a representam, e mercê também do compreensivo apoio que vem eles recebendo da Municipalidade e da Igreja, bem como do comércio e do povo daquela cidade do norte do Estado. Aliás, o povo de Conceição da Barra sabe que o seu Alardo é festa sem similar em todo Brasil (NEVES, 2008, p. 135).

Segundo o autor, através de muitos estudos, a única referência dessa representação encontrada no livro do Padre Antunes de Sequeira – *Esboço histórico dos costumes do povo espírito-santense*, descreve a “festa de S. Sebastião na barra de São Mateus” sem alusão, aliás, ao vocábulo Alardo (NEVES, 2008, p. 97).

Atualmente, as apresentações do Alardo são raras. Segundo informação obtida com membros participantes, ocorrem em dois dias consecutivos no mês de janeiro. Segundo Neves (2008), além de Conceição da Barra e São Mateus, o Alardo existiu em outras regiões do Brasil, como o sul da Bahia (Cairu).

Neves (2008) apresenta uma importante passagem do relato produzido pelo Príncipe Maximiliano Wied-Neuwied sobre o Alardo, no período em que percorreu a região, no início do século XIX:

Cheguei a Ilhéus no fim da semana do Natal; [...]no dia de São Sebastião [20 de janeiro de 1816, ocasião em que por lá passou o viajante alemão], havia dois partidos que se guerreavam, os portugueses e os mouros; cada qual tinha seus capitães, seus tenentes, suas insígnias. Erguera-se junto da igreja uma fortaleza de ramadas. Os mouros tomam a imagem do Santo e levam-no para a sua fortaleza; na última noite o partido oposto toma-a de novo e condu-la para a igreja, com grandes demonstrações de respeito. Essa representação durou vários dias, durante os quais o povo vivia num constante movimento e não saía da igreja... (NEVES, apud WIED-NEUWIED, 1940, p. 345).

O Alardo é uma encenação dividida em dois atos, com participação de 20 guerreiros de cada lado, de modo que o grupo se organiza em dois outros grupos, o folgado consiste numa disputa entre cristãos – vestidos de azul (tendo a cruz como símbolo) – e o outro grupo de cor vermelha (tem como símbolo a meia lua, ou lua crescente) representando os mouros, os quais lutam pela posse da imagem de São Sebastião. Suas vestes são calções curtos abaixo do joelho, com meias na altura dos joelhos e sapatos brancos, e os alferes conduzem com garbo os estandartes com os símbolos dos mouros e dos cristãos. As batidas do tambor contam com três ritmos de marcha e emprestam solenidade ao folgado.

No primeiro dia, acontece a luta, após a imagem de São Sebastião ser capturada pelos mouros de espadas entre eles, quando os cristãos vencem a luta e recapturam a imagem de São Sebastião, devolvendo-a para a igreja. No segundo dia, acontece a conversão dos mouros em cristãos e, então, são batizados pelo padre.

Toda a encenação acontece na praça, ao lado da igreja São Sebastião, e o cenário é montado na véspera da apresentação, com uma barraca feita de palhas, onde ficam os mouros com os seus capitães e soldados. Dessa forma, moradores e turistas de todo lugar são atraídos e registram a apresentação com seus inúmeros celulares e máquinas fotográficas. A maioria dos integrantes do Alardo é jovem. Os mais velhos relatam que muitos já não querem participar, por questões pessoais e falta de incentivos.

Na entrevista com o Sr. Caboquinho, indaguei-o sobre o interesse dos jovens alunos em relação aos grupos culturais. Ele relatou que:

[...] os alunos é muito devagar! Muito devagar, sabe?, porque, sunta aqui umas coisa, eu vou até concluir uma coisa aqui, aqueles Antônio Conceição mais Anízio deram muita aula aqui dentro de Itaúnas pra muitas crianças, ninguém desenvolveu quase nada, ou melhor, desenvolveu sim, na hora que eles estavam dando aula pra eles, eles estão tirando eles estar jogando uma pedra, fazendo uma coisa errada, mas, é só aquilo ali, mas ninguém diz assim, eu vou me dedicar, eu vou brincar, eu vou continuar, a não ser o menino Rafael, ali, filho de Pedrolina, é isso aí (CAMILLO, 82 anos, 2022) (informação verbal).

A questão do afastamento dos jovens em relação aos grupos culturais e do decorrente desaparecimento de alguns desses grupos, também foi abordada na entrevista com o Mestre de Capoeira Raoni. Quando perguntei se ele gostaria de deixar algum recado para que o diálogo entre a cultura local pudesse ocorrer mais constantemente com a escola, esta foi sua colocação:

Sim, o recado que eu gostaria de deixar, eu já até falei antes, na primeira pergunta, eu vejo que hoje a cultura local que é fundamental, que leva para as nossas crianças, e outras pessoas, a sua identidade, ela está morrendo. Pela grande globalização, tecnologia e acesso a informação externa, que é muito atrativa, é ofertada de uma forma muito atrativa, enquanto que a nossa cultura local, ela se tornou um peso para quem pratica, esclarecendo isso melhor, 'os líderes', os 'mais velhos' que detêm esse conhecimento, passaram a fazer isso de uma forma que é desmotivante, cansativa, então são aquelas festas específicas, uma ou duas vezes no ano, que vai como uma obrigação. Não existe mais hoje a cultura de uma forma espontânea na nossa comunidade, não existe mais a roda de Jongô no dia de sábado, em volta da fogueira, não existe os ensaios do ticumbi, agora só tem nos dias específicos antes das apresentações. O Reis de boi, vem numa tentativa de mudar, mas não tem interesse dos mais jovens para fazer a brincadeira que é uma brincadeira que não é só de pessoas mais velhas, ela precisa dos jovens pra estar fazendo aquela correria atrás dos animais, pra carregar os indumentários do Reis, que são bastante pesados, e a capoeira a mesma coisa também (MOURÃO, 32 anos, 2022) (informação verbal).

Senti uma tristeza profunda em sua fala e perguntei se ele queria parar, mas ele disse que gostaria de continuar:

Tudo vem se tornando uma responsabilidade, um peso, nada mais é feito de uma forma espontânea, natural, como deve ser a cultura, e a única forma hoje de resgatar essa identidade, essa vontade de manter a cultura, é com a escola, e na escola, no ensino fundamental e no ensino infantil, porque essas crianças estão aptas a receber isso, se bem ofertado, todos vão aceitar, agora, as crianças jovens e adolescentes de 17 a 22, 23 anos, já estão em outras caminhadas, recebendo outras influências, fica muito mais difícil fazer esse trabalho e criar esse interesse, então eu vejo que a única forma de resgatar essa cultura hoje, é através da escola (MOURÃO, 32 anos, 2022) (informação verbal).

O grupo cultural do Alardo foi o que eu mais encontrei dificuldades para entrevistar um dos membros. Num primeiro momento, procurei o mestre do grupo, Isaque Maia, não tendo sucesso, pois, quando fui até sua casa, ele se recusou, dizendo que não poderia me atender, pois já tinha um outro compromisso naquele dia. Agradei, um pouco constrangida, e retornei para casa.

Num segundo momento, procurei um outro membro do grupo de nome Júnior com quem também não tive sucesso. Fiquei um pouco decepcionada, mas fui adiante e me lembrei do vigilante da quadra poliesportiva, localizada a uns 50 metros da minha residência, o Sr. Alessandro Chaves de Oliveira, mais conhecido como Careca, que logo me concedeu uma

entrevista³⁶. O senhor Alexsandro pediu que na sua entrevista aparecesse o seu codinome Careca.

Perguntei a ele se existe uma parceria da cultura local e esses grupos culturais com a escola, logo respondeu com um certo pesar: “até um certo momento atrás, tinha. Tinha grupos que fazia parte da prefeitura, da escola certo”? (ele se refere aos anos de 2017 - 2018, quando houve a parceria da prefeitura com o projeto dos mestres na escola). Assim, continuou:

[...] tinha mestres que ensinava alunos da escola Benônio, e hoje em dia não estou vendo mais, até a capoeira que tinha envolvida com a escola, não está tendo mais. Então o que acontece, eu acharia que seria muito bom em relacionado a ter essa cultura, e são muito bem-vindo, e tem né. Agora eu não sei se eles estão relacionado ainda (CARECA, 36 anos, 2022) (informação verbal).

Ele se referia aos mestres que estavam dando aulas pela prefeitura nos anos de 2017 a 2019, que eram os mestres Sr. Anízio Ribeiro e o Sr. Antônio da Conceição.

Careca conta que ficou muito triste por não ter mais essa parceria, acredita que pode ser por causa da pandemia que atingiu a todos os setores, principalmente os grupos folclóricos que tinham contrato com a prefeitura e, por causa da pandemia, tiveram de ser interrompidos.

Perguntei a Careca se ele poderia relatar um pouco de como é o Alardo na vila de Itaúnas, e assim foi relatando,

O Alardo é: são dois grupos né, o Mouro e o Cristão, que é o Mouro que não é batizado ainda, e o cristão que é. O Mouro é uma equipe vermelho, o Cristão são equipe azul, que, tipo assim, o Mouro querem o santo só pra eles, mas eles não são batizados, então, eles tenta roubar o santo São Sebastião dos Cristãos, na hora que eles tentam roubar, eles conseguem, só que o Cristão rebate e tenta buscar o santo de volta e conquista o santo de volta. E nessa conquista do santo, os Cristãos consegue batizar os Mouros e todo mundo vira Cristão ao mesmo tempo (CARECA, 36 anos, 2022).

Indaguei a Careca por alguns instantes, acrescentando, “e você, seria dos Mouros ou faz parte dos Cristãos”? Ele sorriu, respondendo: “eu sou Mouros, sempre vou ser Mouros, desde criança, mesmo que eu sei que é uma brincadeira que a gente pede, eu gosto da parte do vermelho, mas, no final da conquista todos vira Cristãos”(CARECA, 36 anos, 2022).

³⁶ Vide APÊNDICE C.

Figura 51 - Apresentação do Alardo



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018).

2.3.3 JONGO

Focalizarei a seguir o Jongo, que, segundo Aguiar (2005), por mais de trezentos anos, era responsável pela diversão permitida aos negros, [...] tradicional folguedo remanescente dos séculos de escravidão, quando os negros, nas senzalas, cantavam e dançavam ao som dos tambores, e das músicas cujas letras falavam de sofrimentos, anseios e persistência, mas que eram ininteligíveis aos ouvidos dos brancos (AGUIAR, 2005, p. 349).

O Jongo teve, sobretudo, papel importante na preservação cultural trazida da África, destacando os negros Cabindas e Benguelas, mantendo, dessa forma, os laços culturais entre os brasileiros, pois, assim, se difundiu cada vez mais a raça negra através da musicalidade, religiosidade e liberdade.

Trata-se de uma manifestação cultural desenvolvida por um grupo de mulheres, mas tem integrantes homens também, que cantam e dançam ao som de tambores e reco-reco. As músicas são improvisadas e falam de acontecimentos da comunidade, devoção aos padroeiros e do fim da escravidão no Brasil.

O Jongo tem como característica a movimentação dos dançarinos no sentido anti-horário, ao som de canto e música instrumental. A vestimenta é simples, calça comprida e

camisa para os homens, saia rodada e blusa para as mulheres, enquanto os enfeites e adereços seguem a gosto de cada mestre.

No ano de 2005, o jongo foi inscrito no livro de “Formas de Expressão”, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Acontece de forma coletiva, ou seja, sempre em apresentações dos variados grupos culturais que encerram as festividades sempre com a grande roda. Na vila de Itaúnas, o Jongo de São Benedito e São Sebastião têm como Mestre o Sr. Benedito Conceição Filho, mais conhecido como Preto Velho.

Recorri ao Sr. Benedito para uma entrevista³⁷. Em uma das perguntas, pedi que ele relatasse um pouco sobre o Jongo de São Benedito em Itaúnas:

A vila de Itaúnas é muito querida por todos, e ela tem a cultura regional, que brinca homens, que brinca mulheres, crianças, com várias atividades, eu, como Mestre do Jongo de Itaúnas, eu manejo muito com as ‘meninas mulheres’, são as danças ‘deferenciadas’, cada um tem a sua cultura, na nossa região de Itaúnas é muito importante, precisamos da cultura, precisamos do turismo, mas, a cultura, não podemos esquecer, que dentro da vila existe uma cultura local (FILHO, 61 anos, 2022) (informação informal).

Perguntei ao Sr. Benedito (Preto Velho) se, na opinião dele, existe uma parceria da cultura local desses grupos culturais e a escola. Ele me respondeu que,

Sim, tem que ter um ‘coletivamente’, as pessoas participar, se reuni, ter diálogo uns com os outros, para que essa cultura não acabar, porque hoje o jovem não quer e, você precisa ter um manejo de conversar com ele ‘educativa’, um diálogo civilizado para que eles entendam também que, os seus ‘avores’, ‘bisavores’, os seu tios, eles também são descendentes disso. Então, eles têm que enxergar uma possibilidade de ali sair algumas meninas que sabe brincar o Jongo, o Ticumbi, o Reis; isso para dentro da sala de aula é muito importante.

Eu vejo outros lugares que a escola ajuda bastante, na vila de Itaúnas, o próprio município tem que ter um controle mais aconchegado, para ser mais voltado nisso, por que os turistras que chegam na vila, quer saber da cultura local e não vê, só vê anualmente. Penso, que tem que ter um manejo de uma acessibilidade deles apresentarem no ‘colégio’, na praça, em vários lugares, para que o turista vê que na vila tem outras coisas que é muito importante (FILHO, 61 anos, 2022) (informação verbal).

³⁷ Vide APÊNDICE C

Figura 52 - Lucas Maia e Preto Velho, os integrantes que estão tocando o tambor



Fonte: Foto cedida pela gestora da escola (2018).

Mediante a entrevista do mestre Preto Velho, fiquei curiosa e resolvi entrevistar uma das mulheres e membro do grupo de Jongo. Já que o grupo é composto por mulheres também, queria saber a opinião de uma participante, saber como funciona a organização, enfim, ouvir uma mulher brincante. Assim, procurei a Sr.^a Cleuza Campos da Paixão Mourão, nativa do lugar e membro do grupo do Jongo, para uma entrevista³⁸.

Pedi à Sr.^a Cleusa que relatasse um pouco sobre como é ser uma brincante do grupo de Jongo. E, logo, com um sorriso foi relatando:

Oh, Claudia, eu acho uma coisa muito maravilhosa, até mesmo porque eu, com essa idade de 54 anos, eu participo já tem uns 15 anos no grupo, mas a minha mãe já dançava Jongo, a minha avó já dançava Jongo, então, assim, pra mim é de extrema importância, não só o Jongo, mas os outros grupos culturais de Itaúnas, que não acabassem, é muito importante a cultura, isso leva as crianças a não esquecerem e nem perderem a história, né? O que os nossos pais viveram, o que os nossos avós viveram, como eu te falei, minha avó dançava Jongo, minha avó Clara, e quando eu conheci o Jongo, eu conheci ali, dançando na porta de casa, a minha mãe dançando na porta do Sr. Antero, porque era ele que fazia os festejos aqui na vila (PAIXÃO, 54 anos, 2022) (informação verbal).

³⁸ Vide APÊNDICE C

Figura 53 - Grupo de Jongo das Mulheres e o Mestre Preto Velho



Fonte: Foto cedida pela gestora da escola (2018).

2.3.4 REIS DE BOI

O Reis de Boi é outra manifestação importante na região, segundo Aguiar (2005, p. 267), trata-se de um [...] auto popular em homenagem aos Santos Reis, cuja origem, ibero-portuguesa, reporta-se há séculos, quando os cristãos cantavam e dançavam, repetindo através dos séculos, a visita dos Reis Magos à gruta de Belém, saudando o nascimento de cristo.

Neves, (2008, p. 103) destaca que “a festa de Reis, há, como nos *ternos* e *folias* do Reisado, cantigas e “descantes” alusivos ao Natal e aos Magos”. O autor destacou, em seus estudos sobre a cultura popular, na década de 1950, que o Reis de Boi era “ainda corrente em São Mateus e Conceição da Barra e outras localidades do norte do Estado” (NEVES, 2008, p. 102).

Considerado um dos folguedos mais representativos no norte do Estado do Espírito Santo, sua existência perdura por mais de 200 anos e tem por devoção Santos Reis. Suas apresentações variam de 06 de janeiro a 03 de fevereiro (dia de São Brás). De acordo com Neves (2008, p. 102), o Reis de Boi,

[...] compõe-se de várias figuras, entre as quais o Boi, personagem principal; Pai Francisco – o vaqueiro – sua mulher, Catirina; João Mole, um boneco desengonçado; a Cobra, Seu Pai ou Vosso Pai e Agaú – um gigante fantasma”. Além desses personagens há no Reis de Boi “[...] um grupo de marujos, que tocam pandeiros e cantam, bem como um sanfoneiro que os acompanha (NEVES, 2008, p.102).

Na vila de Itaúnas, o Mestre do grupo do Reis de Boi é Lucas Maia. Resolvi procurá-lo para uma entrevista³⁹. Lucas, em entrevista, relata a sua participação em vários grupos culturais da vila. Considerei esse como um ponto importante quando perguntei de qual grupo ele era membro, e ele me respondeu:

Então, hoje, eu participo, eu acredito entre cinco a seis grupos, deixa eu citar quais são, participo de dois grupos de Ticumbi que tem em Itaúnas, o Ticumbi de Itaúnas, que tem como Mestre o Sr. João de Deus Falcão, mais conhecido como (João Quemode), e o Ticumbi do Bongado, que é o grupo mais antigo da vila, de todos os grupos folclóricos é o mais antigo, tem duzentos anos, ou mais (...) e o Jongo de São Benedito e São Sebastião do Mestre Preto Velho, que é Sr. Benedito Conceição, e participo também do Reis de Boi, no qual eu sou o Mestre e fundador do grupo, e participo da Capoeira Abadá, que está presente aqui em Itaúnas, sou graduado no grupo, ao todo são seis grupos (MAIA, 31 anos, 2022) (informação verbal).

Voltei toda a minha atenção à fala dele, uma vez que pareceu haver um encantamento em suas palavras que o faziam querer dizer mais. Perguntei-lhe sobre desde quando ele fazia essas participações, quando este respondeu que:

Essas participações acontecem desde que sou criança, não sempre como membro, mais participo de ensaios, os ensaios gerais do Ticumbi, que acontecem geralmente na roça, lugar que eles chamam Sertão de Itaúnas⁴⁰, participo desde criança, por volta de 7, 8 anos de idade. Quando fiz 14 anos entrei para o grupo de Ticumbi do Mestre Caboquinho, que é o grupo Ticumbi de Santa Clara⁴¹, que foi o primeiro grupo que eu participei diretamente como membro, desde então nunca parei, hoje estou com 31 anos e continuo participando de vários grupos (MAIA, 31 anos, 2022) (informação verbal).

Indaguei a Lucas porque as pessoas chamam de “*Mestres*” alguns membros dos grupos culturais, mestre do Jongo, mestre do Ticumbi, o que é ser mestre, e por que essa categoria da palavra Mestre. Ele soltou um sorriso nos lábios, respondendo:

O Mestre, na verdade, ele é como se fosse um pai para todos os brincantes, porque tem que ter alguém para organizar, pra criar as letras, no caso dos grupos que cantam, que tem cantos, é ele que tem de criar as letras, põe a melodia, organiza os ensaios, então mestre é aquela pessoa que é o pai do grupo, é o professor no caso do grupo, é ele que vai passar para os outros membros como vai ser a apresentação daquele ano. Porque, geralmente, isso no caso do Reis de Boi, Ticumbi e o Jongo, que tem música, aí todo ano eles têm que renovar, para não ficar uma coisa muito repetitiva né, apesar daquela tradição vir de 100, 200, 300 anos. Tem que está trazendo coisas novas, no caso do Ticumbi e Reis de Boi, como se fosse um jornal

³⁹ Vide APÊNDICE C.

⁴⁰ São fazendas de moradores afastadas da vila, que os próprios moradores denominam de roça, por terem plantações e criações.

⁴¹ O grupo Ticumbi de Santa Clara pertence à comunidade do Angelim I, que fica a uns 4 km da vila de Itaúnas.

falado (...) é indiscutível hoje dentro de um grupo folclórico, sem um Mestre, senão vira bagunça, porque ali você está lidando com pessoas, geralmente 20, 30 pessoas, então o mestre é para isso, é o cabeça do grupo (MAIA, 31 anos, 2022) (informação verbal).

Continuei com minha curiosidade em saber se existe uma parceria entre a cultura popular local desses grupos culturais e a escola, ou as escolas. Ele, um pouco desmotivado, respondeu:

Hoje, não mais, eu vejo que não mais, porque antes, a gente tinha essa parceria, prefeitura, comunidade e escola, eu acho que tem uns 2 anos, que durante a pandemia⁴², acabou e que até hoje não voltou, e que era uma coisa muito boa... (...) hoje, os alunos, as crianças vive num momento que não é a mesma Itaúnas de 15, 16 anos atrás, hoje a tecnologia está presente, tira um pouco desses interesses mais raiz, mais cultural da cabeça dos jovens, quando eu tinha 10 anos de idade, ninguém tinha celular, então o que a gente fazia, era ir pra rua, brincar de “polícia e ladrão”, ou “pique bandeira”, “pique esconde”, são coisas bem tradicionais, ou ficava inventando, contando casos, fazia uma fogueirinha e contar lendas, isso faz parte da minha vida até uns 15, 16 anos de idade, hoje eu vejo que não tem mais, não só pela tecnologia, mas outras coisas, outros interesses, então, hoje em dia, está precisando desse resgate, e a melhor forma é um resgate junto à escola (MAIA, 31 anos, 2022) (informação verbal).

O entrevistado Lucas relatou também, durante a entrevista, sobre o projeto que aconteceu na EMEF “Benônio Falcão de Gouveia”, nos anos de 2018 e 2019, referindo-se ao projeto “Diversidade Cultural na Escola”, pela SECULT,

[...] aí veio a pandemia e até hoje não teve mais. Geralmente era ensaio com os alunos; a gente fazia oficinas; ensinamos a fazer chapéu, pandeiros; os bichos do Reis de Boi; e outras coisas também. Apresentações, principalmente nos dias de festas, tudo enfeitadinho, as roupinhas, isso era a principal interação entre nós da cultura com a escola. Era muito bom, porque incentiva os jovens, as crianças a estarem nesse meio cultural. Hoje em dia, a gente sabe que as coisas são difíceis, as coisas vão mudando, a tecnologia vai chegando, então, os interesses vão mudando, aí se tiver presente na vida das crianças, acredito que sempre vão ter pessoas para continuar essas tradições (MAIA, 31 anos, 2022) (informação verbal).

Observa-se, pela fala de Lucas e pela entrevista com a diretora Veratriz, que este projeto na EMEF “Benônio Falcão de Gouveia” foi um grande aprendizado para todos os envolvidos, a começar pelos alunos, com muitas oficinas, muita experiência compartilhada entre os membros dos grupos culturais e toda a comunidade escolar.

Perguntei-lhe se para participar de algum grupo da escola existia algum critério, ele disse que não, e que,

O primeiro critério é o interesse, porque não são todos os alunos que interessam. Existe um conflito muito grande de religião, geralmente esses grupos são muito ligados ao catolicismo, então pessoas de igrejas evangélicas, outras religiões não se interessam. O segundo critério é ter bom comportamento na escola, ou seja, tudo

⁴² O entrevistado se refere à pandemia do COVID-19.

aquilo que a escola já exige enquanto pontualidade (MAIA, 31anos, 2022) (informação verbal).

Lucas relatou sua experiência das brincadeiras e fez uma observação de como ele enxerga o diálogo da cultura popular e a escola

[...] muito importante e essencial, porque as pessoas tinham que buscar a cultura sem ter ajuda da escola, então, hoje se tiver ajuda da escola é melhor ainda porque toda criança passa pela escola. A escola é como se fosse a segunda mãe da gente, se tiver esse apoio da escola, vai ser um incentivo a mais para que as tradições não morram aqui dentro da vila. Eu acredito que a escola é um dos melhores locais para poder estar ensinando essa cultura de Itaúnas nos dias de hoje pelas crianças serem o futuro (MAIA, 31 anos, 2022) (informação verbal).

Na vila de Itaúnas, esses ensaios dos grupos culturais acontecem de forma anual. O Ticumbi do Bongado ensaia na roça da Dona Maria Catharina, e o Ticumbi de Itaúnas ensaia no sítio do Sr. Rives, pois, como mencionado anteriormente, os dois Ticumbis ensaiam para a preparação da festa em janeiro. Resolvi perguntar por que esses ensaios são tão longos, ou seja, durante o ano inteiro,

[...] é porque, no caso esses ensaios são do Ticumbi. O Ticumbi é uma dança muito complicada, ele tem várias partes, quem tá olhando de fora, às vezes, não percebe a riqueza de passos e de cantorias, uma ora dança batendo de costas, outra ora dança batendo de frente, ora puxa o pé direito, outra ora puxa o pé esquerdo, que é um bailado. Na verdade, o Ticumbi era chamado pelos negros daqui da região, de “*Baile de Congo*”, no caso, é um verdadeiro bailado, porque as pessoas está dançando, tocando e cantando ao mesmo tempo, então tem que ter muito ensaio para ficar tudo sincronizado, e muitas vezes ainda não fica (MAIA, 31 anos, 2022) (informação verbal).

É importante o registro de que alguns membros que participam desses grupos culturais são os mesmos que participam do Jongo, do Ticumbi e do Reis de Boi. A apresentação do Reis de Boi de Itaúnas é marcado sempre para encerrar a festa de São Sebastião, normalmente entre os dias 21 e 22 de janeiro.

Outro fator importante observado é que o grupo de Reis de Boi entram cantando e tocando os instrumentos (pandeiros e viola) enfileirados e muito organizados pelo seu mestre, mostrando a exuberância de um colorido através das fitas e flores em seus chapéus, camisas brancas e calças azuis para os homens, e camisas brancas e saias azuis para as mulheres (ou de sua preferência), e alguns ainda trazem uma fita vermelha cruzada no peito. De acordo com o mestre Lucas, os enfeites nos chapéus é devido as coroas dos Reis Magos, que se tornou uma tradição, assim como o uso das fitas. As apresentações acontecem de forma sincronizada e as marchas são feitas pelo mestre e muitas das vezes com a participação e colaboração dos integrantes do grupo.

O Reis de Boi se apresenta debaixo de uma tenda branca em frente à igreja, na praça, e, na hora da apresentação dos bichos, eles se retiram e vão se apresentar na residência daquele que já fora convidado para recebê-los, considerando o Patrão (dono da casa), começando a brincadeira.

Figura 54 e 55 - O Grupo Reis de Boi em apresentação



Fonte: arquivo da pesquisadora (2023).

2.3.4.1 Os personagens e a brincadeira

Em relação aos personagens do Reis de Boi, têm alguns que são fixos, no caso do Vaqueiro, da Catirina, do Boi e da Loba. Alguns personagens vão mudando de grupo para grupo. Na vila de Itaúnas, o grupo de Reis de Boi é composto pelo Mestre, os Marujos, o Violeiro, o ‘Vaqueiro’ (Pai Francisco), a ‘Catirina’ e os bichos: ‘Boi’, personagem principal da brincadeira, a ‘Lôba’ e ainda tem o ‘Bode’, o ‘Te lambe e Te come’, o ‘Cachorrinho’ e o ‘Seu pai’. Entretanto, ele foi quebrado e veio a ideia de reconstruí-lo novamente, através de uma oficina oferecida pelo mestre Lucas com os alunos da EMEF “Benônio Falcão de Gouveia”. Em alguns grupos, há o ‘Lobisomem’ e outros bichos, vai de acordo com os mestres dos grupos e seus componentes.

A figura 56 nos traz o Vaqueiro (Pai Francisco), e é ele quem faz toda a mediação entre o Patrão (dono da casa) e os outros personagens com seus versos rimados e improvisados sobre fatos e acontecimentos atuais. De acordo com Aguiar (2005),

Dentre esses personagens, o Pai-Francisco, também conhecido como Vaqueiro, ocupa um lugar de destaque na preferência do povo que acompanha com entusiasmo as apresentações do Reis-de-Boi, onde ele vira a atração da festa, aproveitando a ocasião para “vender o boi” para o dono da casa, sapateando ao som da melodia contagiante, falando em versos hilários e provocativos e, principalmente, “repartindo o boi” – oferecendo-o aos “fregueses” -, sempre cobrando pelo seu “serviço” e satirizando os acontecimentos de desgosto da comunidade (AGUIAR, 2005, p. 103).

A Catirina, na figura 57, é a esposa do Vaqueiro. Ela é sempre representada por uma figura masculina, que usa máscara e roupas de mulher, com muito molejo e diversão para todos. A personagem entra na brincadeira agarrando os homens ali presente, para dançar e beijá-los e, nesse momento, todos correm para um lado e para outro, por causa da sua feiura, nenhum homem quer dançar e nem sentir o beijo de Catirina. Para enfatizar, Aguiar (2005) nos descreve,

O Pai-Francisco, utilizando uma máscara para não ser reconhecido, vem sempre acompanhado de Mãe Catirina, que diz ser sua mulher e que, também, usa uma máscara que a torna “tão feia quanto ele”, e que tem a função de acompanhar suas “estripulias pelo salão”, fazendo a alegria de todos os participantes da festa e ameaçando beijar os homens, quando o folguedo ganha enorme expressão de alegria e medo, pois ambos também são os responsáveis pela entrada dos demais bichos como a loba, o lobisomem, a mula sem cabeça, além dos animais “inofensivos”, como o cachorro, o passarinho, o beija-flor (AGUIAR, 2005, p. 103, 104).

Figura 56 – Vaqueiro Pai Francisco



Figura 57 - Catirina



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2023).

A figura 58 nos mostra o boi ainda vivo; já na figura 59, o boi se encontra morto. Ele é o personagem principal da brincadeira, sem ele não tem brincadeira, ou seja, ele é a

negociação do Vaqueiro e do Patrão (dono da casa). É um personagem desengonçado e arredio; quando é chamado pelo Vaqueiro, vem sempre acompanhado de outro personagem, o cachorrinho, e assim vão animando o público. E o Vaqueiro fica batendo seu cajado no chão, chamando pelo dono da casa e rimando os versos:

[...] Oh dono da casa! Oh dono da casa, como vai o sinhô?
Oh dono da casa! Eu não vim aqui conversa, e nem prosear...
Eu não vim aqui fazê visita, eu vim negociar!

Figura 58 – O Boi vivo



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2023).

Figura 59 – O Boi morto



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2023).

Figura 60 – A Loba



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2023)

Figura 61 – O cachorrinho



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2023)

Figura 62 – O chupa-cabra



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2023).

Figura 63 – Seu pai



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2023).

2.3.4.2 A oficina dos bichos

Aos 22 dias do mês de novembro de 2022, o Mestre do grupo Reis de Boi me convidou para participar de uma oficina que ele iria fazer com os alunos da EMEF Benônio

Falcão de Gouveia, para confeccionar alguns bichos para compor o grupo, pois ele disse que, alguns bichos tinham sido quebrados, devido ao uso constante, e o jeito de manusear, e por serem pesados, os bichos quebram com o tempo.

E também, gostaria de aumentar a quantidade de bichos que tem na brincadeira, podendo ter mais personagens, além dos que já tem no grupo. Esses personagens são confeccionados com material reciclado, como, caixas de papelão, papel, cola, antena de parabólica e outros.

Na verdade, o oficinairo alega que antes se fazia muito com papel machê, mas acredita que fica muito pesado para carregar os bichos. Por isso, hoje em dia, se utiliza a técnica de Papietagem⁴³,

[...] os materiais usados nas oficinas eram outros, customização, o nome do trabalho, ou seja, tecido, botões, muita coisa, e com o tempo foi adotado a papietagem, que é esse trabalho que a gente vai fazer que é colagem de papel, como se fosse papel machê, a diferença é que o papel machê é batido no liquidificador e feito uma massa. Já na papietagem, é feito uma base e vai se colando papeis umedecidos em água e cola (MAIA, 33 ANOS,2022)

Lucas ainda esclarece, “Então, hoje, aqui nessa oficina, a gente vai inventar alguns personagens para o Reis Boi de Itaúnas, como por exemplo, o Chupa cabras”. Nesse momento, uma das participantes, lhe pergunta se é por que o grupo está precisando de personagens. Lucas responde que não e continua,

É porque, eu já tinha falado com os integrantes do grupo para colocar mais uns três personagens, aí a gente vai tentar fazer o ‘seu pai’, o ‘chupa cabra’ e outro que vocês podem inventar um nome. Aqui, hoje o que a gente vai fazer primeiro é uma base (MAIA, 33 anos, 2022)

Em seguida, outra participante pergunta: “Aqui em Itaúnas, sempre foi assim? sempre chamou muita atenção da criançada? O Reis de Boi sempre teve a característica de ter muita criança?”

Lucas comenta: “Sim, a intenção é essa! No caso a Folia de Reis em geral, atrai muita criança, só que a diferença é que a maioria das Folias de Reis de outras cidades só tem o Palhaço, que no caso é o Vaqueiro, e aqui a gente ainda tem bichos”.

Outra participante ressaltou: “Antigamente, os bichos saíam correndo feio, de pular muro, a criançada pulava e corria”.

Lucas evidencia: “Até hoje elas correm e tem muito medo, e o engraçado é que todos sabem quem está por baixo das fantasias! É muito doido!” E continuou: “ essa caixa aqui dá pra fazer um bicho! ”.

⁴³ Uma técnica mais simples, derivada do papel machê, se utiliza pedaços de papel umedecidos em água e cola, e se aplica sobre a estrutura a ser criada, pode ser em moldes de papelão, barro, tela de antena parabólica e outros.

Figura 64 – Lucas ministrando a oficina



Figura 65 – Lucas ensinando a dodrar o papelão



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

Figura 66 – Lucas e a 1ª máscara



Figura 67 – As máscaras



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

Figura 68 – Sua mãe



Figura 69 – Seu pai



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2023).

2.3.5 SAMBA DE SÃO BENEDITO

Passo agora para considerações sobre o Samba de São Benedito, chamado também de Samba do tempo antigo, que, segundo Siqueira e Oliveira (2018, p. 50), [...] são práticas culturais herdadas e ensinadas entre gerações de integrantes das famílias de jongueiros, negros e quilombolas, desde o tempo em que regia a escravidão.

Existe apenas um grupo de Samba de São Benedito em Conceição da Barra que mantém viva essa tradição, numa transmissão de saberes que passa de geração a geração. Esse grupo é de Itaúnas e tem como Mestre o Sr. Manoel Vernezita da Paixão, que em entrevista⁴⁴, relatou-me que tem 83 anos de idade, é artesão e pescador, nascido na Antiga Itaúnas e, desde então, morador da vila há 83 anos, é analfabeto, e explica que seus pais não se importavam com estudos, era tudo muito difícil naquela época. É membro e mestre do grupo Samba de São Benedito há mais de 40 anos (informação verbal).

Perguntei se ele poderia nos relatar como é ser um brincante do grupo de Samba de São Benedito:

[...] é uma coisa fácil. Todo mundo brinca dereitinho, os instrumentos é pandeiro; caixa e sanfona, e aí a gente sai de casa em casa, fazendo auxílio para fazer a festa de São Benedito, nós sai dia 1º de janeiro, vamo até marlço, se por acaso quiser, se

⁴⁴ Vide APÊNDICE C.

não quiser é só janeiro mesmo, aí quando chega no sábado de aleluia, aí nós vamo lá pra Nova Viçosa⁴⁵, na Bahia, vamo fazer a festa dele lá, e é todo ano. Lá o Samba é três noites, sábado, domingo e segunda, e terça feira nós viemo embora, tem vez que ainda tem duas dormidas por fora, aí a gente vai e faz e vem embora pra casa. Eu morava lá, mas, depois eu adoeci, tenho até minha casa lá, e aí, eu vim embora prá cá, quando eu cheguei em Itaúnas, aí essa menina Amélia⁴⁶, ela era viúva, combinemo, nós viemo e casemo, e já tá com 7 anos que nós tamo junto, e com fé em Deus, nós vamo viver mais sete e sete e sete... (VERNEZITA, 83 anos, 2022) (informação verbal).

O Sr. Vernezita conta que, antigamente, os jongueiros saíam de Nova Viçosa, extremo sul da Bahia, e entravam sertão adentro, até chegar em Itaúnas, fazendo rodas de samba animadas nos matos, com som de pandeiros e tambores, pediam de casa em casa, nas roças, esmolas para fazer a festa de São Benedito, era utilizada uma caixa para São Benedito. A festa era realizada todos os anos e se fazia em três dias, começando do dia 30 de dezembro a 1º de janeiro. Essa festa acontece até hoje, sendo que, no dia 1º de janeiro, eles vão para Nova Viçosa e ficam por lá, às vezes, até março.

No momento da entrevista, o Sr. Vernezita sorriu com um afeto no rosto, e olhou para Amélia, que estava assentava ao meu lado (sua esposa). Indaguei com a pergunta de como são as danças do grupo de Samba de São Benedito, e ele respondeu: [...] a dança é a coisa mais fácil, dança se o salão for grande, dança 4 pessoa empareado, dois home e duas mulhe, aí dança, na hora que cansa, já dá a saca pra otros 4, aí vão dança até o amanhece o dia (VERNEZITA, 2022) (informação verbal). Nesse momento, sua companheira, Amélia, completou dizendo: [...] quando não tem gente, só dança as mulhe (informação verbal). Eu disse também: só dançam as mulheres, né, D.^a Amélia?

Figura 70 – Sr. Silva, Sr. Vernezita (segurando a Sanfona) e D.^a Amélia



Fonte: Foto cedida por Salomão da Silva Pinto (Sossó) (2021).

⁴⁵ Município situado no extremo sul do estado da Bahia, distando 814,2 km da capital Salvador.

⁴⁶ Ele se refere a sua companheira Amélia, uma senhora de, mais ou menos, uns 70 anos de idade.

Figura 71 – Ensaio do Samba de São Benedito



Fonte: Foto cedida por Salomão da Silva Pinto (Sossó) (2021).

Figura 72 – Apresentação do Samba de São Benedito



Figura 73 – Tocadores do grupo do Samba



Fonte: Foto cedida por Salomão da Silva Pinto (Sossó) (2021).

2.3.6 CAPOEIRA

A Capoeira⁴⁷ é uma outra manifestação cultural de grande importância na vila, expressão cultural e luta afro-brasileira criada pelos negros africanos, que foram escravizados em território brasileiro. Além de ser uma luta, a capoeira é arte, música e cultura popular. A capoeira sofreu diversas proibições, diante disso, foi considerada como uma forma de resistência e luta dos escravos que driblavam essas proibições dos senhores de engenho.

⁴⁷ “Em 2014, a UNESCO reconheceu a roda de capoeira como **Patrimônio Cultural e Imaterial da Humanidade**” Arte e cultura (site: significados.com.br/capoeira).

A capoeira passou a ser usada como defesa pessoal e uma forma de manter a cultura viva do país. Segundo Raoni, um dos instrutores de capoeira da vila,

[...] são dois grupos, o “Grupo Capoeira Itaúnas”, que é o mais antigo na vila, cerca de 20 anos já, foi fundado por moradores daqui. E o grupo que eu lidero aqui na vila, que é um grupo que é o maior do mundo, ele tem em 80 países, mais ou menos 80.000 (oitenta mil) pessoas envolvidas, ele existe há cerca de 34 anos, a “*Escola Abadá Capoeira*”⁴⁸ (MOURÃO, 32 anos, 2022) (informação verbal).

O Grupo Capoeira Itaúnas tem como representante Carlos Alberto, conhecido por Bertinho. Ele dá aulas de capoeira para os alunos do Ensino Fundamental e da Educação Infantil. Essas aulas são de cunho voluntário e são realizadas na quadra poliesportiva da vila. Essa prática cultural muito contribui com a expressão corporal das crianças, principalmente as crianças da Educação Infantil.

A roda de capoeira utiliza alguns instrumentos como o berimbau com sua musicalidade que, às vezes, é confundida com dança, principalmente ao gingar. No decorrer do estudo, enfatizamos a importância dessa prática cultural trazida pelos africanos ao longo dos séculos. Recorri ao instrutor do grupo ‘*Escola Abadá Capoeira*’ para me conceder uma entrevista⁴⁹, o Raoni Mourão, e relatar um pouco da sua experiência com a capoeira na vila de Itaúnas. Assim, me respondeu:

A capoeira surgiu para mim há mais ou menos uns 10 anos atrás e, desde então, até hoje, venho descobrindo vários valores da capoeira na minha vida, que pode influenciar a vida das pessoas de uma forma geral. Então, pra mim, fazer parte de um grupo me ajuda na inclusão social, na relação com as pessoas da comunidade e fora da comunidade também, a capoeira proporciona vários intercâmbios culturais, esportivos também. É uma forma também de fazer a manutenção e o cuidado com o corpo físico, e também cuida das partes da cabeça, como se fosse uma terapia, uma forma de auxiliar, você estar em equilíbrio com o mundo que a gente vive, a capoeira se torna uma válvula de escape, além de uma cultura, um esporte (MOURÃO, 32 anos, 2022) (informação verbal).

⁴⁸ [...] fundada em 1988, tem como objetivos difundir, preservar e valorizar a cultura brasileira por meio da capoeira e da formação de crianças, jovens e adultos e da qualificação profissional de professores de capoeira. Sediada no Rio de Janeiro, e com filiais espalhadas pelo Brasil e pelo mundo, a iniciativa tem representação efetiva em todos os estados brasileiros e em mais de 60 países, que em sua totalidade reúne aproximadamente 70 mil alunos. A organização é dirigida por José Tadeu Carneiro Cardoso, conhecido como Mestre Camisa, natural de Jacobina, sertão da Bahia, Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Uberlândia (MG) e um dos mais renomados Mestres de Capoeira da atualidade”. Acesso: 10/06/2022 <https://movinovacaonaeducacao.org.br/iniciativas-inovadoras/escola-abada-capoeira/>

⁴⁹ Vide APÊNDICE C.

Perguntei ao instrutor Raoni se ele acredita existir uma parceria entre os grupos culturais e a escola e de que forma acontece essa parceria, caso ela exista. Então, ele respondeu que:

[...] seria uma parceria muito interessante, necessária até, porque as culturas aqui da região precisam ser transmitidas de geração em geração, não tem como ter um espaço de tempo na transmissão desse conhecimento, então, essa parceria com a escola seria fundamental, porém não acontece, ou se acontece, muito pouco, de uma forma desordenada. Eu vejo, que com a globalização, a tecnologia, esse seria o único formato que permitiria perpetuar essas culturas que estão se desfazendo aos poucos, perdendo o interesse dos mais jovens, e também dos mais velhos que ficam desmotivados, não conseguem dar continuidade nos seus trabalhos, na sua cultura original, então, esse trabalho na escola com crianças, adolescentes, seria a única forma possível de permanecer essa cultura, mas acontece muito pouco, ou não acontece (MOURÃO, 32 anos, 2022) (informação verbal).

Em meio à entrevista, indaguei se, atualmente, ele está dando aulas para as crianças da vila,

Sim! Atendo⁵⁰ alunos da escola “Benônio Falcão de Gouveia”, mas já procurei a escola, e a prefeitura, porque a escola é municipal, para executar um trabalho, me ofereci até para um trabalho voluntário também para executar, porque muitas vezes, nessa parte cultural, a gente encontra muitas barreiras e faz, e acaba fazendo por amor, apesar de ser uma profissão também né, como qualquer outra, a gente precisa se capacitar constantemente, já procurei a escola e a prefeitura para executar esse trabalho até mesmo de graça, mas não tive um retorno positivo (MOURÃO, 32 anos, 2022) (informação verbal).

Continuando com minhas perguntas, a respeito de como ele enxerga o diálogo da cultura local com a escola, me respondeu da seguinte forma:

É um diálogo muito raso que acontece entre a cultura local e a escola, porque as atividades que acontecem dentro da escola ou com a parceria da escola são demandadas especificamente em alguma data que é uma data tradicional, feriado, ou data comemorativa, mas de uma forma até comercial, que eu não vejo muito bem. Como se fosse assim: “Semana da Consciência Negra”, aí eles chamam todos os grupos de origem afro, “Dia do Índio”, aí eles pedem uma apresentação que caracteriza uma comunidade Indígena, então é muito raso, não existe nada que seja consistente e conversado, ter um diálogo, ter um objetivo no final, construído assim (MOURÃO, 2022) (informação verbal).

⁵⁰O entrevistado não relatou, mas ele faz um atendimento em sua residência com alunos das escolas, mas não é através da prefeitura, é por iniciativa própria, ou seja, voluntário.

Figura 74 - Mestre Raoni e seus alunos



Figura 75 – Roda de Capoeira Grupo Abadá



Fonte: Fotos cedida por Mourão (2022).

2.4 OS(AS) FESTEIROS (AS) TEM UM DESTAQUE NA CULTURA LOCAL

Na tradição dos grupos populares, os(as) chamados (as) festeiros (as) ocupam um lugar de destaque. Atuam como uma espécie de padrinhos ou madrinhas que acolhem os integrantes dos grupos em casa durante os ensaios, oferecendo comida, bebida e música. Na Vila, atualmente, os(as) principais festeiros(as) são o Sr. Rives, Dona Maria Catharina Paixão Maia e Maria Inês Loureiro.

Para conhecer um pouco mais sobre o papel de um (a) festeiro (a), procurei, para realizar uma entrevista⁵¹, a Maria Inês Loureiro e entender sua experiência

Fui recebida de maneira muito cordial pela entrevistada, iniciei a conversa perguntando se ela poderia relatar como é ser uma festeira de um grupo cultural:

Pois é, Claudia, assim, são coisas distintas, eu me tornei festeira, mas, antes de ser festeira, eu já tinha um envolvimento anterior com a cultura popular no Espírito Santo em geral, em particular aqui na vila de Itaúnas, onde mora o meu coração, mas eu fui convidada a ser “Vassala” (Festeira) do grupo Ticumbi do Mestre Caboquinho, o Ticumbi de Santa Clara⁵²”. O Ticumbi podemos dizer que é uma ópera, tem uma estrutura de ópera, tem um corpo fixo, com vários atos representados pelo grupo, e tem uma parte, que é como se fosse uma crônica daquele ano que o grupo faz do momento que está vivendo; então, eu fui convidada para ser Vassala deles (LOUREIRO, 60 anos, 2022) (informação verbal).

⁵¹ Vide APÊNDICE F.

⁵² O grupo de Ticumbi de Santa Clara pertence à comunidade do Angelim I, localizado a uns 4 km de Itaúnas, e tem como Mestre o Sr. Caboquinho.

Indaguei, perguntando sobre o que é ser uma Vassala. Obtive a seguinte resposta:

A Vassala é aquela pessoa. né, os vassallos do rei são aquelas pessoas que moravam nas terras do rei e que prestavam obrigação ao rei, então, eu presto obrigação ao meu mestre Caboquinho, tudo que o grupo precisa, teoricamente, que não dá conta, fica na minha responsabilidade, os editais, as relações, as trocas institucionais, tudo fica à minha responsabilidade, bem como a festa no dia da apresentação de devoção, porque o Ticumbi, ele é uma representação que tem a ver com o Santo São Benedito, o grupo se apresenta à igreja pra prestar homenagens e agradecimentos ao Santo, por aquele ano passado e todas as bençãos que foram conseguidas e alcançadas pelas pessoas que acompanham o grupo (LOUREIRO, 60 anos, 2022) (informação verbal).

Tive a curiosidade de saber um pouco mais, perguntando-lhe o que era oferecido e o porquê:

Aí, na parte da festa, além do São Benedito, eu sou devota também de São Sebastião, e gosto muito de cozinhar, quem me conhece sabe, e eu faço uma festa na minha casa para receber o grupo, eu faço uma feijoada; e como Deus me abençoa de tudo render nas minhas mãos, eu faço para o meu grupo, e peço ao meu mestre que escolha os grupos que venham jantar na minha casa, então eu costumo a fazer uma feijoada, inicialmente eu fazia para 300, 350 pessoas. Hoje em dia, eu faço só para umas 150 pessoas (LOUREIRO, 60 anos, 2022) (informação verbal).

Nesse momento da entrevista, ela sorriu um pouco envergonhada e continuou sua fala:

Eu faço essa feijoada sozinha, eu tenho uma ajuda de uma outra pessoa que é Vassala do grupo, mas, que não mora aqui na vila, me ajuda com um certo montante, mas o grosso do gasto e do trabalho eu faço questão de ter sozinha, de fazer sozinha. Então, é uma coisa que me consomem 4 a 5 dias, eu brinco de cozinhadinho, que daí eu faço um fogão do fundo do meu quintal, e passo 2, 3 dias cozinhando uma feijoada, que comem aí umas 150, 200, 250 pessoas; é muito bom, porque é o momento que a gente divide as alegrias; que a gente divide a fartura; divide o bem-estar; o bem querer; e tudo muito envolvido com música, com a beleza das encenações, com a beleza do poder estar vivo a cada ano, ainda mais (...) (LOUREIRO, 60 anos, 2022) (informação verbal).

Nesse momento, a entrevistada não conseguiu conter a emoção e soltou algumas lágrimas em seu rosto, desabafando e ficando por um tempo em silêncio, ouvindo apenas o cantório dos pássaros – encantador, por sinal. Ela continuou: “não poder fazer por causa da pandemia⁵³, desculpa, Claudia”. Mais uma vez ela não conseguiu conter sua emoção, fiz uma intervenção, perguntando se ela queria parar a entrevista, ela balançou a cabeça num gesto negativo e assim continuamos. Perguntei-lhe há quanto tempo é uma vassala, e me deu a seguinte resposta: (diário de campo).

⁵³ A pandemia que todos os grupos culturais mencionaram se diz respeito ao Coronavírus da COVID-19, que teve início em março do ano de 2020, no qual, escolas e faculdades tiveram que fechar suas portas, e então um nova era tecnológica surgiu, onde professores, sejam velhos ou novos, tiveram que se adaptar ao novo método de transmitir suas ideias e saberes, ao mesmo tempo que destrói e constrói um novo ensino, e tudo foi interrompido, tendo todos que viver em um isolamento social, e que por um período de mais ou menos dois anos se transformou numa catástrofe global.

[...] tem cerca de 9 anos, é, uns 8, 9 anos, que eu sou Vassala e quem indicou meu nome para ser Vassala do mestre Caboquinho foi o Rogério Medeiros, que é Vassalo do grupo do Ticumbi do Sr. Terto. Inicialmente, era o Rogério Medeiros e Maciel de Aguiar, ao correr dos anos ficou só Rogério Medeiros, durante mais de 40 anos, foi Vassalo de Sr. Terto, que infelizmente, desencantou o mês passado”(LOUREIRO, 60 anos, 2022) (informação verbal).

Figura 76 - Maria Inês Loureiro e o grupo Ticumbi de Santa Clara



Fonte: Foto cedida por Loureiro (2018)

Figura 77 - Apresentação dos grupos no dia da feijoada

Figura 78 - Convidados na casa da festa



Fonte: Foto cedida por Loureiro (2018).

Figuras 79 e 80 - Os grupos culturais no dia da feijoada na casa da festa



Fonte: Foto cedida por Loureiro (2018).

Todos os grupos existentes, na Vila de Itaúnas, são registrados na Associação de Folclore do município de Conceição da Barra e reconhecidos pelo Governo do Estado como “Grupos Folclóricos”, de cunho religioso, não tendo participação de cunho político.

Dessa forma, a Associação de Folclore e os grupos culturais do município mantêm parceria na certeza de contribuir para preservação do Patrimônio Imaterial, tanto quanto em suas manifestações e, assim, pode perpetuar a transmissão dos saberes e fazeres desses grupos culturais e de cada comunidade.

CAPÍTULO III

Figura 81 – Chapéu decorado do Reis de Boi



Fonte: Arquivo do Parque Estadual de Itaúnas (2022).

3 A ESCOLA, OS PROJETOS E AS OFICINAS

A escola foi inaugurada com o nome de “Escola Municipal Benônio Falcão de Gouveia”, em 1977, funcionando com uma única sala de aula e uma turma de 1ª série do 1º Grau, tendo como professora a Sr.ª Dulce da Silva. Em 1979, a escola ganhou mais duas séries, e mais duas professoras: a Sr.ª Zumira Timboyba Souto e a Sr.ª Terezinha da Penha Pestana. A partir de então, a escola passa a funcionar com as turmas de 1ª a 4ª séries (MUNICÍPIO, 2002).

A professora Terezinha, junto à comunidade, se empenhou para que fossem implantadas as turmas de 5ª a 8ª série, a fim de facilitar a vida dos moradores, e para que estes pudessem dar continuidade aos seus estudos.

Em 1985, a prefeitura, através da Secretaria Municipal de Educação, implantou as turmas de 5ª a 8ª séries. Essa implantação ocorreu gradativamente: em cada ano, uma série. A primeira diretora foi a professora Terezinha da Penha Pestana, sendo este um dos primeiros avanços na educação para a vila nessa época. Em dezembro do mesmo ano, através da Lei nº 1.650 de 12/12/1985, a escola passou a chamar-se: Escola Municipal de 1º Grau “Benônio Falcão de Gouveia” (MUNICÍPIO, 1997).

Até 1989, a arquitetura da escola constava de 3 salas de aula e dois banheiros, uma secretaria, uma cozinha e uma área externa onde se faziam as refeições de merenda e os recreios. Nesse mesmo ano, inicia-se a primeira obra de ampliação da escola, construindo-se mais uma sala de aula e dois banheiros. Foram momentos de muitos transtornos para a efetivação daquele ano letivo, pois foi necessário paralisar o funcionamento temporário das aulas, nas turmas de 5ª a 8ª séries, que eram atendidas em turno noturno, resultando na transferência dos alunos para a sede, os quais necessitaram do transporte escolar.

Figura 82 - Escola Municipal “Benônio Falcão de Gouveia” em 1989



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Em 1992, acontece o concurso público e são nomeados os primeiros concursados a se efetivarem na escola, pois, até essa época, todos os funcionários eram contratados.

Em 1993, retoma-se o funcionamento das aulas para turmas no noturno. A segunda ampliação da escola acontece em 1998, sob a direção da professora, Sr.^a Lisângela Bonelá dos Santos, com a construção do 2º pavimento (4 salas de aulas) e o refeitório externo coberto. Porém, a obra só teve seu término no ano de 2001, na gestão da professora Claudia Alves Silva (MUNICÍPIO, 2002).

No ano de 2001, muitas conquistas ocorreram gradativamente junto à comunidade escolar, como a implantação do Projeto Político Pedagógico – (PPP), que, até então, a escola não tinha. A elaboração desse Projeto Político contou com o envolvimento e a participação da comunidade local, através de encontros e reuniões para elaboração do documento. Essas ações favoreceram o ensino e, pelo reconhecimento do Projeto Político Pedagógico, a escola passou por um processo de transformação, adquirindo uma identidade/característica local.

Ainda em 2001, foi promovido um concurso para escolha do emblema da escola, juntamente com o uniforme e confeccionada a bandeira da escola. Nesse ano, também houve outra reforma das salas de aulas e a pintura nos muros externos, destacando as ações que estavam acontecendo na escola.

Nessa época, eu estava como diretora e lembro-me de alguns projetos, como de dança, aulas de informática, inaugurando o 1º computador que veio por meio de doação, sala de leitura e outros. Houve também uma alteração na grade curricular acrescentando algumas

disciplinas que não constavam no currículo da época, como: aulas de Artes, aulas de Inglês, aulas de Filosofia e aulas de Educação Física.

No ano de 2003, acontece a alteração do nome da escola, de acordo com a Lei Nº 9.394/1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB e a Lei Municipal Nº 2.190, publicada no dia 07/07/2003, no Átrio da Prefeitura Municipal de Conceição da Barra/ES. A escola passa a ser chamada de Escola Municipal de Ensino Fundamental “Benônio Falcão de Gouveia”, a partir da data da publicação, não sendo mais Escola Municipal de 1º Grau (MUNICÍPIO, 2003).

Em 2004, a Prefeitura Municipal de Conceição da Barra e a Secretaria de Educação de Estado (SEDU) firmam uma parceria para implantação do funcionamento de um anexo da Escola Estadual de Ensino Médio – (EEEM) “Dr. Joaquim Fonseca”, sendo que essa escola já funcionava no centro de Conceição da Barra.

Após esse acordo entre as partes, passou a funcionar a modalidade do Ensino Médio, no prédio da EMEF Benônio Falcão de Gouveia, localizada na vila de Itaúnas, no horário noturno, solicitação da comunidade, para que os alunos não fizessem mais esse trajeto de Itaúnas para estudarem na Sede de Conceição da Barra, pois esse percurso causava vários transtornos para as famílias, devido ao trânsito na estrada, à noite.

No ano de 2007, esse anexo da EEEM “Dr. Joaquim Fonseca” ganha outra nomenclatura, sendo batizada pela comunidade da Vila de Itaúnas com o nome de Escola Estadual do Ensino Médio – (EEEM) “Dunas de Itaúnas”, desligando-se a instituição, desde então, da Escola Estadual de Ensino Médio “Dr. Joaquim Fonseca”, localizada no centro de Conceição da Barra, e passando a ter o seu funcionamento na vila de Itaúnas, com o nome batizado pela própria comunidade. Agora, de uma vez por todas, os alunos não precisariam mais fazer a locomoção à Conceição da Barra.

No ano 2011, através do Parecer do Conselho Estadual de Educação (CEE), nº 2.876/2011 da Resolução CEE nº 2.550/2011, publicada no Diário Oficial de 27/01/2011, aprova-se o funcionamento da escola com a oferta do Ensino Médio, dessa forma, retroagindo seus efeitos ao início do ano letivo de 2007 (ESTADO, 2011).

No ano de 2007, acontece outra reforma, com reparos, pintura do prédio e do muro de toda a escola, parceria entre a Prefeitura Municipal de Conceição da Barra e a empresa Suzano Papel Celulose.

Figura 83 - EMEF “Benônio Falcão de Gouveia” em 2007



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

No período de 2008 em diante, até 2018, outras reformas ocorreram, como colocação dos telhados externos e, na frente da escola, derrubada do muro e colocação do gradil na frente e nas laterais, bem como outros projetos incentivando a cultura local e concursos públicos para efetivação de funcionários.

Figuras 84 e 85 - EMEF “Benônio Falcão de Gouveia” em 2018



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2018).

Para falar um pouco desse período (2008 a 2020), procurei a diretora da época para me conceder uma entrevista⁵⁴. Diante da pergunta sobre quanto tempo ela ficou na gestão da escola, a professora respondeu: “me chamo Veratriz, 44 anos de idade, sou moradora da vila,

⁵⁴ Vide Apêndice B

desde sempre, nascida e criada aqui. Estive na direção da escola no período de 2008, praticamente, até o início de 2020” (CAMPOS, 2022) (informação verbal).

Conversamos um pouco sobre esse período extenso de sua gestão e perguntei se poderia relatar se existiu alguma parceria da escola e a cultura local, os grupos, os projetos durante o período em que esteve à frente da escola. Ela falou sobre um projeto que se destacou, durante os anos de sua gestão:

[...] a parte do projeto “Diversidade Cultural na Escola” aconteceu ao longo desses anos, ora muito forte, ora mais fraco, então no período que iniciei, em 2008 até 2017, mais ou menos, foi um período que o município sempre patrocinava as atividades no quesito dos Mestres, mas a gente tinha muita dificuldade com as indumentárias; com a parte de levar os alunos além-fronteira, além daqueles espaços que eles eram convidados, além daquelas atividades festivas, como a parte do folclore em agosto. Então, a gente tinha vontade de fazer isso crescer. E aí, mediante a tudo isso, nós elaboramos o projeto “Diversidade Cultural na Escola”, pela SECULT⁵⁵, via Conselho de Escola. Ao qual deu uma alavancada nessas atividades” (CAMPOS, 44 anos, 2022) (informação verbal).

Quando a Sr.^a Veratriz mencionou sobre a elaboração do projeto, pôde-se notar que se trata de projetos para os quais a Secretaria de Estado e Cultura do Espírito Santo (SECULT), através de editais, abre processo seletivo, e os projetos aprovados são financiados. No ano de 2018, a SECULT lançou o Edital nº 009/2018 para a “Seleção de projetos culturais e concessão de prêmio para culturas populares e tradicionais do estado de Espírito Santo”.

Em 2018, com a colaboração e o empenho da equipe, a escola se inscreveu sob o título do projeto de “Diversidade Cultural na Escola”, via Conselho de Escola. Dessa forma, a EMEF “Benônio Falcão de Gouveia” foi contemplada e selecionada, podendo desenvolver melhor o projeto, que, com a verba recebida, pôde contratar os oficinairos e comprar os materiais a serem utilizados, inclusive, financiar as viagens para os grupos da escola se apresentarem em outros municípios, vide perfil do projeto⁵⁶.

A escola promoveu um concurso com os alunos para escolha do Slogan para que fosse inserido nas camisas a serem usadas no dia da culminância do projeto, momento em que todos estariam presentes: comunidade, parceiros e outros, como, representantes da SECULT, e da SEME-CB.

⁵⁵ Secretaria de Estado e Cultura do Espírito Santo

⁵⁶ www.mapacultural.es.gov.br

Figura 86 - Slogan criado pelos alunos da EMEF “Benônio Falcão de Gouveia”



Fonte: Arquivo da escola cedido pela gestora (2018).

De acordo com a Sr.^a Veratriz, até 2017, [...] as atividades eram realizadas sempre uma vez por semana, às vezes de 15 em 15 dias, com os Mestres vindo ensaiar essas crianças, com as modalidades de Jongo, Ticumbi e Reis de Boi, sendo que o Reis de Boi era para os alunos de 6º a 9º anos, sempre optaram em deixá-lo para 6º ao 9º, porque é um atrativo para o imaginário desses adolescentes, eles sempre gostam um pouco mais (CAMPOS, 2022) (informação verbal).

Ela para um pouco a entrevista, pensa, mas continua a falar dos grupos de ensaio que a escola promovia,

O Ticumbi e o Jongo ficavam sempre com os pequeninhos, ou seja, os de 1º ao 5º anos, que, às vezes, intercalavam com alguns alunos de 6º ao 9º anos, e aí, a escola, por funcionar com crianças de 6 a 14, 15 anos, fazia um abraço grande nessas modalidades, de forma que abria o leque para a diversidade cultural na qual a comunidade está inserida, e muitos dos jovens e adolescentes, muitas das vezes, já estavam saindo fora dessa realidade, ou seja, não optando em participar mais de um grupo de Ticumbi, um grupo de Jongo (CAMPOS, 44 anos, 2022) (informação verbal).

A figura 87 mostra a parceria da SECULT, através de seu representante Erialdo Plotegher, a Sr.^a Veratriz e as alunas da EMEF Benônio Falcão de Gouveia, do grupo de Jongo, no dia da culminância do projeto, no ano de 2019. A figura 88 mostra os alunos que participam do grupo Ticumbi, seu mestre, o Sr. Anízio e sua viola, também no dia da culminância do projeto.

Figura 87 - Erialdo Plotegher e a Sra. Veratriz junto ao grupo de Jongo das alunas



Fonte: Arquivo da escola cedido pela gestora (2018).

Figura 88 - Erialdo Plotegher, a Sra. Veratriz e Mestre Anízio, com o grupo Ticumbi dos alunos



Fonte: arquivo da escola cedido pela gestora (2018).

Fiz um questionamento à Sr.^a Veratriz em relação a essas atividades, se ajudavam os alunos. Ela me respondeu que,

Sim, e com as atividades funcionando na escola, a gente percebia que isso ajudava muito no quesito de permanência da cultura na nossa vila. E de certa forma, no pertencimento dessa criança, dele ou dela perceber que faz parte desse contexto histórico e a riqueza que é. E aí, com a vinda da aprovação do projeto através da SECULT (CAMPOS, 44 anos, 2022) (informação verbal).

SECULT é o termo ao qual a diretora se referia à Secretaria Estadual de Cultura, e assim continuou sua fala:

Em 2018, nós começamos as atividades do projeto, ao qual deu uma ênfase enorme, deu visibilidade na diversidade cultural do nosso município, não foi uma visibilidade só da escola Benônio, mas uma visibilidade mesmo do nosso município, no qual as crianças puderam passar de escola em escola, puderam visitar outros lugares do nosso estado, puderam estar mais perto de pessoas, que elas conseguiam mostrar realmente a nossa diversidade cultural na escola, ou seja, diversidade cultural na vila através da escola (CAMPOS, 44 anos, 2022) (informação verbal).

Ela conta também que as roupas, os bichos, os pandeiros, os chapéus, tudo foi adquirido com as oficinas, através do financiamento via SECULT, como nos mostram as figuras 89 e 90: O mestre Lucas e as oficinas com as professoras, as figuras 91 e 92, em oficinas com os alunos, confeccionam os chapéus e as flores para decorá-los. Essas oficinas foram realizadas no ano de 2018 e, logo abaixo, as figuras de número 93 e 94, foram oficinas realizadas com os mestres Sr. Anízio e Sr. Antônio na confecção dos pandeiros, no ano de 2019. Ela explica:

As oficinas desse material, a maioria deles, foram produzidas com os alunos e os Mestres, lembrando do Mestre Antônio, Mestre Anízio e o Mestre Lucas Maia, sendo que este último é uma figura jovem, que tem um linguajar mais propício para os nossos adolescentes, e ele acompanhou bem de perto muitas dessas atividades culturais na escola, mesmo antes de sermos contemplados através do projeto pela SECULT” (CAMPOS, 44 anos, 2022) (informação verbal).

Figura 89 e 90 - Mestre Lucas e as oficinas com as professoras



Fonte: Fotos cedidas pela gestora da escola (2018).

Figuras 91 e 92 - Mestre Lucas e as oficinas com os alunos



Fonte: Fotos cedidas pela gestora da escola (2018).

Figuras 93 e 94 - Mestre Anízio e Mestre Antônio e as oficinas dos pandeiros



Fonte: Fotos cedidas pela gestora da escola (2019).

Figura 95 - Apresentação do grupo Ticumbi dos alunos



Fonte: Foto cedida pela gestora da escola (2019).

Figura 96 - Mestre Anízio ensaiando o grupo Reis de Boi Mirim dos alunos



Fonte: Fotos cedidas pela gestora da escola (2018).

Figura 97 e 98 - Trabalhos e vestuário elaborados pelos alunos através das oficinas sobre os grupos culturais



Fonte: Fotos cedidas pela gestora da escola (2019).

A diretora evidenciou, durante a entrevista, que o instrutor de capoeira, Raoni, tem participação ativa na escola, como voluntário, e que a maioria dos membros do projeto são ex-alunos da escola. Segundo ela, esses instrutores de capoeira sempre se reúnem na escola com o foco de ampliar a divulgação da diversidade no nosso meio, mesmo que voluntários. A Sr.^a Veratriz enfatiza que,

O aluno, enquanto disseminador dessa ideia da diversidade cultural, ele passou a ser proprietário mesmo da ideia do projeto, da ideia das atividades, de como construir o chapéu, de como era feito um pandeiro, e o que história trazia por traz disso tudo. A história afrodescendente do nosso povo, a história de que nós somos partes dessa cultura rica, essa cultura que vem se perdendo, como falei no início. E o foco, o objetivo principal da escola, com a diversidade cultural é justamente estimular o nosso jovem, o nosso adolescente, a nossa criança a dar continuidade naquilo dos nossos antepassados, na história do nosso povo, de Conceição da Barra em especial (CAMPOS, 44 anos, 2022) (informação verbal).

Durante nossas conversas, perguntei se ela acredita que existe essa parceria entre cultura popular e a escola. Nesse momento, ela respirou fundo, mas logo respondeu:

Bom, na verdade esse é um ponto muito sério a se tratar, esse trabalho de inserção e de certa valorização da diversidade cultural dentro da escola, não foi um trabalho fácil nesse quesito. Porque a maioria da comunidade escolar não tem essa consciência do nosso pertencimento enquanto afro, enquanto folclore, enquanto

grupos de valorização cultural que somos, a gente percebe que isso não é fácil e que isso não acontece como às vezes a gente vê na realidade, vê nos filmes, não é um filme tão bonito de se ver, a escola precisa estar o tempo todo divulgando, numa reunião de pais, soltar um informativo, dar continuidade, ela precisa acontecer na conscientização e no incentivo, até mesmo os próprios funcionários (CAMPOS, 44 anos, 2022) (informação verbal).

Indaguei a Sr.^a Veratriz: então, houve essa parceria? Ela respondeu com um sorriso no rosto:

Então..., houve por duras penas, foi de sementinha em sementinha, foi se plantando, um dia tem uma atividade do Jongo em uma manifestação de “Semana da Família na Escola”. Outro dia, tem uma apresentação do “Grupo do Ticumbi”, lá na frente em outra festividade da escola, a inserção dessas atividades ao longo dos anos, ao longo do processo, que a gente percebe que isso vai valorizando e fazendo o pai perceber esse pertencimento que ele tem, independente dele acreditar na sua crença religiosa, mais isso é um assunto muito delicado e que não foi fácil, e que nem é fácil (CAMPOS, 44 anos, 2022) (informação verbal).

Outro ponto importante diz respeito ao fato de a Sr.^a Veratriz ter evidenciado que: [...] os próprios funcionários da escola, muitas vezes, não abraçavam a causa da diversidade cultural, mesmo sabendo das múltiplas diversidades que temos, e que isso também foi se modificando ao longo do projeto (CAMPOS, 2022). E para cada evento, a cada reunião que se fazia, aos poucos foram se construindo laços de afinidade da escola com os grupos culturais da vila.

Figura 99 - Escola organizada para culminância do projeto: “Diversidade Cultural na Escola”



Fonte: Foto cedida pela gestora da escola (2019).

A EMEF “Benônio Falcão de Gouveia”, atualmente, funciona com 239 alunos matriculados, 32 funcionários, sendo distribuídos da seguinte forma: 01 diretora, 02 coodenasoras de turno, 01 Secretária Escolar (SE), 01 Auxiliar de Secretaria Escolar (ASE), 03 Pedagogas, 01 professora e Reforço (Matemática e Língua Portuguesa), 06 professoras regentes do 1º ao 5º ano (séries iniciais), 08 professores de áreas específicas 6º ao 9º anos (séries finais), 03 professoras especialistas ao Atendimento de Alunos Especiais (AEE), 06 Auxiliares de Serviços Gerais (ASG), que todos os dias abrem as portas nos turnos matutino e vespertino.

A escola possui 08 salas de aula, 01 auditório, 01 almoxarifado, 01 sala de informática, 01 sala de leitura, 01 secretaria, 01 sala de professores, 01 sala de recursos - (Atendimento Aluno Especial – AEE), 01 sala de diretor, 07 banheiros distribuídos entre feminino e masculino, 01 cozinha e refeitório coberto, corredores internos e corredores externos cobertos.

Figura 100 - Vista da frente da EMEF “Benônio Falcão de Gouveia”



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

3.1 A CONSTRUÇÃO DOS DADOS A PARTIR DA ESCOLA E DA SALA DE AULA

Para identificar as formas de relação e compreensão dos alunos do 8º ano (anos finais), com a cultura popular local, focalizando o papel dos grupos culturais da vila dentro da escola,

foi utilizado a técnica de um grupo focal que “possibilita a obtenção de dados qualitativos sobre opiniões, atitudes e valores relacionados a um tema específico” (CASTRO, MARTINS, GONZALEZ, 2013, p. 44).

Em Moreira e Candau (2003, p. 160),

A escola é, sem dúvida, uma instituição cultural. Portanto, as relações entre a escola e cultura não podem ser concebidas como entre dois polos independentes, mas sim como universos entrelaçados, como uma teia tecida no cotidiano e com fios e nós profundamente articulados”.

A escola, representando um dos principais lugares de acesso à cultura, deve propiciar momentos para o aluno, não só de se apropriar dessa cultura, mas também de aprender a utilizá-la em outros momentos de sua vida, transformando e ampliando sua própria cultura e dos outros ao seu redor. Assim, propiciando a construção do conhecimento constante, e possibilitando a aprendizagem acerca da cultura popular e suas manifestações culturais, através de crenças, expressões populares, e mais oportunidades vão disseminado entre a cultura popular local.

A aprendizagem é, sem dúvida, uma atividade contínua que se inicia nos primórdios da nossa vida e se estendendo ao longo dela. Dessa forma, a escola é um dos diversos ambientes em que se adquire conhecimento. Segundo Vygotsky (1995), o desenvolvimento da aprendizagem e a construção desse conhecimento perpassam pela produção da cultura, como resultados das relações humanas.

Vygotsky (1995) atribui grande importância ao domínio da cultura no processo de desenvolvimento psicológico da criança. Voltando-se, dessa forma, para o estudo das relações entre cultura e desenvolvimento, contribuindo, desde então, para o campo da pedagogia. Para Vygotsky, quando a criança adentra na cultura, não somente toma algo dela, não apenas se enriquece com o que está fora dela. Ou seja, a própria cultura renova o seu desenvolvimento.

Moreira e Candau salientam que (2003, p.160) “A escola, nesse contexto, mais que a transmissora da cultura, da “verdadeira cultura”, passa a ser concebida como um espaço de cruzamentos, conflitos e diálogo entre diferentes culturas”. Permitindo-nos, assim, um novo olhar para diferentes formas de culturas.

Dos dados já obtidos durante a pesquisa, direcionei para a próxima etapa, adentrando na escola. No primeiro momento, fiz a entrevista⁵⁷ com a diretora atual, Helen Lúcia de Oliveira de Paula, mas antes entreguei-lhe o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para ser lido e preenchido, ficando ela com uma cópia, pois, no ano de 2021, eu já

⁵⁷ Vide APÊNDICE G.

tinha entregado lhe a Declaração de Compromisso do Pesquisador Responsável, que ela já havia assinado no ano de 2021, e assim permitindo a minha entrada para a pesquisa na escola.

E começamos uma conversa, pedi para ela me relatar de que forma acontecem os projetos culturais na escola, se acontecem, ou não, e ela foi dizendo:

Então, Claudia! Esses projetos culturais na escola, ou melhor, existe um projeto feito na vila, e a escola entra como parceira nesses projetos. Como professora, eu pude perceber que os alunos estão envolvidos nesses projetos, eles participam assiduamente, até mesmo por questões de herança, que passa de família, de pai para filho, então eu acho importante essa questão dessa parceria da escola. Mesmo porque, esses projetos ajudam a ocupar as crianças e mostrar as raízes que eles têm aqui dentro da vila (PAULA, 52 anos, 2022).

Após seu relato, fiz uma observação que, por meio das entrevistas com os mestres dos grupos culturais existentes da vila, ficou destacado que, no ano de 2018, foi desenvolvido um projeto na escola, através da SECULT, “Diversidade Cultural na Escola”. Perguntei a ela se assumiu a direção logo depois, e se tem conhecimento desse projeto. E ela me responde:

Então, em 2018, eu não estava mais como professora da Benônio, eu assumi como diretora em 2019, já em início da Pandemia⁵⁸, o que levou com que as crianças afastassem, já em um isolamento social, tendo de interromper todo e qualquer projeto, assim dificultando cada vez mais os contatos entre as pessoas, e assim, em 2020, tudo ficou sendo através de aulas online e de modo remoto. Já neste ano de 2022, embora a gente não teve um resgate total dessas apresentações culturais, ainda é possível ver a participação das crianças em ensaios na praça, na quadra, em projetos de voluntários como é o caso da Capoeira. Acredito que, desde então, essa parceria ainda não está frequente como era antes da pandemia, mas está retornando de pouco em pouco (PAULA, 52 anos, 2022).

Dando continuidade, perguntei a ela, neste período que você se encontra na direção da escola, você enxerga haver um diálogo entre a cultura popular e a escola? E ela me deu como resposta:

Importantíssimo, Claudia! Esses projetos culturais, eles são a identidade da vila de Itaúnas. Nós temos, aqui morando na vila, grupos diversificados de pessoas. Nós temos aí, indígenas, quilombolas, descendentes de escravizados, nós temos assentamentos, nós temos grupos de assentados (invasores), e a escola recebe todos esse público, e quando se fala de participação cultural, a gente percebe que a raiz é a identidade desse povo, é a nossa identidade, então essa parceria escola com os projetos culturais da vila é de suma importância, até mesmo, por que se a escola não entrar com essa parceria, esses projetos vão morrer, e a tendência é acabar, porque uma vez que você não coloca, não tem a outras participações de alunos mais jovens, que vão levar isso em frente, acaba morrendo com as pessoas que estão participando nesse momento (PAULA, 52 anos, 2022).

Através da entrevista da diretora Helen, percebe-se que na vila de Itaúnas se encontram vários grupos diversificados, nos remetendo, assim, cada vez mais à participação

⁵⁸ A entrevistada se refere ao vírus COVID-19, nos anos de 2019 a 2021.

de projetos culturais através dos grupos existentes na vila, com o intuito de fortalecer a identidade local.

3.1.1 Observação em sala de aula

A observação em sala de aula foi feita através da participação em duas aulas na disciplina de História, com a professora Mariana dos Santos, para que eu pudesse interagir com os alunos. Uma observação aconteceu no dia 08/11/2022, e a outra no dia 16/11/2022.

Particpei também no dia da culminância do projeto que a escola desenvolveu, sobre a temática da consciência negra. Cada professor com seu roteiro de apresentação, sendo a professora Mariana com o roteiro, “Contribuições da cultura afro brasileira”, que desenvolveu durante o mês de novembro. A culminância aconteceu aos 18/11/2023, no refeitório da escola.

Quando entrei na sala de aula, cumprimentei a todos, e a professora Mariana me apresentou para os alunos, ela já tinha explicado para os alunos o objetivo da minha presença em participar nas aulas, através de observação, para depois realizar um trabalho com alguns alunos, através de um grupo focal, para uma conversa.

Em instantes, houve murmúrios e alguns cumprimentos. Assentei-me no fundo da sala, e, ao meu lado, se encontrava uma jovem adolescente, que me disse bem baixinho: “que legal, você fazer pesquisa sobre a nossa cultura do lugar! ”

A turma constava de 22 alunos, sendo 15 meninas e 7 meninos, a escolha para participar do grupo focal foi feita pela professora, juntamente com os alunos, porque nem todos os alunos participam dos projetos que já vem sendo desenvolvidos nos anos anteriores, na escola e também na comunidade, ou seja, nem todos tinham conhecimento do projeto “Diversidade cultural na escola”, que aconteceu entre os anos de 2018 a 2019.

Dessa forma, os alunos que participaram desse projeto especificamente, foram se prontificando à participarem do grupo focal, ou seja, 7 meninas e 1 menino, pois, os outros meninos, alguns tímidos ou vergonha de se expressarem.

Teve 1 aluno que pediu para participar do grupo como ouvinte, e ficar na sala, lugar onde o grupo iria se reunir, mas, dizendo ele, que não gostaria de falar, porque tem vergonha.

A sala de aula precisa configurar, portanto, um mundo de cultura, isto é, um grupo humano com história própria, e cabe ao professor criar esse grupo, que se estrutura nas interrelações mútuas de caráter social, afetivo e intelectual, imersas num contrato didático.

Destacando-se, neste caso, a importância das relações de pensamento e da palavra, que segundo Vygotsky, “Enquanto não compreendermos a interrelação entre o pensamento e a

palavra, não poderemos responder a nenhuma das questões mais específicas deste domínio, nem sequer levantá-las” (VYGOTSKY, 1979, p. 11).

A aula da professora Mariana, tinha como roteiro um tema que já estava trabalhando durante todo o mês de novembro com as turmas, o roteiro era sobre as: “Contribuições da cultura afro brasileira”, e a importância de se estudar a Lei nº 10.639/2003 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, incluindo no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura Afro-Brasileira e Africana”. A professora Mariana destacou em sua fala que,

[...] a lei nº 10.639/2003, lei que inclui no currículo oficial da rede de ensino, a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e africana, isso vale tanto para o ensino da rede pública quanto para o ensino da rede privada. Desde sempre, aprendemos várias coisas sobre o processo da escravidão, ou seja, que somos descendentes de pessoas escravizadas, como foi doloroso esse processo, e várias leis, até chegarem e culminarem o processo da abolição, com a Lei Áurea de 1888, sancionada pela Princesa Isabel, que, desde então, aboliu a escravidão no Brasil. Antes dela, vieram outras leis, como a Lei nº 581/1850 conhecida como Lei Eusébio de Queirós, decretando a abolição do tráfico negreiro no Brasil. Logo depois, a Lei do Ventre Livre, uma das precursoras da Lei Áurea, sendo aprovada em 1850, mas entrando em vigor no ano de 1871, norma que determinou que, a partir desse ano em diante, as mulheres escravizadas dariam à luz apenas bebês livres (SANTOS, 33 anos, 2022).

É pertinente e necessário destacar, além da obrigatoriedade da Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira"(BRASIL, 2003).

O aprofundamento desse conteúdo é encontrado no texto das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e africana, de outubro de 2004. Dessa forma, a Base Nacional Comum Curricular - (BNCC) nos traz,

A inclusão dos temas obrigatórios definidos pela legislação vigente, tais como a história da África e das culturas afro-brasileira e indígena, deve ultrapassar a dimensão puramente retórica e permitir que se defenda o estudo dessas populações como artífices da própria história do Brasil (BRASIL, 2017).

Outro ponto importante da aula, foi que a professora Mariana enfatizou que,

[...] com a Lei nº 10.639/2003 vem corroborar a contribuição desses povos que foram escravizados, lembrando que ninguém é descendente de escravos, e sim de pessoas escravizadas, em grande maioria, que foram pessoas capturadas na Costa da África, basicamente em dois países, a região Congo e Angola, é de onde vieram os nativos que chegaram no território brasileiro. Cabe lembrar que antes já havia a existência dos povos indígenas na territorialidade brasileira, tendo como dois grupos: os tupis, e os tapuias (SANTOS, 33 anos, 2022).

A professora Mariana pergunta para os alunos: “de quais países vieram esses escravos?” eles responderam, “Portugal”. A professora continua, “de que forma começou

isso? vocês lembram que já estudaram um pouquinho sobre a emancipação do processo da Independência da América Espanhola, lembrando que, quando os europeus chegaram no Continente Americano, foram dois países que vieram para o Brasil, quais foram esses países?

Os alunos responderam, “Portugal e Espanha”, e a aula continuou, e os alunos num silêncio total, prestando muita atenção na fala da professora Mariana, que em um outro trecho da aula pergunta, “qual foi o primeiro tratado?” os alunos responderam, “Tratado de Tordesilhas”, ela abana a cabeça numa afirmativa e prossegue a aula, outra pergunta faz para a turma, “ qual foi a primeira atividade econômica lucrativa para colonizar o Brasil?” Uma aluna que estava assentada ao meu lado, levantou a mão para responder: “pau-brasil”.

A professora continua, “isso mesmo, o pau-brasil foi desmatado por toda a área da Mata Atlântica, com o processo de fragmentação de desmatamento da Mata Atlântica para a retirada do pau-brasil como produto econômico”.

Uma outra aluna levantou a mão e perguntou: “professora, o pau-brasil, era somente retirado por causa da madeira?”, a professora respondeu: “não, era também por causa da sua cor vermelha, lembrando que a tonalidade vermelha era muito difícil de encontrar na natureza, esse corante era muito difícil para conseguir, então o pau-brasil, já tinha essa seiva cor de sangue, cor de brasa, já tinha na sua própria madeira. Uma aluna indagou: “só dava para retirar essa seiva uma vez?” a professora respondeu, “não, várias vezes, se você mantém a árvore em pé, você consegue extrair a seiva muitas vezes.”

Essa cor vermelha era muito cobiçada pela corte para tingir roupas, normalmente só os aristocratas e altos cargos da monarquia que utilizavam a cor vermelha.

A professora continuou a aula com outra pergunta direcionada aos alunos: “e a segunda atividade lucrativa?” Os alunos responderam, “cana-de-açúcar”, a professora continuou, “isso mesmo, a produção açucareira no Brasil, ou seja, a civilização do açúcar, tão doce, quanto amarga, faz referência ao doce extraído do açúcar e também a mão de obra empregada, que foram os...? Os alunos completaram dizendo, “os escravos”.

A escravidão no Brasil durou quase 400 anos, mais tempo do que a República, do que o Império. Vergonhosamente, até hoje, nós somos o país que manteve durante o maior tempo o número de cativos e a escravidão como um ato legal.

A professora continua, “os escravizados que vieram para o Brasil, eles somente vieram para trabalhar, ou tiveram alguma contribuição na formação social e cultural enquanto povo brasileiro? Os alunos responderam, “tiveram várias contribuições, como dança, música, culinária”. Ainda a professora, “nós temos influência desses povos que foram escravizados?”

Eles responderam, “sim”. A professora enfatiza,

Na nossa formação identitária, nós temos influência desses povos escravizados, ou seja, somos constituídos de três etnias: indígenas, sendo os primeiros povos em territorialidade brasileira; os brancos europeus, os invasores; e os africanos escravizados. Dessa maneira, o Brasil é formado por indígenas, brancos e negros, a sociedade brasileira tem essa raiz de formação (SANTOS, 33 anos, 2022).

Segundo Reis (2012, p.51), “Todas as sobrevivências, no Brasil colonial, das tradições africanas na dança, música, religiões ou costumes sociais foram perseguidas.”⁵⁹. Dessa forma, o tráfico de escravos para o Brasil é de fácil acesso através do Atlântico, tornando-se o mais atraente empreendimento comercial e cultural de todos os tempos. De acordo com João José Reis (2012), estima-se perto de 40% dos escravos africanos no Brasil.

No ano de 2008, ocorreu outra conquista para o reconhecimento social do negro e do indígena com a Lei nº 11.645, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena em todas as escolas de ensino público e privado. Os índios também eram escravizados e alguns autores consideram “que os bandeirantes introduziram cerca de 350 mil escravos, nos séculos XVI e XVII, ou um terço de todos os escravos que atuaram na economia brasileira nesses dois séculos”⁶⁰ (REIS, 2012, p. 33).

A professora Mariana ressaltou aspectos importantes das contribuições da cultura afro-brasileira, quando em sua fala destacou:

Além da coreografia através de suas danças, houve outra grande contribuição, que foi a culinária. A culinária afro-brasileira é o resultado do aproveitamento de tudo aquilo que era descartado, exemplo: a feijoada, as partes boas iam para a casa grande, e as partes ruins ficavam na senzala, daí eram aproveitados para fazer a feijoada e servir com farinha, mas, os negros não conheciam a mandioca, porque quem cultivava a mandioca eram os índios. Desde então, os africanos passaram a utilizar a mandioca na sua culinária. Hoje, a feijoada é um prato reconhecido internacionalmente. Outro prato da culinária afro-brasileira é o bobó de camarão, também com mandioca e leite de coco, processo ensinado aos brasileiros pelos indígenas e pelos africanos, que já utilizavam, há séculos, receitas com o leite de coco. E o camarão, apesar de hoje ser uma comida muito cara, nessa época, tinha camarão com fatura, tanto na água doce quanto na água salgada, que junto ao Brasil se transformou em culinária afro-brasileira. Outro prato na culinária africana é o acarajé – (SANTOS, 33 anos, 2022).

Nesse momento da aula, uma aluna perguntou: “professora a tapioca e a cocada também são pratos da culinária afro-brasileira?”, a professora afirma com a cabeça que sim, e faz uma observação:

[...] todos esses quitutes da culinária afro-brasileira era vendido pelas baianas, em especial a atividade do acarajé, que foi tombado como patrimônio cultural e imaterial, em 2005, pelo fato da resistência feminina contra a escravidão. Essas mulheres que tinham esse conhecimento culinário pra produzir esses quitutes, elas vendiam para comprar sua carta de alforria e ter sua liberdade, então isso é um

⁵⁹ A. J. R. Russel-Wood, “Black and mulato brotherhoods em colonial Brazil: a study in collective behavior”, *Hispanic American Historical Review*, 54:4 (1974), p. 573

⁶⁰ Curtin, *The rise and fall*, p. 203.

exemplo de resistência e de empoderamento feminino que já corre há muito tempo” (SANTOS, 33 anos, 2022).

Uma outra aluna que estava ao meu lado, no fundo da sala, levantou a mão e perguntou: “professora, as pessoas dizem que todas as comidas antes de irem para a boca das pessoas, eram ofertadas aos orixás, quem são, ou quem eram esses orixás?” os outros alunos ficaram olhando e escutando a colega terminar a pergunta e assim a professora deu a resposta:

[...] sabem os santos católicos que são cultuados na religião cristã? Então, na religião de matrizes africanas quem são cultuados são os orixás, e tem um orixá específico, chamado Exú, que é o primeiro de todos os orixás que surgiram, que também é conhecido como a ‘boca que tudo come’, antes de uma comida ser ofertada para a população, inicialmente ela era entregue primeiro para um orixá. O acarajé é como se fosse o ouro da culinária afro-brasileira, é de origem iorubá, originado dos povos africanos, Congo e Angola, é também chamado de ‘bola de fogo’ – ACARAJÉ – ‘bola de fogo’, era uma comida ofertada aos orixás, a um dos principais orixás chamado Iansã, esse orixá é o que promove tanto os raios, quanto a questão das queimadas, do fogo, que é esse elemento necessário para a sobrevivência humana (SANTOS, 33 anos, 2022).

Através das aulas em que eu assisti, o que pode-se perceber que houve uma vasta contribuição da cultura afro-brasileira para nosso país, não só na culinária, na música, na arte, na dança, mas deixando marcas em aspectos culturais e espirituais, que muito contribuíram para muitas modalidades culturais.

Consideravelmente, na Bahia, é notória a presença marcante dos candomblés nagôs ou iorubás, e os bantos (angola, congo e cabinda). A presença de elementos e rituais das culturas de matriz africana nas manifestações populares brasileiras é bastante diversificada, como maculelê, congada, tambor de crioula, (Maranhão), samba de roda, umbigada, carimbó, dança do coco, boi-bumbá, capoeira. Dessa forma, as civilizações foram se diversificando por todo o Brasil, e aos poucos se diluindo na formação da cultura nacional, como observa Prandi (2000).

Considerando toda essa diversidade cultural presenciada no Brasil, Silva (1999) diz que,

Deve haver o resgate das africanidades brasileiras. Ao dizer africanidades brasileiras estamos nos referindo às raízes da cultura brasileira que têm origem africana. Dizendo de outra forma, estamos nos referindo ao modo de ser, viver, de organizar suas lutas, próprio dos negros brasileiros, e de outro, lado, às marcas da cultura africana que independentemente da origem étnica de cada brasileiro fazem parte do seu dia a dia (...). Estudar africanidades brasileiras significa estudar um jeito de ver a vida, o mundo, o trabalho, de conviver, de lutar por sua dignidade, própria dos descendentes africanos (...) significa conhecer e compreender os produtos dos trabalhos e da criatividade dos africanos e de seus descendentes no Brasil e de situar tais produções na construção da sociedade brasileira (SILVA, 1999, p. 386).

Entretanto, Reis (2012) ressalta que “a escravidão brasileira já foi considerada como particularmente benigna e branda, tanto por brasileiros, como Gilberto Freyre, como por estrangeiros, como Frank Tannenbaum”⁶¹ (REIS, 2012, p. 51).

Para Moreira e Candau (2003),

O que está em questão, portanto, é a visão monocultural da educação. Os “outros”, os “diferentes” – os de origem popular, os afrodescendentes, os pertencentes aos povos originários, os *rappers*, os *funkeiros* etc. -, mesmo quando fracassam e são excluídos, ao penetrarem no universo escolar desestabilizam sua lógica e instalam outra realidade sociocultural (MOREIRA e CANDAU, 2003, p. 160).

Assim, os autores acima, reiteram que há uma cultura construída historicamente, que permeia nossa vida independente do pertencimento étnico, se tornando um grande desafio, e exigindo mudanças de paradigmas para rever novos conceitos, valores e atitudes.

No final da mesma semana em que eu assisti as aulas de história, houve a culminância⁶² sobre as “Contribuições da cultura afro-brasileira” através de várias apresentações de grupos culturais, ensaiados pelos próprios alunos, como por exemplo, apresentação do Reis de Boi (Figura 101) encenado pelas alunas do 8º ano (anos finais). O Ticumbi, Jongo, Roda de capoeira e artesanatos como, pesquisas e pinturas em telas (Figura 102), pintura em telha (Figura 103), e exposições sobre a gastronomia africana (Figura 104).

Figura 101: Apresentação Reis de Boi (alunas)



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

Figura 102: Pesquisa e pintura em telas



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

⁶¹ Foi um historiador austríaco-americano, sociólogo e criminologista, que fez contribuições significativas para a história mexicana moderna durante sua carreira na Universidade de Columbia. Fonte: (Wikipédia.org)

⁶² APÊNDICE H

Figura 103: Pintura em telhas



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

Figura 104: Gastronomia africana



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

3.1.2 O grupo focal com os (as) alunos (as)

No trabalho de investigação com os alunos, foi utilizado a técnica do grupo focal que “possibilita a obtenção de dados qualitativos sobre opiniões, atitudes e valores relacionados a um tema específico” (CASTRO, MARTINS, GONZALEZ, 2013, p. 44), através de 2 encontros (duração da aula de 50 minutos para cada encontro), sendo 1 encontro aos dias 16/11, e o outro encontro no dia 29/11, para realizar o grupo focal, já com o grupo formado com 8 alunos do 8º ano (Anos Finais). Esses encontros com os alunos, aconteceram após as observações das aulas de história, no mês de novembro, na Sala de Leitura da EMEF Benônio falcão de Gouveia.

Adentrei, então, no trabalho de investigação com os alunos, o grupo focal de escolha pela professora, juntamente com os alunos, porque nem todos os alunos participam dos projetos que já vem sendo desenvolvidos nos anos anteriores, na escola e também na comunidade, ou seja, nem todos tinham conhecimento do projeto “Diversidade cultural na escola”, que aconteceu entre os anos de 2018 a 2019. O grupo foi formado por 7 meninas e 1 menino, pois, os outros meninos, alguns tímidos ou vergonha de se expressarem.

No dia marcado para o encontro com um grupo de 8 alunos do 8º ano (Anos Finais), já acordado com a professora de História, Mariana dos Santos. Teve 1 aluno que pediu para

participar do grupo como ouvinte, e ficar na sala, aonde o grupo iria se reunir, mas, dizendo ele, que não gostaria de falar, porque tem vergonha.

O encontro aconteceu na Sala de Leitura da escola, uma sala organizada com um acervo literário bem satisfatório, com várias etiquetas recortadas em placas emborrachadas de E.V.A, sinalizando a literatura que se encontra nas estantes, todas em aço e de cor cinza. Ao entrar no canto direito, há um tapete e algumas almofadas espalhadas, provocando, dessa maneira, um charme. Encontram-se na sala, 3 mesas redondas e cadeiras suficientes para atender turmas de 18 a 20 alunos.

Nesse caso específico, estávamos em 10 participantes, sendo eu como a responsável para o direcionamento do encontro, os 8 alunos que fazem parte do grupo focal, e o aluno Yan (15 anos) da mesma turma, que pediu para participar como observador, achei interessante por parte dele e pedi permissão aos colegas para ele participar.

Dessa forma, os demais não fizeram nenhuma objeção, dizendo que o colega não gosta de se expressar. Yan entrou na sala, mas não quis assentar na mesma mesa aos quais o grupo estava, e se assentou na mesa ao lado.

Foi elaborado anteriormente, um roteiro de questões⁶³ com foco no tema proposto, ou seja, “A cultura popular e o diálogo com a escola”, com perguntas para nortear a conversa do pesquisador e o grupo. O encontro foi gravado, mediante a autorização da professora responsável da turma, e posteriormente transcrito. Foi entregue para a professora Mariana o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)⁶⁴, lido e assinado. A professora ficou com uma cópia como é de praxe.

No primeiro momento, solicitei o nome de cada aluno, anotei no diário de campo, mas imediatamente fiz a seguinte colocação, dizendo a eles que iria utilizar nomes fictícios para preservar a identidade de cada um deles. Ivi (13 anos), Cleo (14 anos), Sol (14 anos), Nori (14 anos), Yuri (14 anos), Lua (14 anos), Bianca (14 anos) e Noah (15 anos). Nem todos nasceram em Itaúnas, mas todos residem na vila. Esses alunos participam de grupos culturais, como: Capoeira, Jongo, Ticumbi, Reis de Boi, e alguns colaboram com o atletismo local.

Quando fiz a primeira pergunta, a respeito do que é ser um brincante, que se tornou uma tradição na vila. Duas alunas levantaram a mão, por que queriam falar um pouco, então, para ficar organizado, pedi que relatassem, cada uma por vez. Assim, houve a fala de Ivi: “Eu acho que qualquer meio cultural que a gente participa, é uma forma de mostrar que a cultura de certa forma ainda está viva”.

⁶³ Vide APÊNDICE I

⁶⁴ Vide APÊNDICE D

Os alunos sempre olhando uns para os outros, e a outra aluna Nori deu continuidade na resposta: “é, você manter a brincadeira sempre de pé, tipo, você não esquecer que existe uma cultura na vila, e dentro da escola não deixar morrer, né? Não deixar ficar esquecido”.

Assim, começamos uma discussão, e entrei com outra pergunta: “Na opinião de vocês, existe uma parceria da cultura popular/local e da escola?” Nesse momento, todos responderam juntos, como se estivéssemos numa sala que emitisse eco: “sim, com certeza, sempre, até demais!!”

Quando eu perguntei de que forma acontecia essa parceria, quatro alunas levantaram a mão para responderem, e assim foi:

Cleo responde que: “em projetos, atividades, a escola está sempre buscando colocar, tipo, a cultura nas atividades...”

Bianca comenta que: “às vezes não estamos interessados nessas coisas, mas a escola tenta incentivar a gente cada vez mais e não deixar a cultura nossa morrer...”

Yuri diz: “até porque, hoje em dia, ninguém quer fazer nada, porque as pessoas acham que a brincadeira não tem um valor...”

Lua se expressa com a seguinte fala: “na minha opinião, a brincadeira tem valor sim, o jongo, o ticumbi, a capoeira é uma ação cultural (coisa) cultural...”. Algumas risadas, e todos ficaram envergonhados, tímidos, quando a colega falou ‘coisa cultural’.

Durante as entrevistas, lembrei-me do projeto “Diversidade Cultural na Escola” que aconteceu nessa mesma escola, nos anos de 2018 e 2019, e perguntei-lhes se existe, ou já existiu algum projeto desenvolvido na escola.

Todos afirmaram que sim, ficando com a palavra a colega Yuri,

A gente acabou de fazer um projeto durante essa semana sobre “As contribuições da cultura afro-brasileira”, que foi nas aulas de história da professora Mariana. Foi falado das danças como, ticumbi, capoeira, jongo e outros, foi feito também uma aula sobre a culinária...(YURI, 14 anos, 2022).

A fala de Yuri foi interrompida por uma outra colega, a Ivi, que estava muito ansiosa para falar:

Outros professores procuram explorar a cultura trabalhando sobre as influências da cultura africana na nossa cultura, a professora de Língua Portuguesa, (a Branquinha), com o projeto de leitura “Asas da imaginação”. No Dia do Estudante também, aconteceu uma gincana para buscar atividades e informações sobre a nossa cultura, o 8º ano, que á a nossa turma apresentou o Reis de Boi... (IVI, 13 anos, 2022).

Lua interrompeu com a pergunta: “O forró pé-de-serra também é uma tradição cultural? Porque nossa turma fez uma apresentação tic-toc de forró”.

Respondi que o forró é uma tradição cultural extremamente importante na cultura local, que foi se modificando no decorrer dos anos e se transformando nesse famoso forró pé-de-serra. E continuei com a pergunta: “você, alunos, se interessam por atividades que acontece no interior da escola, através das manifestações culturais da vila?”

Todos responderam juntos: “sim!!”. Mas o aluno Noah levantou a mão para poder fazer seu registro: “na verdade, a gente gosta de estar participando do Reis de Boi, mas dá uma certa vergonha, mais a gente faz, que no final vale a pena, eu tive até que me vestir de mulher...”. (NOAH, 15 anos, 2022). Nesse momento, ouço risadas e risadas que transformam o ambiente. Quando, de repente, todos se voltam para o grupo, e uma outra colega com o nome de Bianca continuou:

No começo, tem aquela vergonha, mas na hora que você está fazendo, foi igual ao dia que eu fiz a apresentação do Reis de Boi, que eu fui o Vaqueiro e que Lua fez a Catirina, deu uma certa vergonha, mais na hora, até eu me diverti, a gente se divertiu... (BIANCA, 14 anos, 2022).

Nesse momento, muitas risadas e conversas paralelas. Então, pedi que retornassem para o foco do encontro. Então, perguntei quem poderia relatar alguma experiência nas brincadeiras desses grupos e como enxergam a parceria dessa cultura popular/local e a escola, aí foi a vez de Nori,

Eu já fiz capoeira, eu entrei na capoeira pra conviver mais com meus amigos, e acabei gostando da capoeira, eu me achei na capoeira. Eu tinha bastante afeto pelo antigo professor que morreu. Desde então, eu parei e fazer capoeira, vai que eu choro... (NORI, 14 anos, 2002).

A tristeza tomou conta dela e de todo o grupo, pois o professor mencionado, era muito querido por todos da comunidade, e a aluna Yuri continuou:

Esse negócio que o antigo professor faleceu também me afetava muito, mas o real motivo, que eu tinha parado de fazer capoeira e ter parado de fazer jongo, foi que eu mudei, eu morava em Itaúnas, só que eu tive que mudar pra Pedro Canário, e lá eu não encontrava um grupo de capoeira que eu me identificasse tanto quanto o grupo de Itaúnas. Eu até achava a capoeira de lá estranha, meio diferente, não era a mesma, e também lá, ninguém conhecia o Jongo, ninguém tinha a mínima ideia do que era Jongo, eu não me senti no lugar para fazer a coisa cultural que eu fazia. Então, quando eu voltei pra cá, em Itaúnas, eu e minha mãe procuramos logo pra voltar pra capoeira. Aí eu vim pra capoeira, me encontrei de novo, encontrei minhas amigas que continuavam fazendo e eu realmente me sinto bem, ao voltar a fazer capoeira. Pretendo voltar ao Jongo, porque, querendo ou não, não é só algo cultural que eu esteja fazendo parte da cultura, e sim que a cultura também está começando a fazer parte de mim (YURI, 14 anos, 2022).

Indaguei com a pergunta: “então existe um diálogo da cultura popular local e a escola, através dessas manifestações culturais?” Todos responderam que sim, que existe. A aluna Ivi, também queria deixar seu registro:

Olha, eu comecei a fazer capoeira desde bem pequenininha, pequenininha mesmo! Eu acompanhei Sissa, que ela é filha do falecido mestre de Capoeira, o Ademir. E até hoje, ela é minha amiga, minha prima, e ele era meu tio, e eu sempre acompanhei isso. E eu gosto muito de fazer, porque eu encontrei vários amigos, enfim, é uma coisa que quando você tá lá fazendo ‘*uhau*’, virando de cabeça para baixo e você volta pra cima, você vê que tá tudo no seu lugar e que você merece uma paz que tem lá!! (IVI, 13 anos, 2022).

Percebi que seus olhos brilhavam com algumas lágrimas, quase que a se derramarem, mas conteve-se diante de seus colegas, e assim um silêncio tomou conta, por alguns instantes, quando Lua pediu para completar:

Ehhh! Eu comecei a fazer capoeira quando eu cheguei aqui, era bem pequenininha, eu tinha uns 6 ou 5 anos. Só depois que eu cresci mais, que eu completei uns 11 anos, aí eu tive que me mudar, eu fui pro sítio, e como eu morava no sítio, não tinha possibilidade de vir pra vila fazer essa capoeira. Eu senti muita falta, mesmo assim, eu treinava todos os dias em casa, minha mãe achava que eu era doida” (LUA, 14 anos, 2022).

Algumas risadas tomaram conta do ambiente, mesmo assim ela continuou sua fala:

Aí, eu treinava todos os dias em casa e chegou o momento que meu irmão chegou e falou que iria poder me levar todos os dias, eu fiquei muito feliz, aí nisso que voltei a fazer, Yuri me chamou a voltar de novo, eu me animei demais, minha mãe achou isso muito legal de poder me interessar pela cultura e não ela querer me esforçar, me forçar no caso, porque eu gosto de verdade, e é isso, lá na capoeira eu conheci amigos, fiz novos amigos e me aproximei mais de outras pessoas (LUA, 14 anos, 2022).

Chegou a vez de Cleo deixar seu registro, ela já tinha pedido para falar, quando levantou a mão:

Eu participo do Jongo desde pequenininha, o Jongo de São Benedito (do Preto Velho aqui de Itaúnas). Quando eu era pequena, tipo, eu comecei a participar dessa dança através vendo os adultos, desde pequenininha que eu gostava de apresentar. E hoje, eu incentivo muitas pessoas a participar, a brincar, a conhecer um pouco dessa cultura, porque muitos não conhecem, não tem atração, acham que não valem de nada, mas, hoje em dia, a cultura tipo o Jongo e outras brincadeiras fazem parte. Como aqui, muitas vezes, a brincadeira é esquecida, tem várias viagens, às vezes, chamam outras pessoas de outros lugares, de Conceição da Barra, e de São Mateus, e a nossa brincadeira aqui da vila é a mais esquecida. Tipo o Reis de Boi de Lucas, o Jongo, a capoeira, de vez em quando, tem viagem, mas a nossa brincadeira ainda é esquecida. Tem gente que tenta ajudar, buscar e muitas vezes a gente tenta mostrar pra essas pessoas que a cultura aqui é origem africana, ela veio dos escravizados, enfim, mas pra mim a cultura, ela tem uma identidade e que muitos possam ter esse conhecimento, e participar sabe, não é uma coisa chata. Quando a gente tá participando, muitas vezes, a gente pode tá com problemas que, às vezes, faz a gente esquecer desses problemas, faz a gente se divertir com as pessoas e reunir mais com os amigos, com as pessoas... (CLEO, 14 anos, 2022)

A aluna também ficou com a expressão do rosto um pouco séria, talvez para não demonstrar alguma tristeza, mas sua amiga Sol, que estava ao seu lado, acalentou-a com um gesto carinhoso, e pediu para completar:

Eu nunca fiz nada do tipo, eu não me interessei tanto assim a ponto de querer fazer jongo, mas, realmente, jongo me chama muita atenção nessas coisas culturais. Minha avó me conta muito dos seus familiares que já morreram que fizeram isso, já viajaram pra vários lugares para brincar de jongo. Isso me interessa, mas não ao ponto de querer fazer. E sempre que tem na escola os projetos, que os professores pedem pra ler, ou apresentar sobre, é interessante, mas eu não cheguei a ponto de fazer nada. Mas as histórias que minha avó conta, que meu avô também contava sobre o jeito que eles brincavam, como eles brincavam, aonde eles brincavam, que depois que eles brincavam, eles iam lá e já tinha tudo pronto para eles comerem e tal... é interessante realmente saber a história de tudo, como os familiares faziam antigamente. Hoje em dia, não está tão assim, não tá todo mundo querendo fazer, porque, hoje em dia é... (SOL, 14 anos, 2022).

Ela suspirou e olhou para os colegas à procura de alguma frase para completar seu raciocínio, mas a amiga Bianca entrou com outra resposta: “eu também nunca participei de nenhuma dessas culturas, por conta que, quando era pequena, não por conta de religião católica, nada disso, mas, que minha mãe é evangélica, então dentro da igreja tinha “regras”. Ela fez um sinal com os dedos para enfatizar a palavra regras, por isso o destaque com aspas, e continuou a falar:

[...] que falavam que não podiam participar disso e daquilo, mas eu sempre olhava e queria muito. Então, quando eu era pequena, tipo, e agora com 14 anos perdi o interesse total, por conta que antes eu não podia fazer, não que minha mãe tem algum preconceito, mas por conta dela também não quer que as pessoas de dentro da igreja ficassem falando e cobrando em cima dela, por conta se eu fosse fazer, por isso, ela não deixava eu fazer. Aí, hoje eu perdi totalmente o interesse, mas pelo que meu tio conta, ele fazia de tudo pra conseguir ir brincar nos grupos, e aproveitava muito e até hoje vários grupos conhecem ele e eles pedem pra brincar, e meu primo Tarcísio também gosta muito de fazer capoeira, ele é bem dedicado, e quando tem qualquer apresentação, ele vai e eu vejo que ele gosta bastante. E eu perdi o interesse por conta que quando era mais nova eu nunca pude fazer (BIANCA, 14 anos, 2022).

Além das histórias compartilhadas, o envolvimento dos alunos durante a pesquisa foi muito significativo e relevante, pois o entusiasmo deles se tornou nítido durante suas falas, e, para cada pergunta, já havia uma resposta, que quase se atropelavam entre uns e os outros.

Via-se, estampado em seus rostos e gestos, todo o empenho, cuidado, carinho e dedicação, não só com os grupos culturais existentes na vila, mas com a cultura local em geral.

Seja qual for a temática, contudo que a temática em questão faça parte do desenvolvimento pedagógico, que para Moreira e Candau (2003, p. 159) “Não se pode conceber uma experiência pedagógica “desculturalizada”, em que a referência cultural não esteja presente”.

Segundo Saviani (1994), a Educação é a forma que o homem tem de se apropriar da produção de conhecimento, gerado ao longo da história pela humanidade, pela cultura, pela história dos homens que se formam como indivíduos e que produzem também, coletivamente, novos conhecimentos.

3.2 CONCLUSÃO

Depois das minhas inquietações e interesse pelo tema proposto, caminho na direção de uma possível conclusão, podendo dizer que inacabada, mas com muitas reflexões.

Esta pesquisa teve como objetivo central investigar a cultura popular local e o diálogo com a escola. A princípio, realizei uma breve descrição sobre o município de Conceição da Barra e um histórico sobre a vila de Itaúnas, região de ocupação antiga de forte presença indígena e negra, e conseqüentemente traz a grande herança cultural desses povos. Na atualidade a cultura é um forte traço de identificação de afirmação da identidade e está presente na escola, perpassando, dessa maneira, a categoria “folclore”.

Na medida que a pesquisa foi ganhando corpo, novas questões suscitavam e, assim, fui percebendo a dimensão e o significado das brincadeiras desses sujeitos, em sua maioria, descendentes de indígenas e negros escravizados, que, através das experiências vividas, se tornando, cada vez mais, um importante papel para a cultura popular local, chamando a atenção para a grande concentração de pessoas que são atraídas pelos fogos e cantórios desse fenômeno cultural.

Sendo assim, destaca-se a perspectiva adotada para explicitação desse diálogo, utilizando fragmentos das entrevistas com atores sociais representativos da escola e da cultura popular local. Todas as entrevistas foram registradas no formato de gravação tipo arquivo AAC e transcritas com fidedignidade. A partir dos relatos dos atores pesquisados, observou-se um universo cultural local e o papel central da escola e da comunidade.

Dessa forma, é notório, através das entrevistas, o destaque dado ao dialogismo entre os grupos culturais e a escola. Considerou-se o histórico vivido pelos grupos culturais antes da pandemia COVID-19, entre os anos de 2019 a 2021, que atentaram para a interrupção das mais variadas representações, que veio reiterar a invisibilidade da cultura popular local, fazendo com que se reinventassem ou paralisassem todo o processo de suas apresentações coletivas, principalmente na escola, e com a escola, por esta ter se encontrado em um isolamento social.

Ressalto, nesta pesquisa, o projeto “Diversidade cultural na escola”, que aconteceu entre os anos de 2018 e 2019, fortalecendo, dessa maneira, o senso de pertencimento da cultura popular local, e o enriquecimento e significado da prática cultural em conjunto com a escola, com respeito à sua identidade.

É fato que, considerar a cultura popular local e o diálogo com a escola, me permitiu aproximar-me dos brincantes e conhecer suas histórias de vida, e assim compreender todos esses elementos, fantasias e técnicas, através das mais variadas oficinas (chapéus, pandeiros, bichos e máscaras, pois de acordo com Marc Bloch (2001, p. 128), “*Uma palavra, em suma, domina e ilumina os nossos estudos: Compreender...*”, é através da compreensão e não do julgamento que o historiador deve analisar os fatos.

Peço licença a esses brincantes e demais colaboradores para contar um pouco da sua história e experiência vivida através das mais íntimas lembranças, assim podendo compartilhar com todos os que admiram a cultura popular, em especificidade aos grupos culturais existentes na vila de Itaúnas, que diretamente ou indiretamente contribuíram para um saber, não só para um saber local, mas para um saber pedagógico.

Os pesquisadores da cultura precisam ter em mente que qualquer material produzido pelo homem faz parte da cultura, ou seja, toda e qualquer manifestação que evoca a cultura popular, mesmo que ainda a cultura popular é vista como “subcultura” (Certeau, 2008), gerando assim um certo preconceito, mas, conforme nos descreve Certeau (2008), o que era antes excluída, agora, a cultura popular pode ser vista como fenômeno de pesquisa, e, por sua vez, relacionada a uma identidade cultural.

Espera-se, através desta pesquisa, contribuir para outros estudos e na discussão de uma prática pedagógica, através dos professores em relação à importância da utilização de projetos, que abordam a cultura, e das diversas fontes históricas, não somente com a disciplina de história, mas com todas as outras disciplinas, em um entrelaçamento da interdisciplinaridade e, assim, propiciar transformações e mudanças na sociedade, principalmente, nas questões afro-brasileiras.

É notório que, nas últimas décadas, verifica-se o crescimento da vila, e por último, com o asfaltamento fez com que acelerasse cada vez mais esse crescimento, impactando dessa maneira a cultura local.

Também de acordo com Moreira e Candau (2003) é a questão da visão monocultural da educação, ou seja, os “outros”, os “diferentes”. E diante desse cenário, a escola passa a ser um espaço de cruzamento entre as diferentes culturas, gerando diálogo além de aproximar a cultura popular local aos atores da educação escolar, através das mais variadas práticas culturais.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Maciel. **Brincantes e Quilombolas**. Memorial Editora e Livraria. São Mateus (ES). 2005.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BENJAMIN, Walter. Prefácio. Jeanne Marie Gagnebin. “Walter Benjamin ou a história aberta” in: **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. (Obras escolhidas v.1). Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 1. ed., Brasiliense, 1985. P. 7-19.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História, ou ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BORGO, Ivan; Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa; Renato Pacheco. **Norte do Espírito Santo: Ciclo Madeireiro e povoamento**. Edufes: Vitória-ES, 1996.

BURKE, Peter. **O que é história cultural**. Rio de Janeiro. Editora: Jorge Zahar, 2004.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Currículo sem Fronteiras: Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. R.J. v.11, n.2, pp.240-255, Jul/Dez 2011.

CARVALHO Francismar Alex Lopes de. O Conceito de Representações Coletivas segundo Roger Chartier. *Diálogos – Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História*, vol. 9, núm. 1, 2005, pp.143-165. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305526860011>

CASTRO, Monica Rabello de; FERREIRA, Giselle; GONZALEZ, Wania. **Metodologia da pesquisa em educação**. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial, 2013. ISBN: 978-85-66293-01-2.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**: Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Revisão Técnica: Arno Vogel. Forense Universitário - Rio de Janeiro, 1982. (p. 5 a 71)

_____ **A invenção do cotidiano**. Petrópolis – Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1980.

_____ **A cultura no plural**. Campinas, São Paulo: Papiros, 1995.

CERTEAU, Michel de. GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar**. Petrópolis – Rio de Janeiro. Editora: Vozes, 1996.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**, Lisboa: DIFEL, 1990.

_____ **Cultura Popular**. Revisitando um conceito historiográfico. *Estudos avançados*. Rio de Janeiro. Vol. 8, nº 16, 1995.

Cf. RUSCHI, Augusto. **Fitogeografia do Estado do Espírito Santo**. Vitória, 1955.

CHAUÍ, M. & OLIVEIRA P. S. **Filosofia e sociologia**. São Paulo: Ed. Ática, 2009.

FERREIRA, A. B. de H. **Minidicionário**: Aurélio Século XXI: Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2001.

FONSECA, Hermógenes Lima. **A vila de Itaúnas**: a vila que foi soterrada. Folhetos da memória popular. Conceição da Barra: Edições Cricaré, 1980.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HACON, Vanessa. Para Além das Dunas: Conflitos ambientais relacionados ao Parque Estadual de Itaúnas. 2011, 225 f. Dissertação de (Mestrado em psicossociologia) Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS), Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2011.

HOBBSAWM, Eric. & RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. Págs 9-23.

JOSÉ, João Reis & GOMES, Flavio dos Santos (org.) **Liberdade por um fio**: História dos quilombos no Brasil. Editora Claro Enigma. São Paulo. 2016. (p. 29 a 57)

KOZEL, S. T. **Mapas mentais – uma forma de linguagem**: perspectivas metodológicas IN: Kozel, S. Costa e Silva, J, Gil Filho, S, F. (orgs) Da Percepção e cognição à representação: Reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem, 2007.

LEVIN, J. **Estatística aplicada a ciências humanas**. 2ª ed. São Paulo: Harbra, 1985.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LYRA, Maria Bernadete Cunha de. O jogo cultural do ticumbi. Dissertação de Mestrado em comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 1981.

MACIEL, Cleber. **Negros no Espírito Santo**. Org. Oswaldo Martins de Oliveira. 2ª ed. Vitória, 2016. Arquivo público do Estado do Espírito Santo, p. 203 a 218.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragem e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MEDEIROS, Rogério. **O ticumbi rebelde das mulheres**. Seculário diário. Edição de 12 a 13 de março de 2005. Vitória – ES. Disponível em: http://www.seculariodiario.com.br/arquivo/2005/março/12_13/reportagens/12_03_01.asp> Acesso em 01/09/2022

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro** / Edgar Morin: tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya, revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NEVES, Guilherme Santos. Coletânea de estudos e registros do folclore capixaba: 1944-1982/ Guilherme Santos Neves: seleção, organização e edição de texto: Reinaldo Santos Neves. – Vitória: Centro Cultural de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo, 2008. 2 v.:il.: 23cm. ISBN 978-85-99380-03-1.

QUINQUIN, Marli. **Entre Saberes**: A brincadeira Reis de Boi na tessitura de práticas dialogadas em uma experiência visível nos anos iniciais do ensino fundamental. 2019. 178 f. Dissertação (Mestrado em Ensino da Educação Básica) Programa de Pós-Graduação em Ensino da Educação Básica, Universidade Federal do Espírito Santo, Campus São Mateus. São Mateus, 2019.

RIBEIRO, D. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SALGADO, I. M. O Reflorestamento com Eucaliptos em Conceição da Barra (ES): Aspectos dos Impactos Ecológicos e Econômicos-Sociais. 1995. 200f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais e Florestais) - Faculdade de Engenharia Florestal, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

SALGADO, I. M.; ALIMONDA, H. A. Reflexões sobre o monocultivo de eucalipto em Conceição da Barra (ES-Brasil) e seus efeitos desfavoráveis. Estudos Sociedade e Agricultura, v. 24, n. 2, p. 523-544, 2016.2

SAVIANI, D. **Sobre a natureza e especificidade da educação**. In: SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. São Paulo: Cortez, 1994.

SEEMANN, Jorn. **Linhas imaginárias na cartografia**: a invenção do primeiro meridiano. In: _____. (org.). **A aventura cartográfica**: perspectivas e reflexões sobre a cartografia humana. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006. P. 111-129.

SILVA, Petronilha B. Gonçalves. Espaços para as relações interétnica: contribuições da produção científica e da prática docente, entre gaúchos, sobre negros e educação. IN: A escola cidadã no contexto da globalização. SILVA, Luiz H (org). Petrópolis: Vozes, 1999.

SIQUEIRA, Jane Severiano; OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. Artigo: O jongo de São Benedito e o samba do tempo antigo: uma análise das narrativas dos jongueiros da região norte do Espírito Santo.

TONNIES, F. **Community & Society**. New York: Harper & Row, 1963.

VELHO, Gilberto; CASTRO, EV de. **O Conceito de Cultura e o Estudo das Sociedades Complexas**: uma perspectiva de cultura. Rio de Janeiro. Conselho Estadual de Cultura, n. 1, jan. 1978.

WIED-NEUWIED, Príncipe Maximiliano de. Prinz Von Wied (1782-1867). **Viagem ao Brasil** - Col. Reconquista do Brasil (2.^a série) vol. 156. São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1989, p.169-173.

XAVIER, Maria A. de Sá. Ticumbi e arte de curar na comunidade da Vila de Itaúnas, Conceição da Barra, ES, como expressões de espacialidades _2008. Tese do Programa de Pós-graduação em Geografia. Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2009

Livro: ARACRUZ CREDO: 40 anos de violações e resistência no ES. Orgs: Helder Gomes e Winnie Overbeek. Editado por Patrícia Bonelha. Vitória, 1ª edição, 2011, (p. 35 a 53).

Livro: Catálogo de Bens Culturais Tombados no Espírito Santo. (Secretaria de Estado de Educação e Cultura – Conselho Estadual de Cultura – Universidade Federal do Espírito Santo) [s.d.]

Plano de Manejo do Parque Estadual de Itaúnas: Encarte 01 – Informações gerais do Parque. CEPEMAR Ltda. Vitória, ES. Ago. 2004

_____. Encarte 02 – Contexto Estadual. CEPEMAR Ltda. Vitória, ES. Ago. 2004.

_____. Encarte 03 – Contexto Regional. CEPEMAR Ltda. Vitória, ES. Ago. 2004

_____. Encarte 04 – Diagnóstico: Meio Antrópico, biótico, fauna e meio físico.

_____. Encarte 05 – Planejamento da Unidade de Conservação: Programas de manejo e desenvolvimento, CEPEMAR Ltda. Vitória, ES. Ago. 2004.

História de Conceição da Barra Disponível em: acesso em 28/10/2021

<https://www.visiteobrasil.com.br/sudeste/espírito-santo/rota-do-verde-e-das-aguas/historia/conceicao-da-barra>

Site: [www.significados.com.br/capoeira-arte e cultura](http://www.significados.com.br/capoeira-arte-e-cultura). Acesso aos 23/04/2022

_____. BRASIL. Lei nº9.394/96 20 de dezembro de 1996 Estabelece a Lei de diretrizes e bases da educação nacional - LDB (artigos relativos a pluralidade cultural)

ENTREVISTAS (concedidas a Claudia Alves Silva)

CAMILLO, Angelo (Caboquinho) – Mestre do Ticumbi de Santa Clara. **Entrevista gravada** aos 16/06/2022 na varanda da residência do entrevistado, na vila de Itaúnas, Conceição da Barra/ES. Arquivo AAC – 18,3 MB, 10:18.

CAMPOS, Veratriz Souto. Diretora da EMEF Benônio Falcão de Gouveia no período de 2008 a 2019. **Entrevista gravada** aos 17/05/2022, na Biblioteca Hermógenes Fonseca, (Parque Estadual de Itaúnas), vila de Itaúnas, Conceição da Barra/ES. Arquivo AAC – 22,2 MB, 13:42

CARECA, Alexsandro Chaves de Oliveira. Membro do Alardo. **Entrevista gravada** aos 14/06/2022 na quadra poliesportiva da vila de Itaúnas, Conceição da Barra/ES. Arquivo AAC – 11,2 MB, 13:50.

FALCÃO, João de Deus (João Quemode). Mestre do Ticumbi de Itaúnas. **Entrevista gravada** aos 23/06/2022 na praça em frente a igreja da vila de Itaúnas, Conceição da Barra/ES. Arquivo AAC – 10,1 MB, 14:35.

FILHO, Benedito Conceição, (Preto Velho). Mestre do Jongo de São Benedito. **Entrevista gravada** aos 28/05/2022 na varanda da residência da pesquisadora, na vila de Itaúnas, Conceição da Barra/ES. Arquivo AAC – 25,9 MB, 12:01.

GRUPO FOCAL com os alunos do 8º Ano (séries finais). **Gravado aos** 29/11/2022 na sala de leitura da EMEF Benônio Falcão de Gouveia na vila de Itaúnas, Conceição da Barra/ES. Arquivo AAC – 34,8 MB, 11:16.

LOUREIRO, Maria Inês. Festeira do Ticumbi de Santa Clara. **Entrevista gravada** aos 27/05/2022, na varanda da residência da entrevistada na vila de Itaúnas, Conceição da Barra/ES. Arquivo AAC – 51,2 MB, 09:55.

MAIA, Lucas. Mestre do Reis de Boi. **Entrevista gravada** aos 23/05/2022, no ‘Viveiro Comunitário’, da vila de Itaúnas, Conceição da Barra/ES. Arquivo AAC - 45,2 MB, 24:27.

MOURÃO, Raoni. Mestre de Capoeira do grupo Abadá. **Entrevista gravada** aos 27/05/2022 na área gourmet da pesquisadora, na vila de Itaúnas, Conceição da Barra/ES. Arquivo AAC – 18,4 MB, 10:58.

PAIXÃO, Cleuza Campos. Membro do Jongo de São Benedito. **Entrevista gravada** aos 10/06/2022 na cozinha da residência da entrevistada, na vila de Itaúnas, Conceição da Barra/ES. Arquivo AAC – 9,94 MB, 11:16.

PAULA, Helen Lúcia de Oliveira de. Diretora da EMEF Benônio Falcão de Gouveia do de 2020 até a presente data. **Entrevista gravada** aos 17/10/2022 na EMEF Benônio Falcão de Gouveia na vila de Itaúnas, Conceição da Barra/ES. Arquivo AAC – 10,6 MB, 14:21.

RIBEIRO, Anízio. Mestre do Ticumbi do Bongado. **Entrevista gravada** aos 330/06/2022 na praça da vila de Itaúnas, Conceição da Barra/ES. Arquivo AAC – 34,3 MB, 11:48.

SANTANA, Paulo Lopes, (Paulo Jácó). Artesão e pescador. **Entrevista escrita** aos 06/04/2022, no Vilarejo Aldeia na Vila de Itaúnas, Conceição da Barra/ES, 2022.

SANTOS, Mariana dos. Professora de História. **Aula gravada** aos 08/11/2022 na sala de aula da EMEF Benônio Falcão de Gouveia na vila de Itaúnas, Conceição da Barra/ES. Arquivo AAC – 58,0 MB, 11:16.

VERNEZITA, Manoel da Paixão. Mestre do Samba de São Benedito. **Entrevista gravada** aos 14/06/2022 na varanda da residência do entrevistado, na vila de Itaúnas, Conceição da Barra/ES. Arquivo AAC – 13,3 MB, 14:34.

**APÊNDICE A –
Roteiro da Entrevista com o morador da Aldeia**

1.OBJETIVO DA ENTREVISTA

Propiciar um diálogo entre um representante da população local e o pesquisador, para subsidiar dados para o estudo.

2. A PESQUISA

Esta é uma pesquisa que está sendo desenvolvida na comunidade da Vila de Itaúnas, Conceição da Barra/ES e se trata de um estudo detalhado da importância da cultura popular/local e o diálogo com a escola na vila de Itaúnas, Conceição da Barra/ES, enfatizando os grupos folclóricos existentes. Nesse primeiro momento está sendo desenvolvido todo um histórico da vila, nesse caso, sua participação é de suma importância, por ser um dos primeiros moradores da Aldeia (vilarejo ao entorno da vila). Fica optativo, a revelação de sua identidade ou caso preferir, não revelaremos. Esta entrevista será registrada através de escrita, antes de assinar lida para o entrevistado.

3. ROTEIRO

3.1 – IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Nome completo: _____

Idade: _____

Profissão: _____

Local de moradia: _____

Quanto tempo você reside neste local: _____

Escolaridade: _____

De que tribo faz parte a descendência de vocês aqui da Aldeia? _____

Relate para nós por que o nome Aldeia: _____

Assinatura: _____ Data: ___/___/___

APÊNDICE B –

Roteiro da Entrevista com a diretora da EMEF “Benônio Falcão de Gouveia” no período de 2008 a 2019

1.OBJETIVO DA ENTREVISTA

Propiciar um diálogo entre a diretora da escola e o pesquisador, para subsidiar dados para o estudo.

2. A PESQUISA

Esta é uma pesquisa que está sendo desenvolvida na comunidade da Vila de Itaúnas, Conceição da Barra/ES e se trata de um estudo detalhado da importância da cultura popular/local e o diálogo com a escola, enfatizando os grupos culturais (folclóricos) existentes na vila. Nesse primeiro momento está sendo desenvolvido todo um histórico da vila, nesse caso, sua participação é de suma importância, por ter contribuído na gestão da escola no período de 2008 a 2019, e ter participado de vários projetos culturais. Fica optativo, a revelação de sua identidade ou caso preferir, não revelaremos. Esta entrevista será registrada gravada, e antes de assinar lida para o entrevistado, logo após será compilado os dados pela pesquisadora.

3. ROTEIRO

3.2 – IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Nome completo: _____

Idade: _____

Profissão: _____

Local de moradia: _____

Quanto tempo você reside neste local: _____

Escolaridade: _____

Quantos anos ficou na escola como diretora _____

Relate para nós de que forma aconteciam os projetos culturais, e como você enxerga esse diálogo entre a cultura popular local e a escola.

Assinatura: _____ Data: ___/___/___

APÊNDICE C –

Roteiro para Entrevista com os Mestres dos grupos culturais

1. OBJETIVO DA ENTREVISTA

Propiciar um diálogo entre os representantes dos Grupos Culturais existentes na vila e o pesquisador, para subsidiar dados para o estudo.

2. A PESQUISA

Esta é uma pesquisa que está sendo desenvolvida na comunidade da Vila de Itaúnas, Conceição da Barra/ES e se trata de um estudo detalhado da importância da cultura popular/local e o diálogo com a escola, enfatizando os grupos culturais existentes na vila. Nesse segundo momento está sendo desenvolvido todo um histórico das brincadeiras desses grupos culturais, nesse caso, sua participação é de suma importância, por ser um dos brincantes. Fica optativo, a revelação de sua identidade ou caso preferir, não revelaremos. Esta entrevista será registrada através transcrição da gravação do participante, e antes de assinar o presente roteiro, será lido para o entrevistado.

3. ROTEIRO

3.1 – IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Nome completo: _____

Idade: _____

Profissão: _____

Local de moradia: _____

Quanto tempo você reside neste local: _____

Escolaridade: _____

De qual grupo cultural (folclórico) você é membro? _____, desde quando?

Relate para nós, como é ser um brincante de um grupo cultural: _____

3.3 – OS GRUPOS E A ESCOLA

Na sua opinião, existe uma parceria da cultura popular/local desses grupos culturais e a escola?

De que forma acontece essa parceria? _____

Existe um projeto que é desenvolvido dentro da escola para esses encontros?

Se sim, de que forma é trabalhado na prática cotidiana da escola? _____

Quando começa esses ensaios na escola? _____

Para participar do grupo cultural da escola existe critérios? Quais? _____

Você participa dessa parceria na escola? _____

Na sua opinião, os alunos se interessam por essa pratica que acontece no interior da escola através desses grupos culturais? _____

Como são as apresentações desses grupos na escola? _____

Em quais momentos acontecem as apresentações? _____

Relate para nós sua experiência das brincadeiras e como você enxerga o diálogo dessa cultura popular com a escola: _____

Assinatura: _____ Data: ___/___/___

APÊNDICE D –**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE**

O(a) Senhor(a) foi convidado(a) a participar da pesquisa sobre “A cultura popular e o diálogo com a escola na vila de Itaúnas, Conceição da Barra/ES”, sendo que a proposta inicial será com os alunos do 8º Ano (anos finais), do ensino fundamental, e os Mestres dos Grupos culturais existentes na vila.

Eu, _____, residente e morador (a) _____, portador (a) da Carteira de Identidade (RG) _____, nascido (a) em __/__/____, concordo livre e espontânea vontade em participar como voluntário (a) a pesquisa acima mencionada. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto as dúvidas por mim apresentadas. Estou ciente que:

1. A pesquisa tem por finalidade investigar a Cultura popular local e o diálogo com a escola através dos grupos culturais existentes na vila.
2. A pesquisa será realizada através de entrevistas com os mestres dos grupos culturais existentes, tendo ligações com a cultura local e a escola, serão gravadas e transcritas.
3. Critérios para participar da pesquisa: a) é necessário que seja membro de grupo cultural (folclórico) existente da vila, e tenha contato com a escola; b) concordar em participar do estudo por livre e espontânea vontade e assinar o Termo de consentimento Livre e esclarecido - TCLE.
4. A pesquisa não traz nenhum risco, mesmo assim a pesquisadora compromete dar apoio e atenção durante o processo das gravações e entrevistas.
5. Caso haja dúvidas, favor procurar a responsável pela pesquisa, a Senhora Claudia Alves Silva, através do celular (27) 99841 6081, residente na avenida Bento Daher, s/nº, Vila de Itaúnas, Conceição da Barra-ES, CEP 29960 000.
6. O (a) não é obrigado a participar da pesquisa, podendo deixar de participar dela a qualquer momento, sem que haja penalidades ou prejuízos decorrentes de sua recusa. Dessa forma não sendo mais contatado pelo pesquisador.
7. As informações obtidas neste estudo serão mantidas em sigilo e; em caso de publicações científicas, os dados pessoais não serão mencionados.

8. O (a) Sr(a) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago para sua participação.

9. Caso eu desejar, poderá pessoalmente tomar conhecimento dos resultados ao final desta pesquisa diretamente com a responsável pela pesquisa.

DECLARO, que fui verbalmente informado e esclarecido sobre o presente documento, entendendo todos os termos acima expostos, e que voluntariamente aceito a participar deste estudo. Também declaro ter recebido uma via deste Termo de Consentimento livre e Esclarecido, de igual teor, assinada pela pesquisadora principal, rubricada em todas as páginas.

Conceição da Barra, ____ de _____ 2022.

(nome e assinatura do participante)

APÊNDICE E –**Termo de Autorização de Uso de Imagem e voz para Menores de Idade**

Eu, _____, nacionalidade _____
estado civil _____, portador (a) da Carteira de Identidade RG nº _____
inscrito do CPF sob nº _____, residente _____
_____ cidade _____

E no estado _____. Responsável legal pelo (a) menor
_____ portador de identidade RG _____

Autorizo o uso de imagem e voz do menor supracitado (a) em todo e qualquer material entre fotos, vídeos e documentos, para ser utilizada na pesquisa: A cultura popular/local e o diálogo com a escola na vila de Itaúnas, Conceição da Barra/ES, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) pesquisa científica; (II) folder de apresentação; (III) publicações em revistas e jornais em geral; (IV) home page; (V) cartazes; (VI) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, hipermídia, Internet, entre outros).

Por ser esta a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Conceição da Barra, _____ de _____ 2022.

(Assinatura do responsável do menor)

Responsável: Claudia Alves Silva
E-mail: claudiasalvez@gmail.com
Telefone: (27) 99841 6081

APÊNDICE F –

Roteiro da Entrevista com a Festeira (madrinha) do grupo cultural

1.OBJETIVO DA ENTREVISTA

Propiciar um diálogo entre a Festeira (madrinha) dos grupos culturais existente da vila e o pesquisador, para subsidiar dados para o estudo.

2. A PESQUISA

Esta é uma pesquisa que está sendo desenvolvida na comunidade da Vila de Itaúnas, Conceição da Barra/ES e se trata de um estudo detalhado da importância do diálogo entre a cultura popular/local e a escola, enfatizando os grupos culturais (folclóricos) existentes na vila. Nesse primeiro momento está sendo desenvolvido todo um histórico da vila, nesse caso, sua participação é de suma importância. Fica optativo, a revelação de sua identidade ou caso preferir, não revelaremos. Esta entrevista será registrada gravada, e antes de assinar lida para o entrevistado, logo após será compilado os dados pela pesquisadora e transcrita.

3. ROTEIRO

3.1– IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Nome completo: _____

Idade: _____

Profissão: _____

Local de moradia: _____

Quanto tempo você reside neste local: _____

Escolaridade: _____

De qual grupo (folclórico) você é festeira (madrinha) _____

Relate para nós, como é ser uma festeira (madrinha) de um grupo cultural.

Assinatura: _____ Data: ___/___/___

APÊNDICE G –

Roteiro da Entrevista com a diretora da EMEF “Benônio Falcão de Gouveia”, no período de 2019 até a presente data

1.OBJETIVO DA ENTREVISTA

Propiciar um diálogo entre a diretora da escola e o pesquisador, para subsidiar dados para o estudo.

2. A PESQUISA

Esta é uma pesquisa que está sendo desenvolvida na comunidade da Vila de Itaúnas, Conceição da Barra/ES e se trata de um estudo detalhado da importância da cultura popular/local e o diálogo com a escola, enfatizando os grupos culturais (folclóricos) existentes na vila. Nesse primeiro momento está sendo desenvolvido todo um histórico da vila, nesse caso, sua participação é de suma importância. Fica optativo, a revelação de sua identidade ou caso preferir, não revelaremos. Esta entrevista será registrada gravada, e antes de assinar lida para o entrevistado, logo após será compilado os dados pela pesquisadora e transcrita.

3. ROTEIRO

3.1– IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Nome completo: _____

Idade: _____

Profissão: _____

Local de moradia: _____

Quanto tempo você reside neste local: _____

Escolaridade: _____

Quantos anos está como diretora na EMEF Benônio Falcão de Gouveia _____

Relate para nós de que forma acontecem os projetos culturais, e como você enxerga esse diálogo entre a cultura popular local e a escola.

Assinatura: _____ Data: ___/___/___

APÊNDICE H

Culminância das aulas sobre “As contribuições da cultura afro-brasileira”

8:00 – Início come abertura com a fala da professora Mariana dos Santos

8:30 – Apresentação do Reis de Boi com os alunos do 8º ano (anos finais)

8:50 – Apresentação do Ticumbi com os alunos do 7º ano (anos finais)

9:15 – Exposição e apreciação dos pratos da culinária africana, confeccionados pelos alunos do 8º ano (anos finais)

- Exposição dos artesanatos, confeccionados pelas outras turmas

9:50 – Intervalo, merenda (feijão tropeiro)

10:20 – Encerramento com a Roda de capoeira com os alunos do 9º ano (anos finais), e amostragem dos instrumentos

APÊNDICE I

Roteiro para nortear o encontro com o Grupo Focal composto de 8 alunos

1. OBJETIVO DA ENTREVISTA

Propiciar um diálogo em relação a cultura popular/local e a escola, através de um grupo focal, composto de 8 alunos do 8º ano (anos finais), da EMEF “Benônio Falcão de Gouveia”, para subsidiar dados para o estudo.

2. A PESQUISA

Esta é uma pesquisa que está sendo desenvolvida na comunidade da Vila de Itaúnas, Conceição da Barra/ES e se trata de um estudo detalhado da importância da cultura popular/local e o diálogo com a escola, enfatizando os grupos culturais existentes na vila. Nesse segundo momento, está sendo desenvolvido todo um trabalho na escola, através de entrevista com a diretora atual, participação através de observação em duas aulas (50 min), de história na turma do 8º ano (anos finais), para reconhecimento dos alunos, participação na culminância do trabalho desenvolvido pela professora sobre as contribuições da cultura afro brasileira no nosso país. Nesse caso, a participação de vocês alunos, é de suma importância. Fica optativo, a revelação da identidade de vocês, ou caso preferirem, não revelaremos. Esta entrevista será registrada através de transcrição da gravação desse encontro do grupo focal, e antes de assinar o presente roteiro, será lido para a professora, a qual é responsável pela participação de vocês alunos.

3. ROTEIRO

3.1 – IDENTIFICAÇÃO DA TURMA

Ano/série _____

Quantidade de alunos no grupo focal _____

Primeiro nome de cada aluno _____

Faixa etária por ordem dos nomes _____

Local de moradia: _____

vocês participam de algum grupo cultural da vila? _____, se sim, desde quando?

Relate para nós, como é ser um personagem que se tornou tradicional _____

3.2 – O PERSONAGEM E A ESCOLA

Na opinião de vocês, existe uma parceria da cultura popular/local e a escola?

De que forma acontece essa parceria? _____

Existe ou já existiu algum projeto que é desenvolvido nas escola para esses encontros?

Se sim, de que forma é trabalhado na prática cotidiana da escola? _____

Vocês alunos se interessam por essa prática que acontece no interior da escola através das manifestações culturais _____

Em quais momentos acontecem essas apresentações? _____

Relate para nós alguma experiência de brincadeiras, ou de encenação, e como vocês enxergam o diálogo dessa cultura popular/local com a escola: _____

Assinatura da professora responsável da disciplina de história

_____ Data: ___/___/___